



Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Antropologia

**AS SOLICITAÇÕES DO CORPO QUE MUDA: A CONSTRUÇÃO
SUBJETIVA DA REPRESENTAÇÃO DA GRAVIDEZ NA
ADOLESCÊNCIA E A INCORPORAÇÃO DO HABITUS DA
MATERNAGEM EM GAIBU, PERNAMBUCO.**

RAFAEL DE FREITAS DIAS ACIOLY

Recife
2013

RAFAEL DE FREITAS DIAS ACIOLY

**AS SOLICITAÇÕES DO CORPO QUE MUDA: A CONSTRUÇÃO
SUBJETIVA DA REPRESENTAÇÃO DA GRAVIDEZ NA
ADOLESCÊNCIA E A INCORPORAÇÃO DO HABITUS DA
MATERNAGEM EM GAIBU, PERNAMBUCO.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação do professor Dr. Russell Parry Scott, para obtenção do título de mestre em Antropologia.

Recife
2013

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria Janeide Pereira da Silva, CRB4-1262

A181s Acioly, Rafael de Freitas Dias.
As solicitações do corpo que muda : a construção subjetiva da representação da gravidez na adolescência e a incorporação do habitus da maternagem em Gaibu, Pernambuco / Rafael de Freitas Dias Acioly. – 2013.

124 f. : il. ; 30 cm.

Orientador : Prof. Dr. Russell Parry Scott.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-graduação em Antropologia, 2013.

Inclui Referências e anexos.

1. Antropologia. 2. Gravidez – Adolescentes. 3. Maternidade – Adolescentes. 4. Pernambuco – Desenvolvimento econômico. I. Scott, Russell Parry Scott (Orientador). II. Título.

301 CDD (22. ed.)

UFPE (BCFCH2017-036)

RAFAEL DE FREITAS DIAS ACIOLY

**AS SOLICITAÇÕES DO CORPO QUE MUDA: A CONSTRUÇÃO
SUBJETIVA DA REPRESENTAÇÃO DA GRAVIDEZ NA
ADOLESCÊNCIA E A INCORPORAÇÃO DO HABITUS DA
MATERNAGEM EM GAIBU, PERNAMBUCO.**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, sob orientação do professor Dr. Russell Parry Scott, para obtenção do título de mestre em Antropologia.

Aprovado em: 27/08/2013

BANCA EXAMINADORA

Russel Parry Scott

(Orientador)

Luis Felipe Rios

(Titular Interno)

Maria da Conceição Lafayette de Almeida

(Titular Externo)

A Henrique Scott, para ele colocar essa dissertação em sua pasta.

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a Teresa Maria, minha companheira e minha amiga. Foi de substancial importância a presença dela para a finalização desse trabalho. Os momentos de desânimos foram muitos e a convicção de Teresa em mostrar-me o quanto eu conquistei com a realização desse trabalho está presente em todas as linhas aqui escritas. Não poderia deixar de agradecer a minha mãe pela sensibilidade e carinho em perceber a exaustão devido às excessivas horas de trabalho.

Agradeço ao meu orientador (Russel Parry Scott) pela paciência com as minhas demoras. Agradeço também as valiosas sugestões e ajudas nos desembaraços de nós que pareciam nós cegos. Sem esquecer de agradecer, também, pela grande oportunidade em participar da pesquisa *Três polos*, que possibilitou a realização dessa pesquisa.

Agradeço a Rosangela e Dayse, duas amigas e companheiras de trabalho que me ajudaram a compartilhar muitas dúvidas e angústias nos percalços surgidos no processo de construção do presente trabalho.

Quero agradecer a José Hildo, Normando e Flávia Peres, pessoas amigas que se dedicaram em fazer leituras cuidadosas em partes desse trabalho.

Agradeço à professora Marion Quadros e ao professor Luis Felipe Rios pelas contribuições tanto na banca de qualificação como nas disciplinas ofertadas, que me possibilitaram leituras importantes para pensar essa pesquisa.

À professora Maria da Conceição Lafayette de Almeida, agradeço, pela disponibilidade em participar da banca de defesa dessa dissertação.

Gostaria de agradecer a todo o grupo de funcionárias do PPGA com destaque para Carla Neves e Ademilda, duas pessoas extremamente carinhosas e dispostas para solucionar os problemas burocráticos.

Agradeço a toda equipe do Instituto PAPAÍ pela compreensão e carinho nos instantes finais da confecção desse trabalho.

Por fim, agradeço ao Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) pelo apoio financeiro.

RESUMO

Com foco no discurso de jovens mulheres que passaram pela experiência da gravidez, tem como objetivo a análise do agenciamento e incorporação do *habitus ser mãe*. Além disso, analisou como a gravidez interferiu na experiência geracional, por dois caminhos: projetos de vida e vida sexual e reprodutiva. Como contexto teve Gaibu, que fica dentro Complexo Portuário de SUAPE – CPS, um polo de desenvolvimento em expansão no estado de Pernambuco. Sobre as transformações trazidas pelo CPS neste local destaca: análises quantitativas de 416 questionários, 9 entrevistas aprofundadas semi-estruturadas com jovens entre 14 a 18 anos e outras entrevistas complementares com mais 12, como as jovens perceberam as promessas de novas oportunidades profissionais, que indicavam uma ampliação da participação das mulheres de Gaibu a partir de atividades profissionais que não existiam antes no horizonte dessas. Destaca, também, de que maneira essa promessa se articula com o projeto de vida dessas jovens mães. A gravidez é uma questão que toca diretamente no debate de gênero e possibilita uma ponte analítica bastante elucidativa quando relacionada a problemas sociais trazidos pelo desenvolvimento econômico e as suas potenciais mudanças no âmbito da vida local. A proposta aqui é encontrar estes índices relacionais a partir da situação das mulheres quando têm em suas vidas o fenômeno da gravidez e o aparecimento de um horizonte de atuação profissional até então desconhecido por elas. Neste sentido, uma investigação sobre vida sexual e reprodutiva, quando levada em consideração a situação que as mulheres ocupam diante do contexto de mudança econômica, proporciona a intersecção entre um elemento que pode reforçar a condição de gênero e outro que pode tencionar essa reprodução. As análises foram feitas partindo das postulações de Merleau-Ponty, acerca da relação de um sujeito-corpo com as representações do mundo. Tendo isso em vista, o trabalho traz como a antropologia pode possibilitar uma compreensão sobre o processo de “percepção” fenomenológica merleau-pontyana, para analisar como isso pode permitir a visualização da ação política das jovens mulheres sobre as representações e associações simbólicas que classificam o seu corpo e estruturam suas experiências. Observando a gravidez na adolescência como uma representação social ou como um determinado processo histórico envolto em um contexto, o trabalho traz o conceito de *habitus* posto por Norbert Elias para analisar o sentido atribuído à gravidez na adolescência em uma configuração histórica. Há, portanto, a busca por conceitos que concretizem uma análise sobre as implicações da gravidez na adolescência e a identificação das mudanças do corpo e do *habitus* social com a juventude.

Palavras-chave: *Corpo. Gravidez. Pólos de desenvolvimentos.*

Abstract

Focusing on the discourse of young women that have experienced pregnancy, the primary goal of this Master's Thesis is the analysis of the agency and the incorporation of a *habitus of being a mother*. The study also focused on how the experience of pregnancy had interfered with intergenerational experience of young women by approaching both their life projects and their sexual and reproductive lives. The research took place in Gaibu, inside the SUAPE Harbour Complex (Complexo Portuário de SUAPE – CPS), an expanding development cluster in the state of Pernambuco. The following methodological strategies were employed: quantitative analysis of 416 questionnaires, nine semi-structured in-depth interviews with young women between 14 and 18 years-old and other 12 complementary interviews. These methodological approaches captured how young women had experienced the development process in Gaibu, and how this process had expanded young women's horizons through the opening of new professional opportunities. As a result, young women's life projects were profoundly affected by the SUAPE developmental promises. These young women's experiences of pregnancy articulate within Gender Studies debates the analysis of (un)desirable consequences of economic and social development at the local level. Therefore, the purpose is to understand these academic debates departing from the relationship between women's situation when they face not only the experience of pregnancy at a young age but also the opening of new professional possibilities, unknown until the development of SUAPE. In this sense, research on sexual and reproductive lives, in a context of social change, must stand up the challenge of understanding how gender rules are both challenged and reproduced. The analysis is informed by Merleau-Ponty's considerations on the relationship between subject-body and the representations of the world. Merleau-Ponty's phenomenological approach constitutes a powerful tool for Social Anthropology to research young women's political action, and to understand the symbols young women actively employ in classifying their bodies and structuring their experiences. In this work, teen pregnancy is observed as a social representation or as a particular historical process. The concept of habitus, as elaborated by Norbert Elias, is present in the analysis of the senses attributed to teen pregnancy at one specific historical configuration. The search for concepts to solidify the analysis of the consequences of teen pregnancy and the implications of bodily changes to the *habitus* of young women is a central concern of this work.

Key-words: Body. Pregnancy. Development clusters.

Sumário

Introdução	9
1 O contexto: onde a mudança começa ?.....	13
1.1 SUAPE como Polo de desenvolvimento	13
1.2 Por que Gaibu?	22
2 Recortes teóricos sobre a experiência da gravidez em contextos geracionais e dinâmicas locais.	34
2.1 As solicitações do corpo que muda	38
2.2 <i>Habitus</i> geracional constituído em configuração histórica.....	43
2.3 Gênero, Geração e projetos de vida.....	48
3 Percebendo as mudanças do contexto e as “vocações” anunciadas pela presença do CPS.....	59
3.1 Negociações entre o espaço público e o privado	60
3.2 Trabalho, Projetos de vida e expectativas influenciadas pelo CPS e interferidas pela gravidez	69
4 Percebendo o que é <i>Ser mãe adolescente pelo corpo no lugar</i>	79
4.1 Negociando emoções: sensibilidade, prática e motivação que podem explicar a gravidez	83
4.2 Intersubjetividades em jogo	93
4.3 Incorporando os recalques de <i>Ser mãe</i>	96
Considerações Finais	108
Referências bibliográficas	113
Anexos	118

Introdução

A ampliação da visibilidade da gravidez entre adolescentes e jovens ocorre com a queda generalizada da fecundidade desde os anos 1980. Essa queda foi acompanhada apenas tardiamente por adolescentes e jovens, que passaram quase duas décadas sendo identificadas como a única faixa cuja fecundidade aumentou ou, no mínimo, se manteve. Com este aumento proporcional da gravidez entre adolescentes, o assunto se tornou emblema para a discussão da sexualidade contemporânea e para a discussão da exclusão e da inclusão de jovens nos cenários de progressos almejados pelas políticas de desenvolvimento. No terreno da moral e da compreensão da vida cotidiana, a discussão da sexualidade ganhou espaço. No entanto, o escrutínio dos impactos do desenvolvimento sobre as mulheres jovens tem enfrentado mais resistência, devido ao seu potencial negativo de provocar um desgaste na avaliação das consequências dos investimentos ocorridas com as políticas adotadas.

As abordagens de cunho médico, demográfico, epidemiológico e, até, das ciências sociais sobre gravidez na adolescência têm determinado diagnósticos, que denominam o assunto como um problema social e de saúde pública, é o que diz a pesquisa da equipe GRAVAD (2008)¹. Motivado por isso, apresento uma pesquisa de cunho antropológico que traz como proposta ampliar o olhar para a questão da gravidez na adolescência a partir de uma perspectiva específica de geração e de gênero através das experiências fenomenológicas sobre o evento da gravidez em um contexto de intensas mudanças influenciadas por um grande projeto de desenvolvimento econômico.

As experiências narradas na presente pesquisa tiveram como contexto a praia de Gaibu, uma configuração que estava passando por intensos processos de mudanças resultantes da implementação de um polo de desenvolvimento. O projeto do Complexo Portuário de SUAPE - CPS, localizado no litoral do estado de Pernambuco, teve seu início na década de 1970 quando foi instalado o Porto de SAUPE. Este fica na praia de Suape, no município pernambucano do Cabo de Santo. Com o objetivo de transformar o porto em um Polo de desenvolvimento, o estado de Pernambuco em parceria com o governo federal e grandes investidores internacionais iniciou em meados dos anos 2000 a transformação da região com a instalação de uma refinaria da Petrobras. Nesse processo a região deixa de ser uma vila de pescadores para assumir a importância de um complexo portuário com porte internacional. Como demanda de um grande projeto, a atração de pessoas interessadas em trabalho gerou grandes impactos na região e no cotidiano da população local.

¹ Essas informações estão presentes no relatório da pesquisa publicado em 2008 no site clam.com.

Em decorrência, as comunidades localizadas às margens do Porto passam por uma reconfiguração populacional devido a grande presença sazonal dos trabalhadores do CPS. Um desses locais que passou pelo remodelamento demográfico é a praia de Gaibu. Por ser um lugar que se guarda nas proporções de uma vila, os impactos latentes da presença do complexo portuário de Suape têm evidências em todos os setores do cotidiano de Gaibu. A grande proporção de homens que passaram a morar em Gaibu foi o aspecto negativo de maior evidência no discurso das interlocutoras dessa pesquisa. Outra percepção das jovens sobre a presença do CPS foi a ampliação de oportunidades profissionais mesmo que restrita aos nativos. Contudo, de acordo com as narrativas, foi observada uma contradição sobre a crescente oportunidade de empregos, uma vez que os nativos de Gaibu não foram suficientemente beneficiados.

Já com relação à gravidez percebo uma questão que toca diretamente no certame da situação de gênero e possibilita uma ponte analítica bastante elucidativa quando relacionado ao problema social do desenvolvimento econômico e às suas potenciais mudanças no âmbito da vida local. A proposta aqui é encontrar estes índices relacionais a partir da situação das mulheres quando têm em suas vidas o fenômeno da gravidez e o aparecimento de um horizonte de atuação profissional até então desconhecido por elas. Neste sentido, uma investigação sobre vida sexual e reprodutiva, quando levada em consideração a situação que as mulheres ocupam diante do contexto de mudança econômica, proporciona a intersecção entre um elemento que pode refossar a condição de gênero e outro que pode tencionar essa reprodução.

Atribuo relevância também à temática da geração. Por entender que o encontro de temas sobre a vida sexual e reprodutiva com relações intergeracionais possibilita um contato direto com questões intrinsecamente ligadas ao certame da sociedade onde devem aparecer valores, normas e questões morais. Lembrando ainda que a reprodução é a manutenção da sociedade, seja pelas vias da reprodução biológica, seja pelas das reproduções morais, tanto uma como a outra estão diretamente relacionada às práticas culturais que, a todo o momento, são reformuladas pelos processos de mudanças acelerados ou não. Faz sentido, portanto, a reprodução possa ser refletida a partir de uma análise geracional. E se torna relevante para uma pesquisa que tem como objetivo analisar as implicações da gravidez na vida de mulheres jovens inseridas em um contexto com promessas profissionais diferente da outras épocas. Foi por todo isso que a partir da minha experiência com a pesquisa *Três Polos de Desenvolvimento e a vida sexual das mulheres jovens em Pernambuco*, apoiada pela FACEPE, efetivada junto à equipe do FAGES - UFPE, cheguei a ideia de realização do presente trabalho.

Com foco no discurso de jovens mulheres que passaram pela experiência da gravidez, tracei como objetivo desta pesquisa a análise do agenciamento e incorporação do *habitus ser mãe*. A questão investigativa quis, também, compreender como a gravidez interferiu na experiência geracional, por dois caminhos: projetos de vida e vida sexual e reprodutiva. As observações etnográficas foram realizadas no contexto de Gaibu, que fica dentro CPS. Sobre as transformações trazidas pelo CPS nesta comunidade, destaco como as jovens perceberam as promessas de novas oportunidades profissionais, que indicavam uma ampliação da participação das mulheres de Gaibu a partir de atividades profissionais que não existiam no horizonte dessas. Destaco também de que maneira as promessas se articulam com o projeto de vida dessas jovens mães.

Nos capítulos que se seguem será feito inicialmente uma contextualização dos impactos do CPS no cotidiano de Gaibu. Partindo disso, abordo a ideia de polo de desenvolvimento para compreender como as jovens mulheres perceberam a presença do CPS a partir da implementação das “vocações” do local. Como parte do desenvolvimento de um polo as potencialidades estruturais diversas que o local pode oferecer são enfaticamente reproduzidas pelo discurso oficial e a grande oferta de emprego é uma dessas “vocações”.

Com efeito, a população local é envolvida com a promessa de oportunidades e reproduzem o discurso oficial. Isso será importante para entender como essas mudanças anunciadas por meio das promessas se realizaram na vida das jovens entrevistadas. Outro sentido que observei para abordar as mudanças no cotidiano de Gaibu mediante a presença do CPS foi sobre as implicações latentes de um “grande projeto” (Ribeiro, 1991). Tendo em vista isso, as questões referentes ao “fluxo migratório” e a presença massiva de homem foi o recorte que dei para analisar os impactos do CPS na dinâmica local de Gaibu. Busquei contemplar, neste sentido, o que as jovens relataram como o principal efeito negativo trazido pelo polo de desenvolvimento em questão. A compreensão da apresentação desses dois fenômenos no contexto de Gaibu é de relevância fundamental para o desenvolvimento dos outros capítulos. A partir dessa articulação tenho o objetivo de demonstrar como as mudanças provocadas pela presença do CPS se realizam na vida das jovens.

Sobre os embasamentos teóricos que vou trabalhar aqui, estabeleço relações com as questões associadas ao corpo como espaço de identificação com grupos geracionais e o corpo como uma forma de experiência. Foi por isso que abordarei inicialmente a fenomenologia de Merleau-Ponty sobre a relação de um sujeito-corpo com as representações do mundo. As postulações desse filósofo dizem que o corpo é o próprio local de produção de significado que são formulados e re-formulados em uma *síntese da percepção* (1999). Tendo isso em vista, trago como a antropologia pode possibilitar uma compreensão sobre o processo de

“percepção” fenomenológica merleau-pontyana, para analisar como pode possibilitar a visualização da ação política das jovens mulheres sobre as representações e associações simbólicas que classificam o seu corpo e estruturam suas experiências.

Para a compreensão das perspectivas estruturais, que permitirá entender como as experiências corporais analisadas são processadas no interior de uma experiência cultural, buscarei argumentar em favor da importância de se analisar as estratificações definidoras nas relações presentes na vida das jovens mulheres entrevistadas. Observando a gravidez na adolescência como uma representação social ou como um determinado processo histórico envolto em um contexto, neste ponto buscarei os suportes teóricos para uma análise do sentido atribuído à gravidez na adolescência. Mas, o que será mais válido no percurso aqui estabelecido é a possibilidade de encontrar no conceito de *habitus* a presença do poder que determinar as relações sociais. Neste sentido, é importante salientar que os significados atribuídos à incorporação de um novo *habitus*, ou seja o da maternagem, pelas jovens mulheres está atribuído de perdas do que elas definem sobre a juventude. É sobre as “configurações” de Norbert Elias que buscarei esclarecer a maneira mais adequada de definição do conceito de *habitus* ao analisar a incorporação da maternagem.

No último tópico de reflexões teóricas, procuro estabelecer um debate acerca da relação dos temas sobre gênero, geração e projetos de vida acerca de uma bibliografia selecionada sobre o fenômeno da *gravidez na adolescência*. Este caminho permitirá abordar as relações intergeracionais e a identidade de ser jovem pensada sobre os adventos somáticos e sociais. Há, portanto, neste tópico a busca por conceitos que concretizem uma análise sobre as implicações da gravidez na adolescência e a identificação das mudanças do corpo e do *habitus* social com a juventude.

Seguindo para as análises, elaborei dois capítulos. O primeiro evidencia a conjuntura estabelecida entre o movimentado cenário de Gaibu e a percepção das jovens mulheres sobre estes eventos. A este propósito, busco compreender quais as representações construídas pelas jovens a respeito dos aspectos positivos e os negativos atribuídos à presença do CPS. Para responder essa questão, direciono o foco para a ambiguidade presente nos relatos das interlocutoras quando questionadas sobre a presença dos *homens de fora* e as *grandes oportunidades de trabalho*.

O segundo momento de análise e último capítulo dessa dissertação é onde farei a análise a partir das referências feitas pelas jovens entrevistadas aos seus corpos alusivas às suas experiências sexuais e da/das gravidez/es. Busco nessas referências os significados das mudanças somáticas atribuídos à gravidez. Associado a isto, discutirei a incorporação do *habitus ser mãe* e as implicações dessa para um possível deslocamento geracional. Mesmo

que o *habitus* seja considerado uma experiência cultural, busquei considerar como as jovens vivenciaram as experiências de gravidez/es, que foram expressadas na síntese entre corpo e cultura anterior a qualquer representação. Seguindo o conjunto desse trabalho, há, portanto a proposta de compreender a constituição da pessoa a partir das solicitações do corpo em duas ambigüidades possíveis pelo fenômeno apresentado: mudança somática; mudança estrutural.

Em seguida, apresento algumas considerações finais sobre os limites e propostas que surgiram durante as reflexões aqui presentes. Exponho também alguns indicativos sobre a necessidade de acoplar políticas específicas dirigidas para as mulheres jovens para que as consequências da criação de um polo de desenvolvimento façam com que essa população se torne mais beneficiada de que vítima do desenvolvimento.

Por fim, como suporte metodológico, fiz uso extenso dos dados da pesquisa *Três Polos...* Estes são referentes a 416 questionários que foram aplicados com mulheres jovens com idade entre 16 a 18 anos. Ainda como dados daquela pesquisa, usei também as informações de entrevistas que foram realizadas com 9 mulheres jovens que passaram pela experiência da gravidez entre os 14 aos 18 anos. Tudo isto sempre acompanhado de um diário de campo para que se possa relatar as impressões quase que imediatas no momento dos acontecimentos e as sensações pessoais do pesquisador. Tendo em vista que a experiência de uma pesquisa é sempre uma experiência única para o pesquisador, o uso do diário de campo deve ser um instrumento serio de reflexão. Neste sentido, concordando com Wright Mills (2009) quando fala que o “artesanato intelectual” é um fenômeno subjetivo, por isso tem total relação com a experiência profissional e pessoal.

1. O contexto: onde a mudança começa ?

1.1 SUAPE como Polo de desenvolvimento

Durante a década de 1970 foi iniciado em Suape, distrito da cidade do Cabo de Santo Agostinho-PE, um processo de desenvolvimento econômico que pretendia transformá-lo em um Polo de Desenvolvimento. No percurso deste procedimento, a região deixou de ser uma vila de pescadores, tornou-se um porto e, mais recentemente, foi alvo do projeto denominado Complexo Portuário de Suape (CPS), a partir do qual assumiu a importância de um complexo portuário de porte internacional. O projeto começou a ser desenvolvido na década de 1970, com o porto, mas a sua maior intervenção foi no ano de 2005, com o início da construção da refinaria General Ignácio Abreu e Lima, durante a gestão do presidente Luiz Inácio Lula. Antes disso, as regiões do entorno beneficiavam-se do turismo e tinham foco na atividade tradicional da pesca artesanal.

Ainda à época do lançamento do Porto de SUAPE, na década de 1970, surgiram argumentos contra esse grande empreendimento. Em 1975, por exemplo, tornou-se público um manifesto² feito por intelectuais pernambucanos que acusaram o empreendimento como consequência de uma decisão autoritária, sem consulta popular e fruto do governo ditatorial dos militares. Passados mais de 30 anos da inauguração do porto, a região hoje tem respaldo nacional em termos de incentivo econômico.

De acordo com o discurso oficial, o projeto do CPS está baseado no conceito de integração porto-indústria, que tem como exemplos o porto de Marseilli-Fos, na França, e Kashima, no Japão. A escolha da região deu-se devido à localização estratégica em relação às principais rotas marítimas de navegação que o mantém conectado a mais de 160 portos em todos os continentes, com linhas diretas da Europa, América do Norte e África, como relata o site oficial³. Para a população local há promessas de empregos e melhores condições de vida. De acordo com o governo do Estado de Pernambuco, o CPS é o “polo de desenvolvimento mais dinâmico do Brasil” e a “locomotiva do desenvolvimento em Pernambuco”.

O CPS nas dimensões que hoje alcançou está localizado no litoral sul do estado de Pernambuco entre as cidades de Ipojuca e Cabo de Santo Agostinho. Localizado a 40 km de Recife, na região metropolitana, hoje faz parte principalmente do município de Ipojuca, que tem uma população aproximada de 81 mil habitantes⁴. Sua área é de 13.500 hectares e abrange terras também do município do Cabo de Santo Agostinho, que tem uma população aproximada 185⁵ mil habitantes. Tanto para a população destes dois municípios, como, de maneira mais abrangente, para o estado de Pernambuco e a região do Nordeste, o CPS foi reconhecido como um grande potencializador econômico de maneira direta ou indireta por proporcionar uma expansão econômica que permitiu a participação da população desses locais. Essa legitimação se realiza por meio da construção de uma *vocação realizada* que por sua vez tem sua formação atrelada a um discurso englobante que foi sendo incorporado pelas pessoas. A concepção de *vocação realizada* é parte fundamental da consolidação de um polo de desenvolvimento, e como tal, merece destaque nesta pesquisa. Quero mostrar com isso que o discurso promotor do desenvolvimento consegue englobar a população, mas a efetivação

²O manifesto foi divulgado no semanário Jornal da Cidade (ano II, n 24, 6-12.4.75). O Manifesto, redigido por Clóvis Cavalcanti, economista-ecólogo, professor da UFPE e pesquisador do Inst. Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, e subscrito por: Renato S. Duarte, Professor do Mestrado em Economia e da Faculdade de Ciências Econômicas da UFPE, Roberto M. Martins, Coordenador do Curso de Mestrado em Sociologia da UFPE, Nelson Chaves, Professor Titular da Faculdade de Medicina da UFPE, José Antônio Gonsalves de Mello, Professor Titular de História da UFPE, Renato Carneiro Campos, Diretor do Departamento de Sociologia do Inst. Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, João de Vasconcelos Sobrinho – Chefe da Estação Ecológica de Tapacurá e Titular da Disciplina de Ecologia da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Para ter acesso ao documento <http://forumsuape.ning.com/page/historia-de-resistencia>

³ Essas informações estão presente no site oficial de SUAPE recolhidas no dia 10/09/2012: <http://www.suape.pe.gov.br/institucional/institucional.php>

⁴ Fontes do IBGE.

⁵ Fontes do IBGE.

das potencialidades prometidas para as pessoas não define espaços de inserção a partir da condição de gênero. Como veremos mais a frente, é predominante a participação dos homens nesses espaços.

É indispensável evidenciar que, como parte do processo de formação de um polo de desenvolvimento, os discursos promotores apresentam um conjunto de ações e representações que chegam a compor a imagem do complexo como uma *vocação realizada*. Sendo assim, o processo de surgimento de um polo de desenvolvimento exige o compartilhamento de um discurso que naturaliza a criação de espaços diferenciados para aplicação de políticas de desenvolvimento. Como consequência, surge a ideia de que alguns lugares têm *vocações* para certos tipos de atividades e isso é parte essencial da justificativa que defende a implementação de um polo. Logo, uma *vocação* é parte fundamental das políticas de desenvolvimento, pois concentra ações que reforçam atividades existentes e projetadas para a geração de divisas econômicas em âmbito local, estadual e nacional. Como exemplo, na pesquisa *Três Polos*.⁶ ⁶ o conceito *vocação realizada* foi aplicado para compreender como os espaços e dinâmicas dos polos de desenvolvimento estimulam a criação dessas *vocações*. Para a população local resulta em uma representação e na agregação de valores com a promessa de empregos e, como consequência, a melhoria da vida de todos (Scott et al., 2010).

Para exemplificar a realização da *vocação* no campo que observei, trago um trecho de uma publicação do site ipojucanos.com, que não é um meio de comunicação oficial, mas sim um instrumento da sociedade civil que muitas vezes faz comentários críticos ao CPS⁷:

Suape não é só um Porto, mas um complexo industrial e Portuário, que cresce a cada dia, *mudando substancialmente a realidade social e econômica de Ipojuca e da Região*, sobretudo a partir da instalação do Estaleiro Atlântico Sul⁸ e da Refinaria Abreu e Lima, entre outros empreendimentos que estão para se instalar em nosso município⁹.

É claro, portanto, a importância atribuída à magnitude dos empreendimentos trazidos para a região. São projetos que conferem à região uma relevância econômica com a promessa de tirá-la de um lugar comum e a esperança de que o elevado investimento econômico levará junto à população para realidades econômicas e sociais melhores.

⁶ A Três Pólos de desenvolvimento e a vida sexual e reprodutiva de mulheres jovens foi realizada no âmbito da UFPE pela equipe do FAGES, com auxílio financeiro da FAPE via Secretaria da Mulher do estado de Pernambuco.

⁷ Um exemplo dessa tonalidade crítica está na publicação “O desenvolvimento de SUAPE ameaça do meio ambiente” <http://www.ipojucanos.com/Noticia.asp?ID=415>

⁸ Assim como a Refinaria Abreu e Lima, o Estaleiro são as duas maiores intervenções econômicas e estampam grandes números agregados a oferta de empregos.

⁹ <http://www.ipojucanos.com/Noticia.asp?ID=232>

Já é exposto que é inevitável para a consolidação de uma *vocação realizada* a inerência do discurso oficial a propósito dos aspectos supostamente positivos para a população sobre, principalmente, a dimensão da implementação de um polo de desenvolvimento e os seus benefícios expostos a partir de uma perspectiva macro que atinge outros espaços geográficos. No site do Complexo (www.suape.pe.gov.br), por exemplo, há dados que circulam publicamente sobre a vocação e a dinamicidade do projeto. Informa que abarca, além do porto em si, o “*maior estaleiro do hemisfério sul*”, uma refinaria de petróleo, três plantas petroquímicas, mais de 100 empresas já instaladas, e ainda tem previsão de pelo menos 50 novas indústrias por serem instaladas. Somados à contabilização de 25.000 empregos diretos já existentes e estão previstos mais 15.000. Para tanto, nesta fase de implantação, há mais de 40.000 trabalhadores atraídos à indústria de construção civil. Quase todos estes empregos são ocupados por homens em sua maioria recém atraídos à região.

Isso está em sintonia com o conteúdo dos meios oficiais de comunicação do estado de Pernambuco. No site oficial do governo do estado¹⁰, por exemplo, um dos destaques é a liderança nacional na geração de empregos com carteira assinada no estado e que é alavancada pelo CPS. Em uma notícia de destaque neste site, expõem-se dados divulgados pelo Ministério do Trabalho e Emprego (MTE) em que Pernambuco aparece como o terceiro estado no país que mais criou emprego formal em agosto de 2011. O estado aparece com 18.613 empregos celetistas, sendo superado apenas por São Paulo (53.033) e pelo Rio de Janeiro (19.865). Entretanto, a ênfase é que considerados o tamanho da economia de São Paulo e a proximidade dos valores absolutos do Rio de Janeiro, Pernambuco está gerando proporcionalmente mais empregos que estes grandes estados do Sudeste¹¹.

Esses grandes números são também passados para as centenas de visitantes que anualmente agendam visitas guiadas para conhecer o CPS. Pela dimensão e grandes promessas de emprego, de acordo com as informações passadas nessa visita, o CPS tornou-se um atrativo turístico. São centenas de pessoas que têm curiosidade em conhecer o complexo e as principais perguntas são sobre empregos. Mantendo a atenção sobre as dimensões físicas do CPS e as promessas de benefícios para a população, a seguir procuro demonstrar como experienciei uma dessas visitas guiadas para imprimir a minha leitura a luz dos aspectos enaltecidos e obscurecidos por parte do discurso formador das *vocações*.

A visita foi realizada no dia 14 de Abril de 2011 com a equipe da pesquisa *Três Polos...* Esta foi a nossa primeira ida a campo de maneira oficial, com horário marcado e um compromisso assumido com a administração do CPS de uma visita guiada. Por volta das 8:30

¹⁰ <http://www.pe.gov.br>

¹¹ <http://www.pe.gov.br/blog/2011/09/14/pernambuco-e-lider-nacional-na-geracao-de-empregos-com-carteira-assinada-diz-mte/>

chegamos ao centro administrativo do complexo, meia hora antes do combinado. Informamos a nossa chegada à recepção. Cerca de 30 minutos depois um senhor chamado Erasmós nos recebeu de maneira bastante atenciosa. Erasmós pediu que esperássemos, porque ele aguardava alunos de uma faculdade que teriam agendando uma visita também. Por cerca de uma hora esperamos, mas, enfim, o senhor Erasmós resolveu ir apenas com a nossa equipe. De carro, seguimos para o Centro de treinamento. Este centro está inteiramente voltado para a educação daquelas pessoas que ainda moram nos redutos do complexo. De acordo com Erasmó, há ali uma escola secundária e cursos voltados para áreas tecnológicas. Em alguns momentos da visita me distancio do grupo para fazer alguns registros de imagens por meio de fotos. Nesses momentos, longe do discurso do nosso interlocutor, pondero algumas pinceladas cautelosamente dadas pelo Sr Erasmó.

As informações são para apresentar uma grande empresa que, além de gozar de um crescimento colossal expõe os grandes empreendimentos do governo, ou como gostam de chamar “a locomotiva do estado de Pernambuco”. “Aqui é tudo com til: milhÃO, trilhÃO...” é assim que Erasmós costuma definir o CPS para os visitantes. Essa empresa acostumada com os tiles, também fala da sua preocupação social e ambiental. Tem escola para os filhos dos residentes, tem uma sementeira para o reflorestamento (mas essas estruturas sociais e ambientais do CPS não estão no roteiro da visita). “Aqui chegam todos os dias mais de 900 ônibus trazendo trabalhadores”. “Suape é o segundo maior porto do Brasil”. “A nossa sementeira já tem uma área de mais de 30 hectares replantada”. É o que Erasmós, o governo, a população e os trabalhadores estampam com orgulho.

O centro de treinamento fica em uma parte mais alta do complexo. Do local é possível ver a refinaria da Petrobrás, que é a maior empresa instalada no complexo. De acordo com o nosso guia, o maior projeto da refinaria é abastecer o norte e o nordeste brasileiro quase que em sua totalidade.

Cumprindo o ofício de pesquisadores e tendo em vista os nossos objetivos naquela visita de compreender como essa grandeza econômica do CPS estabelece uma dinâmica local, perguntamos sobre os residentes que ainda viviam dentro do complexo. Foi nos informando que poucas pessoas ainda moravam ali. Ainda de acordo com Erasmós, quem cuida desse “pessoal” é a diretoria de ação social do Complexo. Essa diretoria é responsável por cadastrar os moradores e promover ações sociais, como os cursos e escolarização oferecidos no Centro de treinamento. Como política de promoção social, por meio da diretoria de ação social, o complexo de Suape oferece emprego a um membro de cada família que reside na área interna do complexo. A maioria desses trabalhadores está locada no estaleiro. Direcionando ainda mais os nossos interesses, perguntamos sobre a relação das mulheres com os postos de trabalhos. Em resposta a essa pergunta, Erasmós falou que onde há mais mulheres trabalhando

é no estaleiro. Por isso, o “estaleiro é uma festa. Há cada gata. Lá elas escolhem com quem quer ficar..., porque tem muito homem”.

A nossa visita ao Centro de treinamento foi apenas na parte externa. Ficamos ali por cerca de 10 minutos observando a extensão da refinaria e conversando com Erasmos. Decidimos voltar para o carro e seguir nosso passeio, mas antes, de forma orgulhosa, Erasmo diz “o futuro de Pernambuco não está em outro lugar não!” É nesse tom que o discurso se apresenta para a nossa população.

Depois do Centro de treinamento seguimos para um dos extremos litorâneos do CPS, o extremo oposto ao estaleiro. Nesse local existe uma maré que faz fronteira com Muro Alto, uma famosa praia do litoral sul de Pernambuco. Apontando em direção à praia, Erasmos informa que ali será construído um píer “para que os ricos empresários não precisem pegar a estrada”. “Mas morar ali é para quem tem dólar”. Já próximo ao estaleiro, sabíamos que ali ficava a ilha de Tatuoca e, mesmo sem ter tocado no assunto, perguntamos sobre os moradores da Ilha ao nosso guia. “São pessoas brabas, eles se isolam lá dentro. A diretoria de ação social só fala com alguns representantes, por isso não podemos entrar lá”, foi o que nos respondeu.

Ficou então claro que há resistência de segmentos da população à política do complexo e da sua vocação. Talvez por isso, para o Complexo Portuário de Suape não seja interessante que se conheça Tatuoca, *porque é um lugar atrasado, com pessoas selvagens e que impedem o desenvolvimento do lugar*. Como dito, como parte da consolidação de um polo de desenvolvimento, o discurso oficial passa claramente pela legitimidade das potencialidades do local. Portanto, para legitimar essa exploração, alguns pontos são estrategicamente colocados na obscuridade, pois podem comprometer as grandes potencialidades daquele local que devem ser evidenciadas para a população em forma de “vocação realizada”.

Com relação à Ilha, toda a comunidade foi retirada do local em que residiam há mais de um século (Almeida, 2010)¹², para a instalação do Estaleiro Atlântico Sul. Os residentes da ilha foram obrigados a sair, receberam uma pequena indenização e foram-lhes oferecidas casas em um terreno distante da praia, mais ao norte de Suape, porém, algumas famílias se negaram a deixar o local e esse assunto passou a ser tratado como caso judicial¹³. Essa região passou a ser chamada de Nova Tatuoca. Não tivemos oportunidade de falar com esses “selvagens”, mas Almeida (2010) traz um interessante relato de um antigo residente:

“a partir do momento que o tempo vai passando, as coisas vão multiplicando, a tendência de mais pessoal vai aumentando: a venda, a procuração (sic) e tudo vai esgotando. Mas o pior de tudo foi esse

¹² Trabalho de monografia disponível em <http://www.dihitt.com/barra/monografia-sobre-efeitos-do-porto-de-suape-sobre-vida-e-paisagem-de-tatuoca>

¹³ Para mais informações: <http://acertodecontas.blog.br/artigos/tatuoca-o-lado-social-do-desmatamento-de-suape>

estaleiro ... a construção.. A melhoria que veio para Pernambuco, mas a melhoria vem com a pioria (sic), e a pioria (sic) ficou em quem? Caiu nas costas da gente. A gente não tem a ver com isso não! Os empresários chegaram aqui nós recebemos ele (sic), mas eles não estão sabendo agradecer a gente” (Almeida, 2010, p. 48).

Partindo desse relato, já é possível questionar em que medida a “vocaçãõ” é realizada?

Passo agora para outro relato quando tive a oportunidade de presenciar um evento para a população do município do Cabo de Santo Agostinho. Na narrativa que se segue, trago um suporte para compreender como a prática da política local se insere nos benefícios do desenvolvimento econômico trazidos pelo CPS e como isso reforça o discurso de implementação da *vocaçãõ realizada*.

Durante a minha pesquisa de campo, no dia vinte e três de março de 2012, tive oportunidade de acompanhar o lançamento da campanha de Vado da Farmácia, candidato à prefeitura da cidade do Cabo de Santo Agostinho pela situação. “A mudança não pode parar”, esse era o nome da chapa que foi lançada pelo, à época, prefeito Lula Cabral (que estava no governo desde 2005). À frente do comboio vinha o Homem, acompanhado por sua esposa e a filha, seguido por homens que supostamente seriam seus assessores e aliados políticos. Eu estava ao lado de dona Rosa, (uma senhora que conheci durante o percurso que foi feito de ônibus financiado pelo partido do prefeito). Dona Rosa se vira para mim e fala “olha, lá vem ele”, e a sua filha (uma criança de aproximadamente 8 anos) que estava louca para ver o Homem mais importante da noite, esticava o pescoço para tentar desviar da multidão e perguntava “cadê, Mainha, cadê?”.

Dois locutores do evento narravam tudo, preparavam o povo e conduziam-nos com palavras de ordem e emoção: “Ele está chegando, o nosso prefeito, o Homem do povo”. Palavras que dona Rosa concordava e comentava comigo: “ele é um Homem do povo, veja, ele não usa aquelas roupas de paletó que inibe as pessoas. Ele usa uma roupa mais simples”. Lula Cabral estava vestindo uma camisa listrada de botão, sem estar ensacada e com as mangas dobradas.

E o “prefeito do Povo” seguia a sua curta caminhada do carro até a câmara de vereadores da cidade: passava pelo meio do povo, parando para algumas “palmadinhas” no ombro de um, fotos com outros, alguns cumprimentos a um grupo de jovens.

A câmara de vereadores estava bem iluminada, com bolas amarelas e vermelhas, na cor do partido. Tinha muita gente, tanta gente que puseram um telão no lado de fora com centenas de cadeiras para as pessoas sentarem. Os locutores pregavam uma falação bem articulada, sempre conduzindo o povo para o espetáculo da noite. Foram vários os homens que falaram ali para aquela pequena multidão. Mas, de maneira geral, todos elogiavam a

atuação do prefeito Lula Cabral e a palavra de ordem era *desenvolvimento*, seguida de *emprego*, tudo para o *povo*. No discurso do prefeito isso ficou bem evidente. O ponto de destaque foi sobre a cidade do Cabo de Santo Agostinho, essa cidade que, de acordo com o prefeito, é a mais importante do Estado pela proximidade com o porto de SUAPE. Por isso, dizia o prefeito, “gostar de Pernambuco, amar Pernambuco é trabalhar por Cabo de Santo Agostinho”. E segue: “no Cabo, fazemos o que o povo quer... as mudanças começam quando o povo quer”, assim o prefeito encerrou o seu discurso.

Esse é o discurso da política local que expõe nitidamente as estratégias para a manutenção do seu poder a apropriação dos impactos da implementação desse grande polo de desenvolvimento que é o CPS e reforça, assim, a “vocação realizada”. Isso é parte fundamental da constituição daquilo dito acima sobre o processo de construção de um polo de desenvolvimento. A promessa de empregos é o maior atrativo que o discurso político se apropria para adquirir a confiança da população, principalmente dos jovens.

A partir da articulação entre a consolidação de uma *vocação realizada*, busco um direcionamento que indique como as mulheres jovens estão se inserindo nessa lógica das *vocações* do polo de desenvolvimento em questão. É uma análise que possibilita compreender como se alcança a *vocação realizada* em um contexto que estampa em forma de slogan uma variedade de alternativas para a inserção dos jovens no mercado de trabalho. Mas como/se acontece esta realização na vida das jovens mulheres que são interlocutoras desta pesquisa?

Como esta pesquisa busca analisar os impactos do processo de implementação de um polo de desenvolvimento na vida de mulheres jovens, direcionando agora a perspectiva para a interação de parte da população feminina nativa com os impactos do desenvolvimento, pode-se perceber como esta é carregada de contradições. Com esse objetivo, procurei conversar com mulheres jovens residentes de Gaibu com idade entre 14 e 18 anos para conhecer a opinião delas sobre o CPS. Tendo isso em vista, a oposição entre os benefícios e os malefícios para o local foi algo bastante evidenciada na fala dessas mulheres jovens quando perguntadas sobre as implicações da presença do CPS. Isso fica bem evidente na fala de uma jovem entrevistada durante a realização desta pesquisa:

Ficou tudo pior, pra mim ficou tudo pior.(...) Ficou tudo pior porque Gaibu já era ruim, agora a estrada é ruim, é um monte de homem na rua (...) eu não saio de 6 horas (da tarde) de casa de jeito nenhum, porque é um monte de ônibus parando, um monte de homem descendo e já fica soltando piada e... porque não respeitam mesmo. De 100, 1 respeita e eu não gosto disso. Pra mim piorou porque... não é porque tem muito homem e tem muita mulher que se dá, que eles têm que desrespeitar todo mundo. E melhorou... melhorou por uma parte, mas por isso piorou. Piorou, muita gente, muita bagunça, muita zoada, muito tudo. Não gosto não, eu não gostei mesmo. (...) Melhorou porque têm mais empregos, isso é bem melhor. Acho que por isso, melhorou. (mulher jovem com 24 anos).

Em nota do dia 13 de julho de 2011 evidencio a minha percepção de um fenômeno bastante relatado nas falas das jovens mulheres entrevistadas quando questionadas sobre as suas percepções da presença do CPS. O impacto da excessiva presença masculina em Gaibu reclamada pela jovem mulher foi, então, uma unanimidade entre esses relatos.

À tarde quando cheguei em casa a movimentação de pessoas nas duas avenidas era bastante tranquila. Mas, à noite, quando fui circular pelo mesmo caminho, havia dezenas de ônibus ali parados e devidamente estacionados para levarem os trabalhadores na manhã seguinte. Aqueles ônibus estacionados anunciavam a chegada dos trabalhadores fardados que iam descansar nas residências. De fato a cidade tinha outra configuração. As pessoas trazidas pelos ônibus circulavam nas ruas principais de Gaibu. Homens fardados, com roupas sinalizadas, cinturões equipados com ferramentas. Há uma distinção de cores por empresas. Nessa noite percebi pelo menos quatro ou cinco variações de cores. Agora Gaibu era predominantemente masculina. Homens fardados, com sotaques diferentes, que ao cruzar com mulheres miravam os olhos nos corpos femininos. As mulheres eram encaradas, desejadas de maneira explicitamente intimidadoras.

Assim como aquela mulher jovem acima relatada, todas as outras entrevistadas para os objetivos desta pesquisa apontam como melhora para o local o aumento do quantitativo de empregos, o que indica a “realização das vocações” criadas pelo polo de desenvolvimento. Contudo, em um levantamento feito em campo com jovens entre 16 a 24 anos apenas 1%¹⁴ das jovens residentes de um conjunto de comunidades localizadas no entorno do CPS trabalham diretamente no complexo. Olhando para os números do IBGE¹⁵ sobre a presença da mulher no mercado de trabalho, na cidade do Cabo de Santo Agostinho, 33,9% das pessoas acima de 10 anos que trabalham são mulheres. De que maneira essas mulheres estão se inserindo nesse processo que vem complexificando o seu cotidiano? As suas expectativas e projetos de vida são motivadas pelas “vocações realizadas” criadas pelo Polo de desenvolvimento? Essas foram algumas das questões que procurei analisar no percurso da

¹⁴ Dados da pesquisa *Três polos*. As comunidades são: Em Ipojuca, Nossa Senhora do Ó e Porto de Galinhas e no Cabo de Santo Agostinho, Gaibu e Pontes dos Carvalho.

¹⁵ IBGE, 2010.

presente pesquisa ao refletir sobre esse modelo de desenvolvimento econômico emplacado pelo projeto CPS.

É evidente que o desenvolvimento econômico estampa seus frutos nas mudanças estruturais previstas e nas não planejadas. Sendo essas últimas desvalorizadas para beneficiar questões mais estruturais e macroeconômicas. Talvez, por isso, ao estudar polos de desenvolvimento (RIBEIRO 1991), o olhar do observador esteja direcionado para a cadeia produtiva associada à *vocação* anunciada, seja qual for a profundidade histórica ou a intensidade dos investimentos recentes. Com efeito, as histórias dos locais impactados não são valorizadas, especialmente quando divergem das novas finalidades dos investimentos (SCOTT, R. P; DOS SANTOS, D; DE SOUZA, R. & ACIOLY, R. F. D. 2012).

Para tanto, com o direcionamento daquelas questões há pouco anunciadas, encontrei o norte de uma inquietação em particular que busca identificar a existência de estratégias que diferenciasssem de uma tradição geracional que supunha a realização da mulher pela maternidade. A observação de um contexto da implementação de um polo de desenvolvimento evidenciou que grandes demandas são criadas para a inclusão dos jovens sem distinção de gênero. Contudo, o foco de análise será empreendido sobre as ações inclusivas para as mulheres jovens tendo como principal referência o ponto de vista dessas jovens com relação aos impactos do CPS.

1.2 Por que Gaibu?

Assim como essas *realizações*, que são efeitos da criação de polo de desenvolvimento, as dimensões econômicas do CPS atingem uma dinamicidade que envolve uma grande extensão territorial e tem afetado o cotidiano do seu entorno. Por isso, o CPS pode ser compreendido como um “grande projeto”. De acordo com Gustavo Lins Ribeiro (1990), um “grande projeto” é um segmento privilegiado do mercado da construção civil disputado pelas maiores companhias transnacionais e nacionais especializadas no setor. Atribui-se a esses projetos características particulares como uma forma de produção vinculada à expansão de sistemas econômicos e “a distorção demográfica causada pela enorme, esmagadora presença de homens adultos em relação ao número de mulheres e crianças” residentes nos locais atingidos. Ainda mais características podem ser agrupadas sistematicamente sob três dimensões: o gigantismo, o isolamento e a temporariedade (RIBEIRO, 1990).

Ribeiro (1990) fala ainda da transferência de máquinas e mão-de-obra que as grandes corporações fazem para maximizar os seus lucros. Nesse sentido, saliento o que ele chama de “circuito migratório dos grandes projetos” (1990), uma vez que a entrada da mão-de-obra externa através de fluxos migratórios é percebido pelas jovens quando falam da incomoda

presença dos trabalhadores. Torna-se relevante para os objetivos dessa pesquisa pensar as relações de sociabilidade entre esses trabalhadores deslocados pelo “circuito migratório” e a população de Gaibu.

Essa demanda de pessoas atraídas é fruto de um grande quantitativo de empregos. Os atraídos são em sua maioria homens oriundos de outros estados para disputar essas oportunidades com a população local. Não há, porém, um planejamento adequado para comportar esse “fluxo migratório” e isso causa grande impacto nas comunidades localizadas no entorno do CPS. Acerca da presença desses trabalhadores em um determinado local, o pesquisador Heitor Scalabrini Costa, da Universidade Federal de Pernambuco, em uma entrevista¹⁶ aponta criticamente os impactos e as condições de vulnerabilidade dos trabalhadores:

Verifica-se uma desagregação social por causa do deslocamento de milhares de pessoas que, saindo do seu ambiente social, ficam longe de seus familiares. Para esses trabalhadores, em sua grande maioria com trabalho temporário, não existe uma única diversão que não seja o bar e a prostituição. Não há escolas, cinemas, outros meios que possibilitam o lazer e sua integração social. Os salários são baixos, pedreiros ganham em torno de mil reais, e os ajudantes R\$ 780,00.

Observando isso mais de perto, em uma das minhas noites em Gaibu, tive a oportunidade de sentar à mesa de um bar com um grupo de 4 homens jovens, solteiros, naturais da Bahia e trabalhadores de SUAPE. Todos eles tinham vindo da Bahia, pois seguiram uma rede de informações que os indico onde encontrar as oportunidades de emprego. No caso desses 4 homens, como me foi contado, a experiência que já tinham por terem trabalhado na construção de um refinaria no seu estado de origem foi garantia de emprego certo.

Nessa noite falamos sobre futebol, mulheres, dinheiro, emprego, casa.... Todos são funcionários de uma empresa de construção civil e moravam na mesma casa. Esta casa era mantida pela empresa, em cada quarto dormiam 4 homens. Dois dos meus colegas naquela noite dormiam sozinhos em um quarto, mas para conseguir essa condição de “um pouco mais de conforto” foi preciso burlar algumas imposições da empresa que os bancava ali. Isso só foi possível porque dois daqueles que ocupavam o mesmo quarto, abriram mão deste “benefício” oferecido pela empresa e alugaram uma casa, sendo que não informaram à empresa essa mudança. Ou seja, para a empresa, aquelas vagas ainda estavam ocupadas, e isso significava que as quatro vagas daquele quarto estavam ocupadas.

¹⁶ <http://www.ecodebate.com.br/2012/08/16/complexo-industrial-de-suape-os-limites-do-desenvolvimento-entrevista-com-heitor-scalabrini-costa/>

Esses alojamentos são sempre vigiados para que as regras sejam mantidas. As regras que são mais cogitadas para serem burladas, segundo informaram-me, é a proibição da entrada de mulheres e drogas. Mas eles falaram que sempre dão um jeito. Vieira (2013) mostra como a convivência nos alojamentos implica no estabelecimento de regras e cumplicidades entre os trabalhadores. Quando alguém leva uma mulher, por exemplo, o outro tinha que dormir na sala ou em qualquer outro lugar, mas nunca impedir aquela “conquista do companheiro” e os vigias sempre facilitavam “as coisas”.

Devido à ausência dos seus laços mais íntimos e a necessidade de construção de parcerias, eles acabam criando com facilidade uma identificação com pessoas que estão em condições parecidas. Naquela noite, eu fui enquadrado nesse perfil, afinal eu era um homem jovem, que estava procurando trabalho. Pois é, eu não precisei me apresentar, porque esses significados já estavam atribuídos a minha pessoa e por si só foram suficientes para que me definissem. Quando me apresentei, preferi não falar que eu estava ali fazendo pesquisa. Essa era uma estratégia que já tinha elaborado, pois eu temia que ao me apresentar como pesquisador criasse um distanciamento. Então, quando falei que estava ali na casa de um amigo, logo eles anteciparam minha condição e acharam que eu estava na mesma situação que eles: procurando emprego. “Deus vai permitir que você consiga”, esses foram os desejos feitos para mim e assim fui “afetado” ao me sentir um par. E de acordo com Favret-Saada (2005), o pesquisador ao se permitir “ser afetado” abre suas percepções para a situação do outro e passa a ocupar um espaço entre os iguais. Como resultado dessa percepção, Favret-Saada (2005) fala que o pesquisador pode se permitir tentar compreender sensivelmente as interações não verbais e até mesmo as verbais, construindo para si imagens que posteriormente podem ajudá-lo a ter representações e tornar inteligível o que presenciou.

Fui afetado e fiquei ali algumas horas conhecendo um pouco da rotina daqueles trabalhadores migrantes. Eles trabalham de segunda a sexta para receber cerca de 780 reais. Para ganhar um pouco mais com hora extra-dobrada (que representa o dobro do valor por horas trabalhadas) eles precisam trabalhar nos finais de semana. Ao final, com essas dificuldades e excesso de trabalhos isso representa um ganho que pode chegar a 2 mil reais. Todo sacrifício era válido para ganhar aqueles quase 2 mil reais, estar longe da família, dos amigos, dos seus lugares e ficar bebendo até altas madrugada de uma sexta-feira para trabalhar no outro dia de manhã bem cedo.

Ainda sobre a necessidade de trabalhar muito para ganhar um pouco mais, em uma das entrevistas que realizei com uma jovem mulher, foi por ela relatado que o seu marido saía de casa às 5:20 horas da manhã e chegava por volta das 8 da noite. Isso representa uma jornada de mais de 12 horas.

Trabalha até sábado, ele sai de 5:20 da manhã e só chega 8 da noite, porque tá na (hora) extra. Se ele quiser ficar sem a extra, mas o dinheiro é pouco, né. Não é tão pouco, se ele quiser, ele chega de seis horas em casa, mas se ficar na extra só chega em casa de (sic) oito, oito e meia ou até mais tarde. (Jovem mulher, 18 anos).

Voltando a falar sobre os trabalhadores migrantes, em um trabalho recente sobre as vivências destes, Sirley Vieira (2013) define-os a partir do conceito nativo de “Pião Trecheiro”. A definição de “Pião Trecheiro” envolve a metáfora do pião, que precisa girar para ficar em pé a isso está associada à lógica da migração territorial; e “Trecheiro” vem de trecho, que é o tempo da mobilidade e as distâncias geográficas percorridas entre as obras (Vieira, 2013). De acordo com Vieira (2013), então, o que compõe a identidade de um “Pião Trecheiro” são os símbolos do trabalho, do deslocamento migratório e período temporal. O autor conclui, então, que a identificação “Pião Trecheiro” exerce uma influência direta na forma de interação e constituição de vínculos com o lugar e com as pessoas. Isso é efeito das exigências da profissão, pois um “Pião Trecheiro” carrega consigo as especificidades de deslocamento migratório para conseguir trabalho em outras regiões, assim como os meus “parceiros” naquela noite em que eu fui afetado. Tudo isso faz com que não se prendam a uma “região fixa”, o que representa um tipo de relação simbólica com o lugar, mediada pela ideia de “fazer parte” e “não fazer parte” (Vieira, 2013 p: 130), é neste sentido que eles falam “eu só estou aqui de passagem”.

Da mesma forma que esse “circuito migratório” (Ribeiro, 1990) culmina na criação de identidade particular para esses trabalhadores, desencadeiam também grandes impactos para os pequenos distritos localizados no entorno do CPS. Como já dito, o caso aqui evidenciado é o de Gaibu. A escolha por essa praia se deu, inicialmente, por conta da sua pequena dimensão geográfica e a grande quantidade de mudanças estruturais causadas pela chegada dos novos residentes. Realidade esta evidenciada no discurso dos nativos que manifestam frequentemente incômodos pelas constantes e rápidas mudanças no cotidiano do lugar.

Como relatada acima, em conversas informais com alguns desses trabalhadores, isso expõe sinais daquilo que Ribeiro (1990) chama de “circuito migratório” e da identidade “Pião Trecheiro” (Vieira, 2013). E no caso de Gaibu, a maioria dos trabalhadores atraídos pelo CPS e, por consequência, novos residentes temporários de Gaibu, é natural do estado da Bahia. Devido a grande quantidade de pessoas oriundas deste estado, surgiu em Gaibu a categoria “baiano” criada pelos moradores antigos da praia. Em muitas situações ser “baiano” estar associada a significados pejorativos, como relatei em diário de campo: “os baianos são brabos, sempre morre ou mata”; “os baianos são os maiores causadores de confusões”. Além dessas associações pejorativas, há elementos da cultura baiana que são facilmente percebidos nas ruas de Gaibu como, por exemplo, as músicas que se ouvem nos bares e nas casas onde residem os trabalhadores, bem como a presença de algumas vendedoras de acarajé.

Para tanto, esse fenômeno da mudança estrutural vem recondicionando o cotidiano e criando novas condições históricas dessa “configuração”. Antecipo um pouco a utilização deste conceito de Norbert Elias (1994), porque é a partir da definição de “configuração” que argumento a respeito dos resultados dessas intensas mudanças na estrutura de Gaibu. Na definição de “configuração”, Elias (1994) associa o processo de transformações históricas e as especificidades dessas às próprias dinâmicas das configurações historicamente localizadas e como isso está atrelado ao processo de desenvolvimento pessoal. Essas considerações são relevantes na medida em que indicam um caminho para compreender como os processos de mudanças em Gaibu estão inter-relacionadas com as ações comportamentais das jovens mulheres entrevistadas. E, em que medida isso resulta na configuração do *habitus* de *ser mãe* e como/se acontecem as negociações geracionais.

Fazendo alusão à história de Gaibu, a paisagem urbana começou a sofrer os seus maiores impactos há 30 anos, segundo relatos de moradores mais antigos. Foi nesse período que a rodovia PE 28, que relaciona a região das praias do litoral de Cabo de Santo Agostinho com a BR 101, foi asfaltada. A década de 1970, em Gaibu, foi marcada pela ocupação de caráter mais urbano a partir da exploração turística. Nesse período foram criados loteamentos que foram adquiridos por veranistas. Desde então, a praia passou a ser frequentada por turistas e veranistas. O ano de 2009 é quando inicia um marco mais radical de mudança na paisagem da região, pois foi quando as mudanças passaram a acontecer em um ritmo muito rápido com a pavimentação de algumas ruas, construção de casas e lojas e a chegada de pessoas para trabalhar no CPS. Como efeito, Gaibu deixou de ser atrativa para os veranistas que desde então alugam as suas “casas de praia” para as empresas alojarem os seus trabalhadores. Fica evidente, portanto, que o “gigantismo” (RIBEIRO, 1991) do CPS tem implicado em um processo de urbanização em Gaibu, pelo crescimento da população e das áreas construídas. Em Gaibu, segundo relatam os moradores mais antigos, no ano de 2009 a demografia do lugar aumentou em diversidade sendo composta por pessoas de vários estados e alguns países.

Os dados do IBGE apontam que a população do município do Cabo de Santo Agostinho passou de 152.977 em 2000 para 185.025 em 2010, isso configura um aumento de 20,95%. Não há dados sobre a população de Gaibu para o ano de 2010, mas no censo de 2000 o IBGE contou 7.622 pessoas. Caso o crescimento de Gaibu tenha acompanhado o do município, estima-se que a população de Gaibu em 2010 era de aproximadamente 9.146. Esses números certamente subestimam o total devido à intensidade do grande quantitativo de trabalhadores que trabalham nos canteiros de obras da construção do CPS. Outra estimativa do crescimento da população da praia até 2011 pode ser feita a partir de informações passadas pelas agentes

de saúde que prestam serviços para a população do lugar. De acordo com essas agentes, em uma campanha de vacinação realizada naquele ano, das 330 crianças vacinadas apenas 30 eram de famílias já cadastradas. Isto dá uma dimensão da quantidade de novos moradores que passaram a residir em Gaibu do ano de 2009 até 2011. Esse crescimento foi a causa de grandes mudanças estruturais que, segundo relatos dos nativos, criou um ambiente de grande complexidade e colocou a população local às margens. A situação é bem exposta na fala de uma jovem entrevistada.

Teve uma época que minha mãe queria mudar de casa, aí a gente foi procurar uma casa, chegou ali em cima, a mulher disse que o homem botou uma família, assim, expulsou uma família pra alugar aos homens de firma, que tinha vindo da Bahia, entendeu? Aí eu achei errado isso porque eles são gente, do mesmo jeito que eles são, entendeu? Aí eu achei errado isso porque aqui eles dão preferência a eles (os de fora), porque podem aumentar... até mil reais pode ser, que eles pagam, a firma paga, entendeu? Aí eu achei muito errado isso porque tirou a oportunidade de muita gente daqui, moradores daqui de Gaibu. (Jovem mulher residente de Gaibu.)

Para dar mais visibilidade às condições estruturais de Gaibu, passo agora para uma narrativa onde sintetizo a minha impressão do lugar. Morei em Gaibu quase dois meses antes, porém, tinha feito algumas visitas curtas para articular informações necessárias na realização desta pesquisa. O intervalo entre a primeira e a última ida é de aproximadamente um ano e um mês no período de 2 de abril de 2011 a 25 de maio de 2012.

Gaibu caracteriza-se por ser a praia de maior concentração de serviços, comércios e atividades de lazer do município do Cabo de Santo Agostinho. Mas isso não é resultado dos impactos de SUAPE, já vem da tradição turística que o distrito tem desde a década de 1970. Em um curta estadia de 2 meses morando em Gaibu, tive a oportunidade de presenciar alguns impactos do vertiginoso crescimento populacional na antiga vila de pescadores.

Como forma de estabelecer uma rotina em Gaibu e uma tentativa de ter um contato mais visceral com o lugar eu criei o hábito de fazer corridas diárias pelas ruas. Além de ter momentos de reflexão, as corridas eram uma grande oportunidade de observar. Quando estava correndo vi a cidade e ela me via, percebia que muitas pessoas me olhavam curiosas. E isso sempre me lembrava um texto de Le Breton (2010) que fala do ritual dos corpos que se escondem para esconder alguma “deficiência”, a minha “deficiência” era ser de fora. Mas eu coloquei isso como um conflito que precisava resolver para cumprir o legado antropológico e de alguma maneira estar inserido no cotidiano. Nunca neutro, já que uma presença é percebida e interfere na vida das pessoas e isso, no meu ponto de vista, é fundamental para a construção do conhecimento antropológico.

Reforçando a importância da intersubjetividade para o fomento do conhecimento antropológico, Mariza Peirano (1991) mostra que esta é uma característica particular da antropologia. Essa particularidade antropológica leva à necessidade de se lançarem os conceitos preestabelecidos e pré-formulados pelo antropólogo à experiência de contextos diferentes e particulares para analisar a sua adequação (PEIRANO, 1991:44). Isso quer dizer que nos deparamos com a situação que é estabelecida no campo, na qual “se é levado” às inferências *in loco* capaz de refazer noções construídas pelo pesquisador. Reforça-se, assim, a importância da intersubjetividade (ACIOLY, 2011).

É sempre importante ter clareza de que a estada no campo não é um momento rotineiro na vida do antropólogo e que em campo a realidade tem um desenho particular na vida de quem faz *pesquisa de campo*. Ser antropólogo no campo é estar sempre negociando a sua subjetividade na realidade passageira do campo, é estabelecer uma rotina, mas nunca esquecer da rotina doméstica, já que ela está sempre presente. Em casa, por exemplo, eu mantinha o hábito das corridas pelas “minhas ruas”, agora eu faço corridas nas ruas do “meu campo”. Foram nessas corridas e nas caminhadas que procurei conhecer Gaibu.

O centro comercial de Gaibu é composto por duas avenidas principais. Para quem chega a Gaibu, a primeira avenida é a rodovia PE 28 que liga Gaibu ao Cabo e às outras praias mais próximas, como: Praia do Paiva, Itapuama, Pedra do Xaréu, Enseada dos Corais, Calhetas, Praia do Cabo de Santo Agostinho, Paraíso e Suape. A outra avenida é aquilo que os nativos chamam de “a Rua”. É onde está boa parte do comércio, onde as pessoas se divertem nas noites e é a principal via de acesso à praia. A maioria dos estabelecimentos comerciais são restaurantes e bares. Há uma quantidade relevante de pequenas lojas que vendem roupas e estabelecimentos para serviços, tais como: consertos para celulares e *lan house*. Além disso, em Gaibu há dois supermercados. Devido ao grande investimento em pequenas obras para ampliação dos comércios ou construção de novas casas, os armazéns que vendem matérias de construção têm crescido bastante.

Direcionado o olhar para os equipamentos públicos existentes no local, é de acesso à população: um posto policial, duas escolas municipais, sendo uma delas “modelo” (que oferece ensino integral), um posto de saúde do PSF e uma unidade e urgência 24 horas. À época da minha estadia, uma unidade da academia da cidade estava em um estágio bastante avançado de construção. Na parte mais central de Gaibu algumas ruas estavam sendo pavimentadas e um canal de escoamento de esgoto estava sendo recuperado. Contudo, a grande parte das áreas residências tinha condições muito precárias, sem saneamento e ruas sem asfalto.

Um fenômeno que me chamou a atenção foram as placas de “vende-se” e “aluga-se” em muitas casas que antes era voltadas para veranistas, isso reforça as informações passadas pelos nativos sobre a resignificação das moradias. Até o ano de 2009 Gaibu era uma praia turística, que tinha característica de um fluxo sazonal de pessoas que iam passar suas férias de verão na “casa de praia” da família ou alugada. Essas casas estão predominantemente localizadas na faixa da orla e nas proximidades da praia ou próximo ao comércio que fica no centro, naturalmente as parte mais valorizadas. Atualmente, essas casas são alugadas ou vendidas “para empresas”. Era assim que se apresentavam as placas de “aluga-se” ou “vende-se” “para empresas”. Ao caminhar na orla de Gaibu, onde ficam as casas mais valorizadas, o que eu via eram essas placas ou as casas já resignificadas com seus novos moradores - os trabalhadores de Suape. Porém, longe do conforto que os veranistas tinham no passado recente da praia, essas casas serviam de alojamento para 20, 30, 40, ou quem sabe 50 homens, a depender do tamanho do imóvel. A resignificação também aconteceu com a maioria dos hotéis e pousadas. Por ser mais lucrativo para os donos desses estabelecimentos, os antigos hotéis e pousadas foram alugados por um valor muito mais favorável do que o apurado à época do uso para o qual se fundava o estabelecimento. Para os donos desses estabelecimentos passou a ser um grande negócio, “eles agora alugam as pousadas e vão viajar. Não precisa mais ficar ai trabalhando, é só ganhar dinheiro” foi o que me falou uma senhora na rua.

Ganhar mais dinheiro é o que uma parte da população de Gaibu almeja com os investimentos na ampliação dos comércios ou até mesmo na fragmentação da sua própria residência para alugar “para empresa”. Como efeito do aumento da especulação imobiliária, a população nativa não tem mais condições de morar na parte urbanizada do lugar. Como relatado acima por uma das jovens entrevistadas, as famílias nativas muitas vezes são expulsas das casas que alugavam, porque para o proprietária é mais lucrativo alugar “para empresa” e assim ganhar mais dinheiro. Outra situação muito comum é a das famílias que são donas dos imóveis, mas optam por alugar as suas casas “para empresa” e migrar para outro lugar onde possam morar em uma casa mais barata e, com isso, ganhar mais dinheiro, já que alugar a própria casa “para empresa” dar lucro.

As condições de moradia em Gaibu têm mudado rapidamente, como consequência, há um processo de favelização. Para além dessa área mais valorizada da orla e aquelas próximas ao centro comercial, existe a parte “dos sítios” como é chamada pelos nativos. É uma região onde tradicionalmente a população local mora (ou morava). Por ficar mais distante da praia, o custo de vida era mais barato. Com a grande especulação imobiliária parte das pessoas que moravam na área dos sítios estavam se deslocando para outros locais. Uma região de reserva ambiental que existe entre Gaibu e a Praia de Suape, por exemplo, tem sido ocupada para a

construção de pequenas casas de alvenaria. É um fenômeno muito rápido! Eu passava por essa região com muita frequência e sempre via uma casa nova surgir “do dia pra noite”. A primeira impressão que tive foi de que aquelas pessoas que moravam nos sítios agora estavam se deslocando para essas margens. Mas depois que passei a observar essa dinâmica e ir com mais frequência para aquela região, percebi que a dinâmica era mais complexa. O que estava acontecendo ali eram investimentos, eram pessoas “ganhando dinheiro”.

Esses investidores eram muitas vezes os próprios moradores da região que conseguiam invadir um espaço, compravam material de construção para construir uma casa com cerca de 9 metros quadrados. E com suas próprias mãos fazia esses imóveis para serem vendidos ou alugados. Obtive informações a respeito dos preços de venda em 2011 que giravam em torno de 3 a 4 mil reais. E assim, como resultado da marginalização de parte da população local, Gaibu vai criando a sua favela.

Para algumas daquelas pessoas que estavam conseguindo benefícios através do crescimento de Gaibu, o “desenvolvimento” para o local é importante porque Gaibu “precisa sair do atraso”. Em uma das minhas idas à orla conversei com a dona de uma barraca e outra mulher que a ajudava a servir as pessoas às mesas. Eram mulheres que aparentavam ter por volta de 35 anos de idade. A garçonete era do Espírito Santo e tinha ido para Gaibu em busca de trabalho, mas não veio por conta de Suape e sim pelo seu espírito de aventureira, como ela mesma definiu. A outra, que era dona da barraca, é uma pessoa que transmitia um ar cosmopolita, pois dizia que já tinha morado em outros estados. Ambas concordaram quando falaram que a presença do CPS teve um ponto positivo, que foi a chegada do “desenvolvimento” em Gaibu. Elas se referiam aos nativos como pessoas “atrasadas”, com poucas perspectivas.

Por todos esses fenômenos de impacto direto na forma de moradia e convívio dos nativos com o seu lugar, identifiquei em Gaibu o que Ribeiro (1991) chamou de “gigantismo” dos “grandes projetos”. As dimensões de um grande projeto têm características previstas e não previstas, o que seria as latências do evento. A latência exemplificada pelos impactos estruturais na região é um dos fatos de maior natureza crítica que ficou mais evidente na minha experiência, bem como nas narrativas das jovens mulheres entrevistadas para esta pesquisa. Como um dos recortes desta investigação é sobre a relação e agenciamento dos corpos dessas jovens, direcionei grande atenção aos relatos sobre a opressão de gênero experienciadas pelas nativas.

Ao longo do ano de 2011, a chegada da população de trabalhadores foi refletida publicamente em uma reportagem jornalística que denunciava o abandono de “Os Filhos de Suape”, resultado de relações “sem maiores compromissos” entre os trabalhadores migrantes e as jovens locais. Além dessas e outras muitas reportagens não citadas aqui, uma Audiência

Pública estadual foi realizada na cidade de Cabo, e a elaboração de atividades “mitigadoras” dirigidas às adolescentes e jovens mulheres, como demandou a legislação que permitiu a assinatura de contratos de instalação das empresas empreendedoras. São indícios de resultados latentes do desenvolvimento e as suas grandes obras, porém, como têm manifestado parte da sociedade em suas denúncias, ainda são consequências ofuscadas (Scott et al. 2010; Vieira, 2013).

Isso aponta para uma ambiguidade intrigante, já que ao mesmo tempo em que os impactos do CPS amplia as possibilidades para alguns moradores e moradoras, como relatado a cima, por outro lado, há um forte descontentamento com a excessiva presença de homens na região. Aquelas mesmas mulheres da barraca, por exemplo, que alertaram sobre a importância do “progresso”, relataram também o desconforto com a presença dos trabalhadores. Uma queixa que ouvi delas, mas que muitas outras mulheres compartilharam: “muitos desses trabalhadores estão aqui se passando de solteiros, mas na verdade muitos deles têm família por lá. E às vezes até filhos”. Outra queixa em relação aos homens de fora, também bastante relatada, é o assédio. Por isso, “está bastante desconforto andar pela cidade, principalmente à noite na rua principal”.

É válido salientar um pouco mais sobre as chegadas desses trabalhadores, que já vem sendo bastante enfatizado como um relato muito presente na fala das mulheres nativas de Gaibu. Em outras conversas informais que tive com algumas mulheres nativas, ouvi relatos da “falta de respeito que os trabalhadores têm com as mulheres”. Uma delas ainda contou alguns casos de abuso sexual desses novos moradores. Comentou, também, sobre o consumo de drogas. E como esperado, falou que “os baianos são os maiores causadores de confusões”. Essa última trabalha em um órgão municipal responsável pela estrutura de esgoto de Gaibu. Com propriedade, ela falou que esse crescimento tem complicado toda a estrutura de Gaibu, porque “Gaibu não tem condições de comportar tanta gente”. Ela ainda se demonstrou muito desconfortada com os olhares “desejosos dos trabalhadores”, e que por isso deixou de frequentar a academia de ginástica. Na mesma linha desse discurso são os relatos de duas senhoras, sendo que uma delas era mãe de uma adolescente com 12 anos e um rapaz com 14. Na oportunidade, essa mãe falou que tem estado muito preocupada com a situação de Gaibu. E logo mencionou a presença dos novos moradores. Os olhares dos homens para o corpo da filha dela foi uma das coisas que ela comentou com ar de desaprovação. “É um absurdo aqueles homens desejarem uma menina de 12 anos”. A suposição dela é que eles olham para a sua filha porque é uma garota bonita e tem um corpo já bastante desenvolvido. Em seguida a outra senhora relacionou este desenvolvimento precoce à comida de “hoje que tem muita química que estão fazendo os corpos das meninas se desenvolverem mais rápido”. Ela acha

estranho, porque no tempo dela as meninas com 10, 12 anos não tinha nem seios, já hoje “tá tudo com seios”.

O contraste entre a opinião das jovens mulheres sobre a excessiva presença de pessoas de fora e a maior oferta de empregos com aquele posicionamento em defesa do “progresso” para o local é importante para as análises pretendidas, pois isso ajuda na compreensão dos impactos dessas mudanças no cotidiano de Gaibu. É o conhecimento dessas mudanças que dará mais suporte para compreender em que medida esses eventos imediatos, rápidos e múltiplos pode impactar na formação da pessoa, que, no caso aqui apresentado são mulheres jovens que passaram por mudanças recentes de *habitus* ao tornarem-se mães. Por este motivo, é importante que outros elementos sejam evidenciados, principalmente aqueles que estão a luz da sociabilidade entre os nativos e os novos residentes do local.

No Processo de complexificação do cotidiano de Gaibu como resultado dos impactos da presença do CPS, tive a oportunidade de presenciar alguns eventos que deram conta do discurso de algumas mulheres que chegam com os seus maridos. Em referência a isto, tive oportunidade de ouvir uma conversa sobre as condições de Gaibu entre duas mulheres. Ambas eram de outro estado (uma mineira a outra de Alagoas) e foram morar em Gaibu junto os filhos e maridos, porque este trabalhava no CPS. Elas estavam bastante revoltadas com os nativos, porque, segundo elas, há uma disputa por espaços. Falavam ainda que “Gaibu é um lugar atrasado” e, revoltadas, diziam que as “pessoas moradoras daqui não são melhores do que as que vêm de fora”. Ainda nesta ocasião, ouvi relatos de violências e acusações contra os que vêm de fora. Há, de fato, muitos conflitos entre os nativos e os novos residentes. Uma delas comentou que as pessoas normalmente confundem ela com uma baiana, mas ela, bastante irritada, falou que “não era baiana não” e se as pessoas continuassem chamando-a desta maneira iriam ver “o que é uma mulher alagoana”. A outra aproveitou para enfatizar que “as mineiras são o diabo, um diabo de saia”.

É possível fazer referência a esses padrões de sociabilidade estabelecidos entre os novos residentes e os antigos residentes da praia de Gaibu a partir do que disse Norbert Elias & John Scotson (1994) quando falam da uma formação relacional de identidade através da sociabilidade entre os “estabelecidos” e os “outsiders”. Inerente ao caso apresentado pelos autores há uma assimetria de poder que determina as posições dos “estabelecidos” e dos “outsiders”. Contudo, para o fenômeno observado, ao contrário dos grupos etnografados pelos autores, não posso afirmar que há em Gaibu a existência de dois grupos coesos que disputam poderes normativos. Para que isso fosse afirmado seria necessário encontrar regularidades decorrentes de estruturas e estratégias criadas pelos sujeitos envolvidos em um ambiente de mudanças não planejadas que podem levar à necessidade de novos padrões de sociabilidade, o

que não é o caso desta pesquisa. Contudo, gostaria de destacar que o contexto que apresento passa por um intenso processo de mudanças, cujo cotidiano tem elevado o nível de complexidade exigindo dos indivíduos ações que podem estar criando novos padrões de sociabilidade. Na relação “estabelecidos e outsiders”, por exemplo, há uma unidade estrutural comum que é a “configuração”. Neste caso, a “configuração” é centralizada em um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. De acordo com Elias e Scotson (1994), “essa é também a precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo outsiders por um grupo estabelecido” (1994: 23). Ainda de acordo com Elias e Scotson (1994), uma dessas constantes estruturais é a distinção entre anomia e os elementos normativos. O grupo estabelecido, que é normativo, tende a atribuir ao conjunto de grupo outsiders as características pejorativas e, por isso, são minorias anômicas (1994). Com isso, conclui os autores, “um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído” (idem: 23).

Além de ser evidenciada nos conflitos acima relatados, as presenças desses novos moradores são evocadas em outras queixas que tiveram a seguinte tonalidade por parte dos nativos: “Gaibu hoje sofre com o desconhecimento da vizinhança”. De acordo com essas pessoas, antigamente sentavam-se em frente das suas casas e todos os transeuntes eram pessoas conhecidas. Hoje, comenta-se que “de dez pessoas que passam um é conhecido”. Referências ainda foram feitas ao excesso de pessoas desconhecidas nas filas de supermercado e nos ônibus. “Agora é tudo gente estranha”. De fato o impacto demográfico que Gaibu vive tem envolvimento profundo na vida cotidiana das pessoas.

Refletindo um pouco sobre o processo histórico de formação da “configuração” (Elias, 1994) que relato, percebi que em Magnani (1998) tinha uma importante sugestão quando descreve a ideia nativa de “pedaço”, que pode ser uma categoria bastante desenvolvida para os estudos de sociabilidade e traz mais elementos para definir uma “configuração”. Ao pesquisar o universo de jovens e suas práticas de lazer nos espaços urbanos, Magnani (1998), identificou que o movimento de desfrutar as redes de lazer estava dividido entre o “em casa”, o “na rua” e o “no pedaço”. Ao dialogar com Roberto da Matta sobre a conhecida dicotomia “a casa e a rua” (1997), Magnani percebeu no seu campo outro domínio de relações. Enquanto a casa é o domínio dos parentes e a rua é dos estranhos, “o pedaço” “evidencia outro plano, o dos “chegados” que, entre a casa e a rua, instaura um espaço de sociabilidade de outra ordem” (2003: 86). O “pedaço” é, então, um campo de interação onde as pessoas envolvidas estabelecem uma rede de sociabilidade em um nível de intimidade diferente “da casa”, mas muito mais consolidado e seguro do “da rua” (1998).

Há o uso desse conceito em Scott e Monica Franch (2001) que, por sua vez, aplicam o conceito “pedaço” ao cotidiano de sociabilidade de jovens de comunidade urbanas pobres

para compreender como os jovens adquirem suas habilidades sociais e conhecimentos técnicos no contexto onde moram. É no “pedaço” que esses jovens desenvolvem espaços de sociabilidades a partir de interseções entre famílias, gênero, estudo, trabalho etc, conclui Scott e Franch. No meio de todas essas interseções, os jovens constroem as suas habilidades relacionais e técnicas inserindo-se nos seus “pedaços”, posto que, fora desses espaços os jovens pobres observados encontram rejeição e dificuldade de inserção (SCOTT & FRANCH, 2001: 119). No que cerca o problema aqui proposto, é sugestiva a ideia de que o “pedaço” pode ser aquele espaço de sociabilidade onde antes era o público - a “rua” - cuja inserção não apresentava muita resistência. O notável crescimento populacional de Gaibu e os contatos estabelecidos entre os novos e antigos moradores têm criado um cotidiano complexo que exige de ambos os moradores a formação de “pedaços”. Neste caso, estou entendendo o “pedaço” como o espaço fora de casa que permite aos antigos moradores manterem os seus laços de confiança, mas sempre observando como os sujeitos constroem as relações de sociabilidade (MAGNANI, 1998; SCOTT & FRANCH, 2001).

Compondo as relações de gênero a partir desta desigualdade de poder evidenciada pelo assédio e aquela exposta na posição das mulheres jovens sobre as oportunidades de trabalhos geradas pelo CPS, pretendo analisar as possibilidades de como as experiências somáticas de uma gravidez podem trazer como consequência a auto-objetificação dos seus corpos. Neste sentido, mais especificamente, busco compreender com o processo de *modificação somática*, atribuída por uma mudança de *habitus* em meio a um processo de *mudanças “configuracionais”*, permite analisar a formação da pessoa. Está no meu horizonte também, contribuir para o debate que reforce a preocupação sobre as condições das jovens mulheres de Gaibu como consequência das relações assimétricas de gênero, que podem orientar as ações políticas dessas jovens.

2. Recortes teóricos sobre a experiência da gravidez em contextos geracionais e dinâmicas locais

A invenção teórica do conceito *corpo* pode ser atribuída em primeiro lugar à psicanálise, no final do século XIX e início do século XX, quando Freud observava a histeria. A compreensão freudiana a respeito da histeria concluiu que o inconsciente fala através do corpo (COURTINE, 2006). Por esse caminho abriram-se possibilidades de pensar a formação do sujeito através das somatizações levando em conta a imagem do corpo.

Já nas plagas teóricas da antropologia, o tema corpo inicialmente aparece através de em uma perspectiva estruturalista. O famoso ensaio de Mauss *As técnicas do corpo* original de 1935 (2003) é provavelmente a primeira referência para um desdobramento antropológico do conceito corpo. Quando Mauss conclui que o corpo é a matéria-prima sobre a qual a

cultura molda e inscreve de modo a criar diferenças sociais, ele finca a sobreposição da cultura (estrutura) sobre os sujeitos e seus corpos. De acordo com Mauss, “a sociedade impõe ao uso rigorosamente determinado do corpo” (2003). Essa estruturação dos corpos é o que Miguel Vale de Almeida (1996) chama de um “durkheimianismo”. É neste sentido que Mauss fala de um mimetismo que seria a base para alcançar o sentido de viver em comum com os outros (2003). É, portanto, um princípio holista que tem como base o estruturalismo durkheimiano seguido por Mauss. Não há, portanto, a possibilidade de uma análise sobre as experiências de *agenciamentos* na sugestão de Mauss quando define sistemas classificatórios através das técnicas corporais. Ele fala de uma montagem corporal no indivíduo e que essas montagens “são montadas pela autoridade social e para ela” (2003: 420). Com efeito, em Mauss a composição de um “corpo social” em um “corpo físico” acontece sem levar em consideração as *situações* desse “corpo físico” antes e durante a incorporação do “corpo social”. Isso entraria em choque com a minha opção de proferir uma análise merleau-pontyana, pois, na mediada em que Mauss (2003) compreende o corpo como um objeto e o meio de técnica que o ser humano molda o seu mundo, Merleau-Ponty (1999) fala de um procedimento *perceptivo* que acontece simultaneamente no corpo e na mente.

Na fenomenologia de Merleau-Ponty o corpo é definido não como um objeto, uma coisa, mas sim como uma forma de *experiência* ou um modo de ser vivenciado (1999). A maneira de ser no mundo, de acordo com o filósofo francês, é o corpo. Ter um corpo é juntar-se a um meio definido, o meu corpo é mesmo o “pivô do mundo” (1999).

Entre Mauss e aquilo exposto por Merleau-Ponty (onde indico claramente os caminhos que serão seguidos neste trabalho) há uma divisão entre uma postura cognitiva e uma postura fenomenológica que busca compreender a relação do corpo com a sociedade. Para compreender a distinção entre as duas correntes é necessário visualizar como é feita a apreensão do mundo pelo sujeito.

Na perspectiva de Mauss, os dados brutos da sensação corporal são processados pelos intelectos em termos de esquemas conceituais contrastantes. Já na fenomenologia, o sujeito tem um envolvimento ativo, pois, de acordo com Merleau-Ponty (1999), a percepção é um movimento da pessoa (mente e corpo) no mundo. Tomando apoio em Tim Ingold (1994), Vale de Almeida (1996) sintetiza da seguinte forma as duas correntes:

(...) A questão do corpo é central no debate entre cognitivismo e fenomenologia. Em primeiro lugar o estatuto ontológico do corpo surge como instrumento passivo na primeira tendência e como ativo na segunda. Em segundo lugar, a estabilidade de forma cultural é vista, na primeira, como estando assente na transmissão geracional de informação conceptual linguisticamente codificada, ao passo que na segunda está contida na corrente contínua das relações humanas. Assim, o que as gerações pretendem fornecer não são esquemas, mas sim condições específicas de

desenvolvimento sob os quais os sucessores adquirem as suas capacidades e disposições incorporadas. Por fim, e no que respeita à atenção etnográfica, para sabermos o que o mundo significa para as pessoas, a primeira tendência diz-nos que prestemos atenção às representações mentais, a segunda que olhemos para a “quinética” do corpo, triunfando numa o “conceito” e na outra a “performance” (idem: 9).

Tomando como referência a corrente fenomenológica na antropologia para pensar o corpo, Csordas (2008) sugere que o corpo não é um *objeto* a ser estudado em relação à cultura, mas é *sujeito* mesmo da cultura, ou, como diz o próprio autor, é a base “existencial da cultura” (Csordas, 2008: 102). O olhar antropológico fenomenológico ao qual Csordas (2008) faz referência toma partido da formulação merleau-pontyana de experiência *pré-objetiva* e *pré-reflexiva* do corpo para mostrar que o processo de *auto-objetivação* já antecede culturalmente a distinção analítica entre sujeito e objeto (Csordas, 2008: 103; Merleau-Ponty, 1999). Neste sentido, ele alerta que é necessário “levar em consideração a constante reconfiguração do *self*, incluindo as possibilidades não apenas para mudança criativa em alguma sociedade, mas para a variação intelectual de graus na própria auto-objetivação (do sujeito)” (Csordas, 2008:103).

Aqui, sigo a busca estabelecida na antropologia contemporânea a respeito dos questionamentos dos dualismos clássico como indivíduo/sociedade, natureza/cultura, corpo/alma e homem/mulher. Neste sentido, pretendo contribuir com a renovação antropológica ao apresentar uma observação etnográfica sobre as estratégias de adequação às experiências de vida não previstas pelas jovens mulheres entrevistadas, mas que foram bastante mobilizadoras na vida desses sujeitos. Tomo como base a agência em Merleau-Ponty, porque o papel que o pensamento desempenha na ação, neste caso, é muito diferente do que o desempenhado na visão cognitivista. Nesta, intenções são necessárias para a ação, enquanto intenções podem ser constituídas pelos desejos e crenças do agente, e são somente as intenções que pode diretamente produzir ação. Em contraste, o modelo merleau-pontyano permite uma maior possibilidade para os pensamentos desempenharem um papel direto em relação à ação, e não é necessário para o agente formar uma intenção para agir (Romdenh-romluc, 2012).

A esse respeito, neste capítulo busco estabelecer pontos teóricos para substanciar a análise através da experiência de gravidez entre mulheres jovens, mais especificamente, no movimento de incorporação do mundo real, cultural e objetivo e a percepção subjetiva deste. Nisto, apresento no tópico *as solicitações do corpo que muda* como um olhar antropológico pode fazer uso das soluções fenomenológicas de Merleau-Ponty sobre a relação de um sujeito-corpo com as representações do mundo. Como veremos de acordo com Merleau-Ponty o corpo é o próprio local de produção de significado que são formulados e re-formulados em uma *síntese da percepção* (1999). Trago como a antropologia pode possibilitar uma

compreensão sobre o processo de “percepção” fenomenológica merleau-pontyana, para analisar como isso possibilita visualizar uma ação política das jovens mulheres sobre as representações e associações simbólicas que classificam o corpo e estruturam suas experiências. E como essas representações não são a condição, mas um reflexo do movimento espontâneo dos corpos no mundo (Merleau-Ponty, 1999).

Já é exposto que a questão investigativa deste trabalho procura compreender a constituição da pessoa a partir das solicitações do corpo em duas ambiguidades possíveis a partir do fenômeno da gravidez na adolescência: mudança somática; mudança estrutural. É por isso que as análises feitas sobre as entrevistas com as informantes buscaram, por uso de conceitos da fenomenologia do corpo em Merleau-Ponty, as respostas afetivas à experiência da corporeidade, pois “trata-se de considerar que o modo como os indivíduos vivenciam a aflição expressa uma síntese entre corpo e cultura que se dá anterior a qualquer representação” (Alves & Rebelo, 1998:110).

Nesses expostos parto para o segundo tópico do capítulo: *habitus geracionais*. No que se segue, faz parte desse tópico as perspectivas estruturais que permitirão entender como as experiências corporais analisadas são processadas no interior de uma experiência cultural. Observando a gravidez na adolescência como uma representação social ou como um determinado processo histórico envolto em um contexto, no tópico em questão buscarei os suportes teóricos para uma análise do sentido atribuído à gravidez na adolescência. Mas, o que será mais válido no percurso aqui estabelecido é a possibilidade de encontrar no conceito de *habitus* a presença do poder que determinar as relações sociais.

Nesse sentido, buscarei argumentar em favor da importância de se compreender as estratificações definidoras nas relações presentes na vida das jovens mulheres entrevistadas. É importante também salientar que os significados atribuídos à incorporação de um novo *habitus*, ou seja o da maternagem, pelas jovens mulheres está construídos de perdas do que elas definem sobre a juventude. É sobre as “configurações” de Norbert Elias que buscarei esclarecer a maneira mais adequada de definição do conceito de *habitus* ao analisar a incorporação da maternagem.

Já em *Gênero, geração e projetos de vida*, que corresponde ao último tópico deste capítulo, procuro estabelecer um debate acerca da relação destes temas a partir de uma bibliografia selecionada sobre o fenômeno da *gravidez na adolescência*. Caminho este que permitirá abordar as relações intergeracionais e a identidade de ser jovem pensada em relação aos adventos somáticos e sociais. Há, portanto, neste tópico a busca por conceitos que concretizem uma análise sobre as implicações da gravidez na adolescência e a identificação das mudanças do corpo e do *habitus* social com a juventude.

2.1 As solicitações do corpo que muda

As principais argumentação de Merleau-Ponty a respeito de uma ideia de percepção contrária a uma compreensão positivista do mundo está na obra *A fenomenologia da percepção* (1945/ 1999). De acordo com Csordas (2008), o filósofo quer que a experiência de perceber seja o nosso ponto de partida, pois antes de qualquer objeto ser considerado como objeto o que temos é a percepção. Já o social, é uma estrutura intersubjetiva, mas não pode ser pensado como objeto que estar acima dos sujeitos sociais. O social é reproduzido através da ação incorporada e consiste em locais de significados partilhados e em interação mutua (mesmo que conflitual), em que os corpos agem e são passivos de ação sobre eles (Vale de Almeida, 1996: 11). É por isso que em Merleau-Ponty, a subjetividade é um fenômeno social e intersubjetivo, “um engajamento sensível com o mundo e uma abertura ao mundo, assumindo uma forma incorporada e cultural, que assenta num *habitus* social comum e que está disponível publicamente” (idem: 11). É neste caminho que pretendo guiar os passos para analisar as situações das jovens mulheres que passaram pela experiência de gravidez. Desta forma, Merleau-Ponty traz uma inspiração interessante quando examina filosoficamente o drama do viver por meio da ininterrupção de uma *síntese perceptiva* que coloca o indivíduo em constante diálogo com as representações incorporadas em uma relação direta com o mundo (Merleau-Ponty, 1999).

Em *A fenomenologia da percepção* (1999) o filósofo francês apresentou uma crítica à compreensão positivista da percepção por meio da revisão do conceito de sensação e sua relação com o corpo e com o movimento. Essa empreitada filosófica tem como inspiração a *Gestalt* que trata da percepção como um ato interligado com o mundo, não existindo, por tanto, sensações elementares nem objetos isolados (idem).

É embasado na *Gestalt* que Merleau-Ponty fala da inevitável relação da percepção com um mundo histórico e cultural, pois, de acordo com Manzi (2007), o que nos mostrará o que é perceber é a “estrutura da percepção” e “isolar” um elemento ou “determinar” um elemento é o mesmo que tira-lo da relação que é essencial em toda percepção. De acordo com Merleau-Ponty (1999), a *gestalttheorie* diz que a definição mesma do fenômeno perceptivo não é apenas a primeira figura que está a frente de um fundo, mas sim o todo que compõe a paisagem. É assim porque o “ ‘algo’ perceptivo está sempre no meio de outra coisa, ele sempre faz parte de um ‘campo’ ” (1999: 24) esse “algo” perceptivo é, portanto, simbólico. O conceito de percepção tal qual posto na *Fenomenologia da Percepção* é uma demonstração de como são configuradas no sujeito encarnado tanto o campo da subjetividade quanto o campo das representações culturais que constituem os estoques de conhecimentos. Na concepção de sujeito encarnado, correlacionamos o corpo, o tempo, o outro, a afetividade, o mundo da

cultura e das relações sociais, pois, como já vimos, o social é formado pela reprodução das ações incorporadas.

O que desejo deixar claro aqui é que, de acordo com Merleau-Ponty (1999), antes de ser objeto, o corpo é a dimensão do nosso próprio ser. É o que julgo de relevante para compreender os efeitos de uma experiência desde o corpo-objeto ao sujeito-corpo-perceptivo. O corpo objeto é aquele que está constituído nas representações culturais que temos construídas através das nossas sínteses perceptivas. Ou seja, podemos entender como corpo objeto o nosso corpo que conhecemos ao senti-lo, tocá-lo e vê-lo no espelho; o corpo do outro cuja figura avaliamos, também é objeto assim como os corpos das grávidas que temos representados em nosso estoque de conhecimento. Mas para que o mundo se apresente como povoado de objetos é preciso que eu seja um sujeito encarnado (Merleau-Ponty, 1999), que já esteja inserido nele enquanto corpo. Neste sentido, há uma relação original entre consciência e mundo e é aquilo que é anterior à consciência dos objetos que só pode ser compreendida quando recupero *a mediação do corpo* (Merleau-Ponty, 1999). De acordo com Merleau-Ponty, esta relação é pré-reflexiva ou pré-objetiva. Uma relação desta natureza direciona para o fato de que nossa inserção no mundo – da cultura, da convivência com outros – está antecedida da atitude reflexiva responsável por constitui esse mundo como conjunto de objetos e a cultura como o conjunto de representações acerca desses objetos.

Podemos entender, então, que para Merleau-Ponty o corpo é um “contexto em relação ao mundo”, e a consciência é o corpo se projetando no mundo (1999). E, se há um saber que tenta se antecipar ao corpo e moldar as suas experiências, o autor sugere como alternativa uma reflexividade que é exatamente proporcional às experiências do corpo num mundo físico e inter-humano (Merleau-Ponty, 2006a *apud* Melo, 2012). E se os próprios objetos são resultados finais da percepção, mais do que dados da percepção, então Merleau-Ponty chama de pré-objetivo. Logo, temos que pré-objetivo é o momento de interação direta entre o sujeito-corpo e o mundo, mas esse contato nunca é puro, porque uma percepção sempre será o resultado de outra percepção. Para compreender o pensamento objetivo é necessário voltar ao contato original que tive com o mundo “a coisa mesmo”, é retorna ao mundo anterior ao conhecimento (Merleau-Ponty, 1999: 4). É por isso que a experiência corporificada não pode ser localizada no exterior ou antes da cultura, pois

a consciência se projeta num mundo físico e possui um corpo, enquanto ele se projeta num mundo cultural e possui seus hábitos: pois não pode ser consciência sem jogar com significações dadas, seja no passado absoluto da natureza ou no seu próprio passado pessoal, e porque qualquer forma de experiência vivida tende a uma certa generalidade, seja a de nossos hábitos ou aquela de nossas funções corporais (Merleau-Ponty, 1962: 137 *apud* Csordas 2008: 107).

Para sintetizar o que foi dito até agora, vimos que o social é um processo de intersubjetividades concretas e o sujeito-corpo está no âmago desta interligação ao realizar as ininterruptas *sínteses perceptivas*, que, por fim, constituí o princípio da ação. Antes de me devotar à ideia de ação em Merleau-Ponty e como a ação se relaciona com as representações, há ainda duas definições importantes para as intenções de análises aqui estabelecidas.

Se o filósofo sugere que toda experiência de percepção pressupõe um mundo vivido e está relacionado com aquilo que falei acima sobre as origens das percepções quando uma sempre se refere a outras, então, a percepção “a coisa mesmo” tem um fundo, assim como uma paisagem onde as coisas nunca estão sozinhas. Isso é o que Merleau-Ponty (1999) chama de “horizonte”. Mas este é um “horizonte inesgotável” para mim que sou um sujeito-corpo e estou limitado às minhas capacidades motoras, ou seja, o que eu vejo são perfis que são originais da minha especificidade no mundo. É assim porque, “a percepção remete a um objeto percebido, nesse objeto, o lado que me é dado remete a um lado que não é dado; e o objeto todo remete a um horizonte de outros objetos que estão implicados no objeto atual de minha consciência; enfim, todos eles remetem ao mundo que é horizonte geral de minha experiência” (Moura, 2001: 179, *apud* Manzi, 2007). Essa síntese dos conceitos até aqui apresentados é fundamental para encontrar o ponto que busco em Merleau-Ponty. O “campo perceptivo”, ou horizonte, está diretamente relacionado com o que busco extrair da relação entre a ação e a representação com base em Merleau-Ponty.

Para dar seguimento, agora preciso justificar como a minha pretensão de buscar nas narrativas das jovens mulheres sobre as suas experiências de passar por um processo de mudança do corpo pode ser analisada conceitualmente. Para isso, a definição de corpo habitual em Merleau-Ponty é bastante estimulante e pode conduzir para boas conclusões. De acordo com o autor, todo hábito é motor e perceptivo (1999). Neste sentido, “o hábito não é nem um conhecimento nem um automatismo” e “não pode ser traduzido por uma designação objetiva” (Merleau-Ponty, 1999: 199). O hábito é, então, o momento de organização do corpo antes de qualquer escolha racional. Eu consigo, por exemplo, digitar a palavra “palavra” sem precisar refletir sobre os movimentos dos meus dedos, já que saber digitar “palavra” não é saber a localização de cada letra no teclado. Desta forma, o hábito tem a função de resposta imediata do corpo, sem que necessariamente seja preciso que eu reflita como chegar à localização das teclas.

Perceber algo como familiar é conseqüentemente percebê-lo como algo que requer certas formas habituais de interação. É ser solicitado por um lugar ou uma coisa. É ser solicitado a atuar de certa forma. Usando as mesmas habilidades que se usava anteriormente. Perceber algo como familiar é, portanto, exercer sua habilidade para interagir com aquilo. O corpo habitual é, portanto, este saber sempre presente na conduta, mas para isso não é

necessário que o sujeito seja reflexivo. Isso é importante para aquilo que se busca neste trabalho porque, ao mesmo tempo que Merleau-Ponty mantém a base da experiência do corpo no mundo como anterior às representações, temos na síntese perceptiva do corpo habitual a formulação de um saber. Logo, estamos diante de um saber que é possível na aquisição desse hábito, isso faz parte da oposição que o filósofo demonstrava sobre o que ele entendia como uma “filosofia enquanto reflexão radical” (MELO, 2012: 70).

Com isso, diz, então Merleau-Ponty que “O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo ou de mudar de existência anexando a nós novos instrumentos” (1999:199). Já que,

a significação visada não pode ser alcançada pelos meios naturais do corpo; é preciso então que ele se construa um instrumento, e ele projeta em torno de si um mundo cultural. Em todos os planos ele exerce a mesma função, que é a de emprestar aos movimentos instantâneos da espontaneidade “um pouco de ação renovável e de existência independente”. O hábito é apenas um modo desse poder fundamental. Diz-se que o corpo compreendeu e o hábito está adquirido quando ele se deixou penetrar por uma significação nova, quando assimilou a si um novo núcleo significativo. (Merleau-Ponty, 1999 p: 203)

Espero ter deixado evidente a relação entre a *síntese perceptiva* e o *corpo habitual*, que já é objeto para o sujeito, já que o corpo se construiu instrumento e tem um mundo cultural percebido. Com a chegada dessa conclusão, passo, então, para o último ponto em Merleau-Ponty do caminho teórico que venho traçando aqui.

Buscando referência no recalque como jargão psicanalítico, Merleau-Ponty (1999) traz a sua compreensão do que compreendo aqui como *incorporação*, na mediada que no recalque “eu alieno meu poder perpétuo de me dar ‘mundos’ em benefício de um deles” (idem: 124). E isto (recalque) é o que coloca o individual diante de representações do corpo. O filósofo faz usos deste jargão para esclarecer na sua filosofia a condição espacial e temporal que nós, sujeitos encarnados, temos no nosso mundo cultural. Ele exemplifica a partir do caso do braço fantasma o que aqui tenho chamado da incorporação de um novo *habitus* a partir de uma experiência de vida não planejada, mas bastante mobilizadora. De acordo com o autor, como visto a cima, é a partir de um corpo habitual que o sujeito age. E o recalque, no caso do amputado, é o controle das experiências corporais que tem sido promovido pelos projetos de subjetivação atuais.

Aquilo que em nós recusa a mutilação e a deficiência é um Eu engajado em certo mundo físico e inter-humano, que continua a estender-se para seu mundo a despeito de deficiências ou de amputações, e que, nessa medida, não as reconhece *de jure*. A recusa da deficiência é apenas o avesso de nossa inerência a um mundo, a negação implícita daquilo que se opõe ao movimento natural que nos lança a nossas tarefas, a nossas preocupações, a nossa situação, a nossos horizontes familiares. (Merleau-Ponty, 1999: 121)

É neste sentido que para Merleau-Ponty habilidade constante das atividades motoras do agente é o que o autor chama de poder para se reconciliar com o possível. Para Merleau-Ponty a percepção não envolve receber passivamente os dados do mundo, o agente é ativo em sua percepção. Como vimos, ele não simplesmente percebe os dados objetivos do seu ambiente, o sujeito os percebe nos termos do significado das suas ações, o que é importante para ele. Para Merleau-Ponty o agente resume as solicitações do mundo. Aqui Komarine Romdenh-Romluc (2012) é bastante lúcida ao afirmar que, “fazendo isso, o agente, projeta uma situação em torno de si, o que se poderia chamar de um certo modo de ação¹⁷” (idem: 24). É neste sentido que o conteúdo da percepção é em parte determinado pela natureza das coisas percebidas, mas também, é determinada pelo próprio agente.

Ainda de acordo com Romdenh-Romluc (2012), para uma descrição do papel do pensamento na ação em Merleau-Ponty, devemos localizá-lo na sua descrição sobre a ação. Para Merleau-Ponty, a ação envolve o que vimos no recalque e isso envolve as constantes sínteses perceptivas. Então, de acordo com Romdenh-Romluc, ação no autor tem a seguinte estrutura. O agente “decide” as possibilidades para a ação a partir do seu ambiente. O seu “entendimento” do que ele pode fazer no ambiente particular inicia e controla o seu comportamento. A “decisão” do agente a partir das possibilidades oferecidas é manifestada pela sua percepção das solicitações do seu contexto. O que deve ficar claro aqui é que “não há necessidade para o agente representar conceitualmente a ação a ser realizada. A ação é possibilitada pela posse de habilidades motoras do agente¹⁸” (idem:17).

Com tudo isso, podemos entender que as ações dos agentes são efetivadas pelas solicitações com maior poder atrativo. Ou seja, a urgência que contribui para a construção das prioridades do pensamento. Levando para alguns casos que serão analisados, como veremos, a ação anterior a gestação, no caso a relação sexual, têm consequências imprevistas e, por isso, as intenções iniciais não correspondem as consequências da ação. Essa nova condição do corpo, nova percepção corporal, traz novas solicitações, logo as novas solicitações corporais redimensionam a ação dos agentes. É neste sentido que Merleau-Ponty contribuirá em uma análise que se pretende sobre agentes que passaram por uma experiência somática que resultou em seu deslocamento social ao incorporar outro *habitus*. Como sugestão de Romdenh-Romluc (2012), *reasonably proficient*, que é o sujeito agente em Merleau-Ponty, é mais interessante para compreender o lugar do pensar na ação. Quando em contato com contingências, o *reasonably proficient*, precisa sempre recorrer à reflexão. Como veremos no

¹⁷ Tradução livre

¹⁸ Tradução livre

próximo capítulo, no horizonte das jovens mulheres entrevistadas, antes de passarem pelas experiências da gravidez, elas tinham a representação da maternidade e da maternagem, mas, é a partir da experiência corporal que essas representações conceituais ganharão um significado corporal. Ou seja, existe uma representação de algo antes da experiência deste algo. A experiência deste algo é uma experiência entendida através da experiência corporal. Então, a representação conceitual anterior constitui um significado corporal através da experiência presente. Estamos diante de um saber do corpo, portanto. Finalmente, na experiência presente há um resgate da representação a partir do exercício motor. É isso que constitui uma síntese perceptiva corporal.

A partir de tudo o que foi dito, quis apresentar o modo como a representação funciona na qualidade de uma solicitação. Aquela é parte dos padrões destas solicitações, ambas percebidas e representadas, e fazem juntas as apreensões do agente. “As percepções solicitadas, junto com as representações conceituais levam a ação e enquanto o agente pratica, ele vê as rochas apropriadas para as mãos e não mais precisa de uma representação conceitual delas para escalar um paredão” (Romdenh-Romluc, 2012: 30). Esse é o entendimento da fenomenologia merleau-pontyana sobre a percepção que interessa aqui para as análises desejadas a respeito da constituição subjetiva de uma representação da gravidez. Com isso, a referência a esse autor inspira na busca pela compreensão dos sentidos e significados que as jovens mulheres entrevistadas atribuem à experiência de maternagem. Ou seja, estou falando de solicitações mutuas do corpo, pois ao mesmo tempo em que há uma *desconfiança* e *relocação* daquele corpo nos parâmetros culturais¹⁹ há, também, um recondicionamento, uma reorganização do mundo a partir da experiência das mudanças somáticas que proponho análise.

2.2 *Habitus* geracional constituído em configuração histórica

Neste tópico indico as veredas para encaixar as práticas individuais, que são fruto das percepções, a um conjunto de práticas que define configurações sociais. Dentro dessas configurações são estabelecidos *habitus*, que, por sua vez, implicam na agência. Ou seja, *habitus* são incorporados de acordo com as solicitações sociais experienciadas pelo indivíduo. Isso é muito próximo do que foi visto acima com o que Merleau-Ponty advogou a partir do conceito de recalque. Contudo, a compreensão do conceito de *habitus* é de relevância para as análises pretendidas aqui para chegar ao entendimento das configurações sociais, conceito que foi desenvolvido por Norbert Elias.

¹⁹ Desenvolvido no tópico seguinte.

Antes de chegar ao que foi elaborado por Elias é pertinente esclarecer a escolha deste autor em detrimento de Bourdieu. Segundo a crítica de Charlot (2000), o *habitus* que Bourdieu cunhou é um tipo de “psiquismo de posição”, é a interiorização do mundo social constituído *na e pela* posição social, portanto, sempre ancorado na origem do grupo social ao qual o indivíduo pertence. Já para Elias, temos um campo do possível que direciona a forma de ser e de agir dos indivíduos, que, por sua vez, tem uma constituição flexível por depender da relação com outras pessoas (TAVARES, 2009) e dos significados objetivos atribuídos aos elementos que compõem a configuração social. Seguindo essa constatação, concordo com Tavares (2009) quando pontua que a elaboração de Elias permite “explicar as diferenças individuais, os desvios ou admitir até mesmo as variações que podem sobreviver do acaso, do imprevisível e não-planejado” (TAVARES, 2009: 31). Porque, se o *habitus* “molda as estruturas mentais e impõe princípios de visão e de divisão comuns” (BOURDIEU, 2004: 105), que tipo de orientação crítica poderá ter o indivíduos diante da sociedade que o socializou para reproduzi-la? (TAVARES, 2009: 31). Sendo assim, como explicar as tensões e conflitos que têm por base as diferenças geracionais nesse esquema de reprodução social? (TAVARES, 2009:31).

A partir da “teoria da civilização” (1934), Elias buscou perceber como as mudanças nas estruturas emocionais humanas estão relacionadas com as mudanças estrutural da sociedade. Conforme apresentou o autor, essas mudanças devem ser observadas como processos de evoluções particulares, pois os processos de desenvolvimentos fazem parte de uma configuração determinada por uma interdependência inerente ao processo civilizatório. Isto porque as estruturas da personalidade e da sociedade evoluem de maneira inter-relacionada (ELIAS, 1994a).

A análise processual pretendida por Elias que define a teoria da civilização foi iniciada com obra o *Processo Civilizador* (1939/1994). Almejava uma compreensão das conformações sociais designando a importância de contextualizar as etapas do processo. De acordo com o autor, é uma busca pela *gênese*, pelas particularidades identificadas no processo histórico de desenvolvimento de cada configuração (ELIAS, 1994a) e indicam as práticas que compreendem a formação dos *habitus*.

Seguindo isso, postula-se que na teoria de Elias encontramos uma articulação entre «sociogênese» dos processos sociais e «psicogênese» dos processos individuais, ou seja, as definições particulares de um estão inter-relacionadas com as definições particulares do outro. Em outras palavras, o mesmo aparato dinâmico que produz resultados estruturais na sociedade produz resultados comportamentais no humano (TAVARES, 2009: 26).

Para tanto, uma preocupação inicial é reelaborar o conceito de desenvolvimento, já que “uma metodologia voltada para ligações factuais exige o abandono das ideias metafísicas que

vinculam o conceito de desenvolvimento à noção ou de uma necessidade mecânica ou de uma finalidade teleológica” (ELIAS, 1994a: 216). Neste sentido Elias aponta a ineficiências das ciências humanas em visualizar as verdadeiras causa do desenvolvimento das formações sociais, estando, necessariamente, atrelado às alterações na estrutura psíquica humanas.

Ao argumentar que o processo civilizador é a direção na qual se efetua a mudança de equilíbrio entre pulsões e o autocontrole (1994a), o autor aponta como o controle das emoções individuais é um elemento estruturante que permitiu alcançar a civilidade. Não compreende o autocontrole como um estágio de desenvolvimento, mas como uma estrutura desenvolvida dentro de um processo de mudanças (1994a).

Este argumento serve para demonstra o principal ponto de discordância entre este autor e outras correntes teóricas que percebem o ser humano a parti de uma visão estática. Estas teorias não perceberiam a relação dinâmica existente entre indivíduo e sociedade, o que mais tarde (1994b) Elias vai chamar da balança Eu-Nós.

Em síntese, poderíamos dizer que para Elias é indissociável o desenvolvimento da personalidade sem a sociedade. É por isto que o controle emocional deve ser compreendido como uma estrutura desenvolvida dentro de um processo de mudança. Neste, se permite analisar, nos diferentes estágios de desenvolvimento, quais as condições que culminaram em tais estruturas emocionais do ser humano. Aqui encontramos um ponto central na teoria de Elias que diz respeito ao entendimento da sociedade não em um momento estático, retirado de um conjunto de fatores. No caso o que se processa é uma sociologia de estados, como fizera Parsons. Contrário ao que buscava o nosso autor alemão, pois se assim for feito o que se tem é uma verdadeira ficção da realidade, posto que um instante jamais será representativo do conjunto de fatores presente em um longo processo de mudança. Sendo assim, Elias extrai os elementos factuais que seriam aqueles equivalentes aos acontecimentos basilares, como é o caso do controle emocional, que Elias associa centralidade da violência vivida na passagem da sociedade de corte para a posterior (1994a).

É valido esclarecer que para Elias (1994a), a civilização é a maneira como ela compreende o momento em que pessoas compartilham valores e exercem um autocontrole guiado pela sua situação de sujeito contextualizado. Se assim não forem feitas as observações sobre determinada configuração social, não se conceberá as pessoas como relativa e interdependente formando configurações mutáveis entre si, pois, as nossas primeiras percepções do mundo não são auto-evidentes, mas sim definida pelas

sociedades particulares, que surgem em conjunto com certos tipos de interdependência, de laços sociais entre pessoas – em suma, que é uma peculiaridade estrutural de um estágio específico do desenvolvimento da civilização, correspondendo a um estágio específico de diferenciação e individualização de grupos humanos (ELIAS, 1994a: 238).

Essa indicação de Elias se torna bastante relevante para entender o contexto da pesquisa aqui analisa. Tomando como referência o conceito de configuração, como visto até aqui, a abordagem de Elias (1994a) aponta para a interdependência entre indivíduo e sociedade, de tal forma que tanto a sociedade quanto o indivíduo podem ser tomados como configuração. Configuração, por tanto, é uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes que passam pelo processo de adequação entre o comportamento individual e as estruturas sociais. O contexto que apresento para análise passa por um intenso processo de mudanças, cujo cotidiano tem elevado o nível de complexidade exigindo dos indivíduos ações que podem estar criando novos padrões de sociabilidade. E neste conceito de Elias vejo um caminho possível para compreender a rede de dependência recíproca que fazem com que cada ação individual dependa de toda uma série de outras, que modificam, por seu turno, a própria figura do jogo social. E isso, de acordo com Chartier (1990), é atribuído como papel central para Elias.

Na obra *A Sociedade dos Indivíduos* (1994b) o nosso autor irá trabalhar os conceitos de Indivíduo e Sociedade mostrando que estes nem sempre existiram, e atualmente podem ser considerados opostos. Elias (1994b) fala de uma “balança nós-eu”. Essa distinção serve justamente para trabalhar a ideia decorrente das mudanças processuais e, neste sentido, os conceitos de indivíduo e sociedade vão tomando outras formas e estabelecendo outras relações. Na Grécia Antiga, por exemplo, não se podia nem mesmo falar em indivíduo. Somente a partir do século XVIII é que os conceitos de indivíduo e sociedade vão tomando formas distintas e transformando-se em opostos.

Nas sociedades em que o indivíduo está sob a guarda do Estado, a balança “Nós-Eu” tende mais para o Eu (1994b), sendo este, portanto, o modelo do contexto aqui analisado. Como contraste, Elias toma as situações em que os indivíduos tinham que se juntar em grupos para se proteger dos riscos correntes. O problema indivíduo-sociedade deve, pois, ser abordado por uma teoria social do processo, em contra ponto à visão das ciências naturais, por exemplo, onde prevalece o factual, o “aqui e agora”.

Isso mostra como os conceitos de indivíduo e de sociedade estão ligados um ao outro. É por aí que se assenta aquela reflexão vista a cima sobre a inter-relação de que cada pessoa singular, por mais diferente que seja de todos os demais, tem uma composição específica que compartilha com os outros membros de sua sociedade (1994a; 1994b). E, de acordo com o nosso autor (1994b), esse é o *habitus*: “a composição social dos indivíduos, como que constitui o solo de que brotam as características pessoais mediante as quais um indivíduo difere dos outros membros da sociedade” (idem: 150).

Esse conceito de *habitus* para Elias permite introduzir os fenômenos sociais no campo das investigações científicas. Isso fica claro com a questão ilustrativa do caráter nacional, que para ele trata-se de um problema de *habitus* por excelência. Este conceito traz novos níveis de investigação, como na discussão sobre identidade. Elias (1994b) mostra que a identidade Nós é indissociável da identidade Eu. Um sujeito é extremamente individual por ser único. Ao mesmo tempo, está imerso numa sociedade e leva consigo seus traços. A identidade de um indivíduo adulto não é a mesma de quando este era criança. Contudo, mesmo com a extrema diferença entre as duas fases da vida, esse indivíduo é o mesmo e guarda uma continuidade. Neste sentido, diz Elias que “a constituição que cada um traz consigo ao mundo, e particularmente a constituição de suas funções psíquica, é maleável” e está em consonância com a “natureza das relações entre ela e as outras pessoas” (Elias, 1994b: 27). É por isso que Tavares (2009) fala da existência de uma noção de *campo de possibilidade* na teoria de Elias. Ao indivíduo, além do processo natural do desenvolvimento psíquico singular de maturidade que o faz deixar a infância, é eminente a interdependência entre essa «psicogênese» e a «sociogênese». Ambos são processo que definem a origem (gênese) dos sentidos atribuídos aos controles individuais (psicogênese) na relação com modelos de ideias e de comportamentos (sociogênese).

A compreensão do processo de adequação entre o comportamento dos indivíduos e as estruturas sociais, apresentado por Elias na inter-relação entre configurações historicamente localizadas e *habitus* desenvolvidos nos modelos desses contextos, permite explorar:

a ligação entre os desenvolvimentos ‘macro-sociais’ na estrutura da sociedade *versus* os desenvolvimentos ‘micro-sociais’ das experiências pessoais, num nível mais fenomenológico, o nível das emoções, e o que chamamos agora de nível do ‘habitus’. (Mennel, entrevista a Gebara, 2005:40 *apud* Tavares, 2009: 27).

Ainda de acordo com Tavares (2009), Elias fala de um lugar privilegiado desse entrelaçamento micro-macro. Tavares indica como a partir de Elias é possível examinar mudanças em nível macro numa sociedade a partir da trajetória individual. A sugestão de Tavares (2009) a respeito dessas possibilidades da teoria de Elias é bastante inspiradora para as análises pretendidas neste trabalho.

Tavares (2009) toma como base os textos *Mozart, sociologia de um gênio* e *A peregrinação de Watteau à Ilha do Amor* de Elias para pensar como os indivíduos refletem, dentro do seu *campo de possibilidades*, “os dilemas de uma determinada época em que o novo e o velho(...) co-existiam em tensão, ou seja, em momentos determinados do processo de mudanças sociais mais profundos em que a tradição resiste à inovação” (Tavares, 2009:27).

É interessante observar que nesses textos Elias está interessado em perceber como o indivíduo reflete tanto o passado como a novidade no momento de transição de uma ordem

social para outra. Esse espaço temporal de transição é definido, também, pela tensão entre a nova forma e a velha forma, já que ambas ainda estão presente (Korte, 2005 *apud* Tavares, 2009). Seguindo as ilustrações de Mozart e Watteau, dois indivíduos que tinham seus valores representados por grupos *outsiders* e, por isso, minorias anômicas, mas que estavam vivendo as tensões da disputa do poder entre a corte *estabelecida* e a burguesia *outsider*²⁰.

Essas colocações se tornaram relevantes na medida em que tentamos compreender porque determinados indivíduos fazem escolhas específicas, ou até mesmo conseguem realizar projetos cujo outras pessoas na mesma situação não conseguiram. De acordo com Elias (1994a), é na relação entre a pessoa e a sociedade que se deve buscar essa resposta, pois é essa relação que vai definir o *campo de possibilidade* dentro do *horizonte de percepção* de cada indivíduo.

2.3 Gênero, Geração e projetos de vida

Ainda estabelecendo os suportes teóricos que proporcionarão analisar as experiências das jovens sobre as suas situações de gênero e geração, neste tópico a atenção estará voltada para a inter-relação entre gênero, geração e projeto de vida. Esta inter-relação dar-se-á por dois caminhos. O primeiro é quando levado em consideração as novas possibilidades profissionais que surgem no horizonte feminino no contexto analisado e isso pode revelar uma mudança geracional historicamente situada. O outro caminho escolhido para pensar a inter-relação entre gênero e geração é a questão da identidade do ser jovem relacionada a um corpo jovem, que, aqui, busco refletir a respeito das possíveis implicações das mudanças somáticas apresentadas por uma gravidez. Diferente dos tópicos anteriores, em *Gênero, geração e projetos de vidas* não há foco em um único autor. A opção é por uma reflexão teórica dos temas a partir de como a gravidez interfere nos projetos de vida, como ela representa as condições de gênero e em que implica em um possível deslocamento geracional por parte das jovens na negociação do *ser mãe e ser jovem*.

Observando parte da bibliografia que aborda os conceitos deste tópico, no tema da *gravidez na adolescência* (GA) há intersecções entre gênero e geração que se aproximam do caminho analítico que sugiro. Na bibliografia consultada, a GA é problematizada a partir de uma perspectiva sócio-antropológica que busca refletir a respeito do reducionismo de um olhar biologizante sobre o tema. Esta perspectiva mais reducionista sobre a gravidez na adolescência surge no final da década de 1990 como uma primeira tentativa de resposta sobre

²⁰ Na relação “estabelecidos e outsiders” há uma unidade estrutural comum que é a “figuração”. Neste caso, a “figuração” é centralizada em um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes. De acordo com Elias e Scotson (1994), “essa é também a precondição decisiva de qualquer estigmatização eficaz de um grupo outsiders por um grupo estabelecido” (23:1994). Ainda de acordo com Elias e Scotson (1994), uma dessas constantes estrutural é a distinção entre anomia e os elementos normativos. O grupo estabelecido, que é normativo, tende a atribuir ao conjunto de grupo outsiders as características pejorativas e, por isso, são minorias anômicas (1994). Com isso, conclui os autores, “um grupo só pode estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído” (idem: 23).

a comparação entre a redução expressiva da taxa de fecundidade por mulheres e o aumento da fecundidade adolescente (Heilborn Et AL, 2002). Partindo disto, a GA passou a ser encarada como um “problema social” e foi inserida em um quadro de “gravidade” e “risco” (Heilborn et al., 2002; Pantoja, 2003).

De acordo com vários autores (Dias et al., 2010, Pantoja, 2003, Rios et al., 2002, Heilborn et al. 2002), a literatura biomédica utiliza expressões como gravidez precoce, indesejada, não planejada e de risco para descrever e enfatizar as consequências sociais e biológicas negativas associadas ao fenômeno (Dias & Aquino, 2006; Gonçalves & Knauth, 2006; Pantoja, 2003). Assim, uma ideia implícita de adolescência na qual a gestação não está incluída como experiência normativa foi estabelecida. Como efeito disto, a GA é vista como um desvio de percurso, um evento supostamente não desejado pelas adolescentes e cujas consequências frustram o que seria considerado uma “boa adolescência” (Oliveira, 2008).

No entanto, em Pantoja (2003) há exemplos de que a experiência da GA pode não ser um fator limitador das oportunidades de escolarização e da busca por um projeto de vida melhor. Na pesquisa realizada com adolescentes paraenses esta autora (2003) observou que a maternidade adolescente significou um fortalecimento e a permanência na escola, uma vez que a escolaridade esteve associada, na concepção dessas jovens, às noções de mobilidade social e ao projeto de “ser alguém na vida”. Com isso, permanecer na escola, além de poder concretizar uma oportunidade melhor para si, é parte do projeto de oferecer uma vida melhor para o filho (Pantoja, 2003). Neste sentido, a gravidez/maternidade na adolescência pode fazer parte do projeto de vida das adolescentes (Dias et al. 2010; Pantoja, 2003) , como já mencionado, uma vez que funciona como uma espécie de “passaporte” para entrar na vida “adulta” como indicam alguns autores (Scott, 2001; Rios et al. 2002). Esse fenômeno, por tanto, parece demarcar, no contexto estudado, a entrada da jovem no mundo adulto, de maneira legítima, posto que a adolescente passa a ser reconhecida como adulta pela família. A maternidade é, então, sempre encarada como uma grande oportunidade de mobilidade social para as mulheres.

Tomando o pressuposto de um olhar biomédico para o fenômeno, surgem possibilidades contrárias que buscam compreender o fenômeno a partir de um olhar diferenciado. E, neste caso, aponta-se a reprodução geracional que condiciona a mulher ao exclusivo exercício da maternagem privando-as de outras possibilidades externas ao âmbito doméstico (Heilborn et al., 2002; Scott et al., 2002). O termo *engravidamento*, por exemplo, é utilizado por Loss e Sapiro (2005) como referência ao processo e às experiências que jovens da periferia apresentam frente à experiência da gestação na adolescência. O engravidamento, entendido como a experiência de estar grávida, destaca tanto o poder constitutivo da

maternidade na construção da identidade feminina como a importância dessa experiência compartilhada nesse contexto sócio-cultural, no qual o papel materno é extremamente valorizado. Isso está em sintonia com a hipótese de Gabriela Calazans:

(...) às vezes construo a hipótese de que, nas situações em que essa experiência é desejada, tal escolha está associada à desvalorização, ou descrença, nas possibilidades de inserção na sociedade num padrão moderno, vinculado à profissionalização e à escolarização, atendo-se, então, ao padrão tradicional de valorização feminina por meio da experiência. (entrevista in Rios et al., 2002 p.49)

Este argumento vai na mesma linha de autoras feministas que questiona o “lugar da mãe” em relação ao “lugar do pai” na família e sociedade (SCAVONE, 2002). Dentro da perspectiva feminista, o conceito de “parentalidade” aborda a questão da maternidade a partir do posicionamento social dos atores envolvido no processo de reprodução. O que chama a atenção nessa conceituação é a ênfase na constituição parental que deve sobrepor a especificação *a priorística* deste laço segundo o sexo (SCAVONE, 2002).

Compartilhando deste argumento, tendo como base os dados da pesquisa GRAVAD (2008)²¹, Heilborn et al. (2002) diz que as representações e os valores comportamentais que moldam a construção de gênero consolidam-se no decorrer da adolescência. Desta maneira, a transmissão desses valores estão centrados, principalmente, em duas agências: a família e o grupo de pares. A autonomia progressiva frente à família expõe fortemente as jovens à cultura do grupo de pares. Eventuais pressões contraditórias decorrentes de influências divergentes expressam-se de forma privilegiada no modo como as adolescentes experimentam sua sexualidade. Como indicativo que ajuda a sintetizar o que já foi dito até agora, as autoras apontam que a gravidez na adolescência

também ganha importância no cenário de mudanças operadas na concepção social das idades e do gênero que redefinem as expectativas sociais depositadas nos jovens nos dias atuais, sobretudo nas adolescentes do sexo feminino. Parecem ser precisamente as chances abertas às jovens, no que diz respeito à escolarização, à inserção profissional, ao exercício da sexualidade desvinculada da reprodução, que fundamentam uma nova sensibilidade quanto à idade ideal para ter filhos. Nesse panorama, a gravidez na adolescência desponta como um desperdício de oportunidades, uma subordinação – precoce – a um papel do qual, durante tantos anos, as mulheres tentaram se desvencilhar. Essa argumentação subestima o fato de esse leque de oportunidades sociais não ser igualmente oferecido para jovens de diferentes classes e, além disso, supõe como universal o valor ou o projeto de um novo papel feminino. (idem, p:18)

Merece destaque também as questões referentes às trajetórias escolares e de trabalho que historicamente apresentam um estreito horizonte de oportunidades, que restringem a possibilidade de planejamentos futuros para as mulheres. A relevância que quero mostra aqui

²¹ ver o relatório da pesquisa publicado em 2008 no site clam.com.

é para as situações contrária entre a *internalidade feminina* e a *externalidade masculina* em relação à casa como apontada em Heilborn et al. (2002 p: 28) e Scott et al. (2002). Em detrimento às obrigações domésticas, estar fora do universo escolar e de trabalho constitui o sintoma da *internalidade feminina*, tendência aguçada quando se considera que o lazer também fica bastante comprometido em virtude do nascimento da criança. Uma constatação que aparece em Scott et al. (2002) é que as prescrições morais, quanto ao que a mulher deve ou não fazer na sua vida sexual e reprodutiva, se mantém forte mesmo quando há o caso de ter se casado. As bases desse controle estão na divisão sexual do trabalho, na qual o homem é provedor, e a mulher a mãe e dona de casa (Scott et al. p:220). Mais um exemplo é apresentado por Heilborn et al. (2002) sobre os dados da GRAVAD

as trajetórias femininas no mercado de trabalho são menos diversificadas que as masculinas: várias delas tinham se restringido a trabalhar como doméstica. Algumas informantes não estavam envolvidas em atividades fora do lar no momento da entrevista, o que sinaliza para *internalidade* do gênero feminino em relação à casa (Heilborn et al., 2002:30).

Concordo, então, com a conclusão das autoras ao afirmar que as ausências de perspectivas profissionais promissoras expõem o fato de que a internalidade em relação à casa se afirma como *valor* para algumas jovens. Isso pode estar relacionado, como visto, com a reprodução geracional e de gênero da *internalidade feminina*. Contudo, alguns discursos que serão aqui examinados podem apontar uma desarticulação dessa reprodução geracional influenciada pela crescente oportunidade de trabalho/emprego que o contexto analisado apresenta.

Foi para isso que elenquei como relevância analisar as situações de gênero em um ambiente de mudanças cuja sugestão de novas possibilidades de inserção das mulheres no mercado de trabalho podem resultar em uma desnaturalização das prescrições e práticas sociais (Rubin, 1993). A perspectiva cunhada por Rubin (1993), por exemplo, permite uma reflexão sobre a condição de gênero de maneira mais abrangente do que as “relações de procriação” num sentido biológico. Sendo assim, tal sistema, localizado em uma complexa rede de relações sociais, é definido por inúmeras articulações econômicas e políticas relacionadas a questões como parentesco, casamento e divisão do trabalho. Esses conjuntos de acordo normativos e historicamente configurados, que compõem uma convenção cultural, estabelecem as definições entre homens e mulheres a partir das diferenças biológicas existentes entre homens e mulheres. Com efeito, há nessa configuração uma cristalização do lugar de gênero e, por isso, são vistas como se fossem naturais. É por isso que, para Rubin, o fato de sermos caracteristicamente social, de estabelecer culturas e articulações, impossibilita a existência de uma distinção entre homem e mulher isenta de influências contextuais e de convenções e intervenções humanas. Mas isso não pode nos isentar de perceber nesse processo civilizacional as causas de desigualdades. É nesse sentido, portanto, que compreendo

a reprodução de gênero quando se configura uma posição acrítica sobre a desigualdade entre homens e mulheres. A abertura que essa “segunda onda” do movimento feminista proporciona sobre as reivindicações referentes à sexualidade e ao corpo sugere um caminho questionador sobre o instante em que o corpo da maternidade torna-se objeto. Contudo, uma compreensão fenomenológica do corpo pode apontar caminhos que indiquem a contestação dessa dominação de gênero.

Sobre essa égide de uma perspectiva feminista é que procuro identificar aquilo que chamo de uma reprodução de gênero. Pensado nisso, o recorte que coloco para observar como estão estabelecidas as convenções culturais de gênero em Gaibu, é sobre os resultados de uma gravidez no corpo. A partir dos significados que a gravidez atribuí aos papéis de gênero e as implicações desse evento nos projetos de vida, vejo, ao analisar as experiências das jovens entrevistadas, que o corpo da mulher não é um meio, ou “apenas” um objeto culturalmente determinado. Compreendo, sim, que o corpo não é *algo* que temos, mas o que somos (Merleau-Ponty, 1999). Entendendo o corpo dessa maneira, então, como posto por Merleau-Ponty (1999), a nossa abertura para o mundo se dar de forma corpórea. É por meio dessa abertura que nos habituamos ao mundo e integramos ao movimento do nosso corpo tanto coisas quanto valores culturais, que se tornam habituais. Localizando a gravidez como um campo de disputa na teoria feministas, principalmente a partir da “segunda onda” que reivindicava a autonomia da mulher sobre o seu corpo, quando busco observar a reprodução de gênero, traga uma questão sobre isso: se nas experiências de gravidez narradas nesse trabalho existiram elementos que possibilitassem o exercício dessa autonomia? É por isso que insisto na ideia de pensar o corpo como o lugar de “conflitividade e da ordem”, já que é no corpo onde passa “boa parte das lógicas dos antagonismos”. É no corpo “que é possível observar a constituição de uma *economia política da moral*, quer dizer, modos de sensibilidades, práticas e representações que põem em questão a dominação” (Ferreira & Scribano, 2011). O que vêm em questão para os objetivos desse trabalho é: que tipo de abertura para o mundo as solicitações de uma gravidez possibilita?

Em referência a um olhar mais antropológico sobre a GA, o paradigma da idade biológica é questionado a partir da relativização da adolescência/juventude, que já foi apontado aqui como umas das superações paradigmáticas. A reflexão sobre a construção das idades sociais, da qual Ariès (1978) e Béjin (1985 apud Heilborn, 2002) aparecem como referências importantes que contrapõem uma concepção essencialista das idade/geração. Uma perspectiva antropológica, portanto, dar ênfase aos sentidos atribuídos a um determinado período da vida que se alteram em consonância com as temporalidades históricas e as distintas inscrições sociais dos agentes (Attias-Donfut, 1991 apud Heilborn, 2002).

O modelo de idade biológico não considerava a vida humana demarcada por dimensões simbólicas. Mas, a partir das postulações da psicanálise, da antropologia e da sociologia (que têm o mérito de desbiologizar a sexualidade) e da pesquisa genealógica de Foucault, que possibilitou pensar por meio das “formas de subjetivação” a complexidade comportamental da vida humana (BIRMAN, 2006), o conceito de geração historicamente localizada passa a ser um entendimento possível.

Em “A ‘ Juventude ’ é apenas uma palavra”, Pierre Bourdieu (1983) diz que “aquilo que para a geração 1 foi uma conquista de toda uma vida, é dado imediatamente, desde o nascimento, á geração 2”. Esta poderia ser a melhor forma de sintetizar relações e conflitos intergeracionais se não fosse a ausência da palavra *obrigações* como contraposição a *conquistas*. Há uma ressalva, porém, na definição deste autor sobre a importância de se relativizar a *juventude* a partir do diferencial de classe e de grupos de *status*. Bourdieu (1983) argumenta que “juventude não é mais que uma palavra”, pois essa categoria é clivada por diferenças de classe e grupos de *status*, diferenciando as experiências de jovens segundo as filiações e as origens econômicas. A partir das referências feitas ao tema das relações intergeracionais, é possível, portanto, analisar dois efeitos, quais sejam: conquista e obrigações. Para o primeiro efeito leia-se *conquistas* como resultados dos reclames das gerações (novas) que se desenvolvem; já as *obrigações* são os valores que dão a impressão de estática e permanências de valores culturais representados pelas gerações antecessoras. Desta maneira pode-se compreender a juventude como identidade.

As abordagens mais recentes sobre o tema das relações intergeracionais (BARROS, 2006; SCOTT 2007; BERNARDO, 2005) focam basicamente duas questões. A primeira diz respeito à complexificação do significado da concepção individualista de pessoa na sociedade moderna, que irá culminar na busca por uma identificação. A outra examina os impactos das mudanças nos contextos vistos a partir da ressignificação de valores. Esta última sempre esteve presente nas reflexões a respeito das relações entre gerações.

De acordo com Myriam Lins de Barros (2006), para observar a relação entre gerações é importante estabelecer a relação dos impactos dos processos de mudança acelerados com a permanência ou mudança de valores e práticas sociais. Para Barros (2006), é uma impressão superficial apontar as rápidas transformações culturais da modernidade com sinônimo do descontrole dos valores, perda de sentido da vida, da tradição, das normas e dos valores. Então, mudanças contextuais e permanências de valores são conciliáveis, defende Barros (2006). Por mudança geracional podemos entender, em consequência, a relação entre obrigações e conquistas, que são conflitos e não rupturas completas entre as gerações.

A adoção dessa impressão superficial é uma retomada do “problema sociológico das gerações”, cuja primeira representação aparece em Mannheim no final da década de 1920

(BARROS, 2006). A questão mannheimiana apontada diz respeito à importância prática que há em considerar o problema da geração para o entendimento sociológico, pois o tema geracional pode apresentar uma compreensão mais exata do acelerado ritmo de mudança social (MANNHEIM, 1982). Apesar deste problema que associa as relações intergeracionais como um processo radical e excludente em relação aos valores constituídos, importa salientar que a questão da geração está intrinsecamente ligada à problemática das mudanças sociais e isso não pode ser negado (BARROS, 2006).

Outro ponto a ser relevado no clássico autor é o pertencimento geracional. Este é definido como o compartilhamento dos indivíduos de uma mesma situação no processo histórico e social. Ser de uma mesma geração não diz respeito apenas ao fato de indivíduos conviverem em um mesmo momento histórico, mas estarem em uma posição específica para viver determinados acontecimentos (MANNHEIM, 1982). De acordo Mannheim (1982), geração é o estar numa mesma posição específica para viver determinados acontecimentos e acumular *um* certo modo de experiências e de pensamento.

A essa ideia mannheimiana de predisposição às determinadas experiências sociais, Barros (2006) conecta a dimensão das escolhas individuais, da construção e negociação da realidade pelos indivíduos (BARROS, 2006):

a extensão do *habitus* de geração, entendido como um estilo de uma geração, pode ser visto na incorporação de valores e normas sociais, na disposição para ação e na interpretação da vida na cidade de uma classe de idade que tem marcas geracionais bem definidas (idem, p.20)

Os impactos das mudanças no cotidiano e, conseqüentemente, nas relações geracionais, que culmina em novas construções individuais, também é ressaltado por Kátia Jane Bernardo (2005). Para compreender as relações intergeracionais é necessário localizar e interpretar os símbolos e significados construídos pelas sociedades e expressos nas formas de pensar e agir sobre as diferentes fases da vida e das relações intergeracionais (BERNARDO, 2005).

O atual campo teórico e metodológico definidos pelos estudos de idade e geração constrói as condições para as discussões e a compreensão das heterogeneidades no curso da vida mediante a crítica à definição desses conceitos de um ponto de vista puramente cronológico. A própria noção de curso da vida foi pensada cronologicamente de forma a enfatizar as mudanças sociais da sociedade moderna para a contemporânea (BARROS, 2006). Para fortalecer a crítica a tal argumento, Myriam Barros (2006) faz referência a Debert (1999) para mostrar que, na literatura sociológica, a sociedade contemporânea é caracterizada pelas mudanças no processo produtivo, pela multiplicidade de estilos de vidas, pela construção de

identidades fluídas e pelos espaçamentos das fronteiras entre as idades, que deixam de ser geridas pelo critério cronológico (DEBERT, 1999).

De acordo com Debert (1999), a experiência contemporânea é a radicalização da tendência de disjunção entre estágios de maturidade e idade cronológica. Essa radicalização, para o entendimento do curso da vida contemporâneo, pode ser ampliada a proposta, segundo Barros, para uma disjunção entre maturidade, idade, gênero, classe social e identidade racial. A ação disjuntiva leva ao surgimento de situações em que “pessoas biologicamente maduras continuem socialmente imaturas em uma sociedade complexa que constrói opções para os indivíduos que não apenas podem, mas devem ser autônomos” (BARROS, 2006 p. 22).

É nesse bojo das relações intergeracionais que a juventude se compreende como uma identidade. Para Guacira Lopes Louro (2007), as identidades são compostas e definidas por relações sociais e são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade. São, portanto, os símbolos e significados sociais que marcam as relações de conflitos geracionais, como alertado por Bernardo (2005), que fomentaram o surgimento da identidade juventude. Não esquecendo que essas identidades são historicamente contextualizadas. São essas múltiplas e distintas identidades que constituem os sujeitos, na medida em que essas são interpretadas a partir de diferentes situações, instituições ou agrupamentos sociais (LOURO, 2007). Reconhecer uma identidade supõe, pois, responder afirmativas a uma interpretação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. É por isso que a juventude, quando compreendida por uma identidade, em busca de afirmação e manifestação de um estilo permitirá um melhor entendimento dos demarcadores de conflitos geracionais de cada contexto.

A identidade da juventude passa a se reconhecer como identidade quando se inscreve a atribuição das diferenças que marcam as rupturas geracionais. Os conflitos intergeracionais, motivados pelos comportamentos transgressores e contra-normativos, passam a exercer e efetivar aspectos de mudanças sociais historicamente reconhecidos. Nos corpos juvenis, de certa forma, tem-se o veículo desse contestar. Com isso, a relação entre identidade e corpo tem muito a contribuir para compreender o que se pretende sobre gravidez na adolescência. Em “O corpo Educado”, Guacira Lopes Louro (2007), baseia-se em Foucault (2011) para falar do condicionamento e significação que o corpo passam pelo processo de se inserir em uma cultura. Para Louro, “nossos corpos constituem-se na referência que ancora, por fim, a identidade” (2007:14). Para Foucault (2011) “o domínio e a consciência de seu próprio corpo só puderam ser adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder: a ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo” (2011 p: 146).

Infere-se daí o pensamento foucaultiano que explica o surgir do corpo social, mas com “a materialidade do poder se exercendo sobre o próprio corpo dos indivíduos” (idem, p:146). Em Merleau-Ponty, como vimos, isso que Foucault chama de materialidade do poder, para o outro autor essa incorporação depende sempre do exercício do recalque individual. Em Foucault o corpo é enredado, submetido aos embates das forças dos poderes-saberes, que se articulam estrategicamente na sociedade ocidental. Já Merleau-Ponty olha para a experiência sensível que surge de maneira original da correlação corpo próprio-mundo. Esta, por sua vez, é uma região de sentidos e não se limita à sua localização histórico-culturais já que representa a abertura ao Ser em geral (Silveira, 2007). Historicamente, os sujeitos tornam-se conscientes de seus corpos na medida em que há um investimento disciplinar sobre eles. Quando o poder é exercido sobre nosso corpo, “emerge inevitavelmente a reivindicação do próprio corpo contra o poder” (idem). Buscamos, todos, formas de resposta, de resistência, de transformação ou de subversão para as imposições e os investimentos disciplinares feitos sobre nossos corpos (FOUCAULT, 2011).

Ainda sobre a relação entre identidade e corpo, Louro (2007) fala que a identificação com grupos passa pelo investimento no corpo. “Investimos muito nos corpos. De acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos”. (LOURO, 2007 p.15; FOUCAULT, 2011). Esse investimento no corpo são efeitos da ação de representação e identificação com o lugar social que se deseja ser reconhecido (LOURO, 2007), quando relacionado com a perspectiva geracional pode proporcionar uma ampliação para o entendimento da juventude.

Como o tema da minha pesquisa é gravidez na adolescência, um fenômeno, portanto, que está evidente ao corpo, no corpo e para o corpo, as questões apontadas são bastante relevantes para investigar em que medida os impactos da gravidez na adolescência na geração das jovens desta análise podem implicar na alteração da identidade juvenil da grávida. O fenômeno da gravidez implicará, de alguma forma, no deslocamento da noção de maturidade social relacionada à uma geração social ? Um bom caminho para responder tal questão é compreender quais os contornos demarcadores das fronteiras entre aqueles que representam as normas e aqueles que ficam fora delas. Isso pode, também, levar a compreensão do poder de fixação que têm as identidades geracionais mesmo diante do fenômeno da gravidez adolescente. É interessante também perceber que comportamentos são esperados da futura mãe. E uma das cobranças sobre esse *corpo de mãe* é a manutenção da “pureza” deste corpo em detrimento ao “perigo” de desviar da norma (DOUGLAS, 1976). Essas exigências de manutenção de um padrão de valores, para manter o que se compreende como

responsabilidade das jovens mães, é a exigência de um padrão marcado por gênero e geração de reprodução da responsabilidade da mulher-mãe e a rede de cuidados como uma exclusividade feminina. Há nos discursos das jovens entrevistadas a clara tensão entre os conflitos de manter o corpo de mãe “puro” no exercício da maternagem, ao mesmo tempo em que o corpo “impuro” de ser jovem ameaça o status da maternagem, principalmente no que se refere à sexualidade.

De acordo com Louro (2007), as identidades sexuais são instáveis, porque as outras identidades que cercam o nosso cotidiano e marcam as nossas vidas particulares perturbam e atingem as identidades sexuais.

Os sujeitos deslizam e escapam das classificações em que ansiamos por localizá-los. Multiplicam-se categorias sexuais, borram-se fronteiras e, para aqueles que operam com dicotomias e demarcações bem definidas, essa pluralização e ambiguidade abre um leque demasiadamente amplo de arranjos sociais (idem p.32).

A partir disso, podemos inferir que o fenômeno da gravidez na adolescência pode funcionar como um fenômeno que perturbará as fronteiras identitárias, naquele espaço que corresponde à compreensão subjetiva da jovem grávida. E o corpo é esse espaço individual, mas vigiado e controlado pelas instituições disciplinadoras (FOUCAULT, 2011). Louro (2007) toma como base Jeffrey Weeks (1995), quando fala do corpo como espaço de fixação da identidade, que se firma por uma ação individual. Louro (2007) diz, então, que assim funciona porque, “precisamos de algo que dê um fundamento para nossa ação e, então, construímos nossas narrativas pessoais, nossa biografia, de uma forma que lhes garanta coerência”, por isso, o corpo se torna a referência central. “O corpo é visto como a corte de julgamento final sobre o que somos ou o que podemos nos tornar” (WEEKS, 1995 *apud* LOURO, 2007: 14).

No caso da gravidez na adolescência, portanto, o condicionamento corporal surge como uma cobrança, uma vigília, que a toda momento estará desconfiando do comportamento da jovem. A cobrança da responsabilidade materna, além daquela dicotomia entre “pureza” e “perigo” pode ser relacionada com o que Foracchi (1972) entende como o conflito geracional que para essa autora funciona “como se uma geração ‘cobrasse’ à outra a fidelidade ao conjunto de problemas que a marcou como geração” (*apud* BERNARDO, 2006:76). Mas de acordo com a interpretação de Kátia Bernardo esse conflito geracional pode ser entendido como a luta de uma geração contra valores básicos da antecessora. Para Kátia Bernardo (2006), quando a crítica não é absorvida pela geração presente caracteriza-se um conflito de valores e não apenas de idade. Com efeito, esses conflitos são experienciados no corpo, porque ele “se tornou aquilo que está em jogo numa luta entre os filhos e os pais, entre a criança e as instâncias de controle” (FOUCAULT, 2011p. 147).

É possível assim perceber a ação das instituições reguladoras presentes nos espaços de marcação dos conflitos geracional. Esses pontos de intersecção apontam o tom de vigília social sobre aquela nova mãe que agora está exposta à uma responsabilidade e às desconfianças daqueles que a observam e a cobram o dever de assumir um novo status. Parry Scott (2006) traz um exemplo dessa vigília quando analisa a estrutura do PSF no texto *Gerações, comunidade e o Programa Saúde da Família*. Para o autor (2006), é justamente quando a adolescência é inserida no plano da reprodução biológica que as unidades de saúde escancaram suas portas para receber as adolescentes grávidas, concluindo que a gravidez na adolescência é uma grande preocupação das equipes. De acordo com as agendas das políticas públicas voltadas à saúde de jovens, uma das principais preocupações é a gravidez na adolescência (idem). É muito claro, portanto, que a gravidez na adolescência para o Estado é um impacto negativo na sociedade e famílias corroborando com o discurso médico, como aponta Scott (2006).

Por fim, é importante salientar as implicações da gravidez adolescente no âmbito familiar que exigirá da família uma reorganização, como apresenta, por exemplo, Lucia Silva e Vera Lúcia Tonente (2006) em um estudo intitulado *A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: Compartilhando projetos de vida e cuidado*²². De acordo com o que diz Kátia Bernardo (2006) a respeito do momento de mudança no âmbito familiar ao falar do mecanismo de reações e adaptações às circunstâncias históricas, percebe-se que a família encontra novas formas de estruturação, incorporando mudanças e novos padrões de comportamento diante de nova realidade social. Ainda sobre isto, a reorganização familiar pode levar às novas formas de relacionamento e o repensar das hierarquias como consequências da mudança social e individual ocasionada. (BERNARDO 2006).

Os resultados dessas reflexões são muito sugestivos para se empreender uma análise que busque compreender como o processo de mudança corporal, como efeito da gravidez, pode intensificar os padrões de conflito intergeracional e implicar no processo de reconhecimento identitário. Com isso, quero lançar uma tentativa de resgatar o “ator” cultural sem evitar as questões de subjetividades. Para tanto, sugiro que o corpo, entendido como um espaço de manifestação das ações internas e externas ao sujeito, seja analisado não apenas como um “não-lugar” (Tavares, 2009) sem fronteiras rígidas e hipersocializado. Mas, que os conflitos identitários e agenciados, por exemplo, na gravidez na adolescência, possa ser importante para acrescentar questões às ciências humanas.

²² Se trata de um Estudo qualitativo, que objetivou apreender o significado da gravidez da adolescente para seus familiares. Empregou-se a entrevista semi-estruturada e discurso do sujeito coletivo. Como conclusão as autoras mostraram que “para os familiares, esse acontecimento familiar e social, esperado ou não, deve ser assumido e vivenciado pela jovem, porém, com o suporte familiar, cada qual com suas responsabilidades quanto ao ciclo gravídico-puerperal e à maternagem” (2006:203).

3. Percebendo as mudanças do contexto e as “vocações” anunciadas pela presença do CPS

Na praia de Gaibu, em 2011, me foram relatados eventos que expunham um local em processo de mudança e redefinição do seu cotidiano. Os relatos datam as primeiras manifestações de alteração do espaço público em Gaibu no ano de 2009. Em 2011, portanto, já teriam se passado dois anos, mas as intensificações dos eventos relatados pelas interlocutoras, e que também foram percebidos por mim, continuava.

Essas mudanças devem ser observadas como processos de evoluções particulares, pois os processos de desenvolvimentos fazem parte de uma configuração determinada por uma interdependência inerente ao “processo civilizatório” dessa mesma particularidade (Elias, 1994). Aproveito Elias para defender que a análise do “processo civilizatório” de um determinado local pode possibilitar a compreensão das particularidades da dinâmica civilizacional deste ambiente social. Antes de prosseguir, é necessário que se diga que essa afirmação com base em Norbert Elias não deve ser acusada de uma visão evolucionista-reducionista. Neste autor, o termo *civilização* confere um processo particular de cada “configuração”. Sendo assim, tanto em uma sociedade “simples”, como em uma sociedade “complexa”, de acordo com Elias (1994), há um “processo civilizacional” que sintetiza a evolução social daquela “configuração” historicamente localizada.

Dado o contexto, olha-se para o sujeito. Para isso, está localizada no anexo 1 uma tabela intitulada “histórias de vida em resumo” com um breve resumo da história de vida de cada uma das nove jovens mulheres entrevistadas para a realização desta pesquisa. Procurei dar destaque àquilo que as próprias jovens colocaram como relevante nas suas vidas. Neste ponto, ganha evidências temas que estão interados com o objetivo dessa pesquisa, tais como: violência, ausência e a importância do cuidado, controle e exercício da sexualidade, trabalho e projetos de vida, gravidez e corpo. Todas essas referências foram relacionadas pelas jovens a alguns momentos ou pessoas das suas vidas e que de alguma maneira está em coerência com os fragmentos selecionados para composição das análises que seguem nesse capítulo e no próximo.

Tendo isso em vista, entendendo que o ambiente social se faz parte inerente às ações do sujeito, a *percepção* dos fenômenos é uma demonstração de como são configuradas no *sujeito encarnado* tanto o campo da subjetividade quanto o campo das *representações culturais* que constituem os estoques de conhecimentos (Merleau-Ponty, 1999).

Assim evidenciada a conjuntura estabelecida entre o movimentado cenário de Gaibu e a percepção das jovens mulheres sobre estes eventos, busco compreender quais as

representações construídas por estas jovens sobre aqueles acontecimentos que exigem novas possibilidades de ação. Para responder essa questão, no primeiro ponto de análise, direciono o foco para a ambiguidade presente nos relatos das interlocutoras quando questionadas sobre os impactos atribuídos a presença do CPS.

Em seguida, procuro compreender como se realiza na vida das jovens as “vocações” anunciadas pelo discurso criador do polo de desenvolvimento em questão. No discurso dessas, encontro uma relevância sobre o surgimento de novas possibilidades de atuação profissional para as mulheres. Apesar disso, entre a prática de atuação nesse novo espaço e a dinâmica de vida dessas jovens mães, existem elementos que reforçam uma reprodução de gênero relacionada à sua condição de mãe e muitas vezes impõem a elas outros aspectos de cobrança que impossibilita o investimento em um projeto de vida profissional que exija mais tempo dedicado ao trabalho ou à formação para conquistar um trabalho melhor remunerado.

3.1 Negociações entre o espaço público e o privado

“Eu não vejo mais benefício de nada, porque a gente agora não pode sair pra se divertir porque tem vários homens da rua que eles não respeitam você, por isso que eu nem fico aqui, não saio”, foi o que falou uma jovem quando perguntada sobre a importância do CPS para a sua comunidade. Este relato de uma jovem residente de Gaibu pode sintetizar o que todas as outras entrevistadas disseram sobre a circulação nos espaços públicos de convivência do lugar mediante os impactos da presença do CPS.

Antes de uma análise mais detida sobre discursos dessas jovens, gostaria de visualizar esse impacto a partir dos números que expressam a opinião de jovens mulheres com idade entre 16 a 24 anos que residem em 4 locais próximos ao CPS, a saber: no Cabo de Santo Agostinho (Gaibu e Ponte dos Carvalhos) e em Ipojuca (Nossa Senhora do Ó, Porto de Galinhas e Maracaípe).

Desse universo, falando sobre a violência urbana, 87,3% das entrevistadas reponderam que este fenômeno aumentou nos últimos anos. Dando um recorte para as jovens de Gaibu, 86,5% confirmaram esse aumento. Falando mais especificamente sobre a presença dos homens denominados com trabalhadores de SUAPE, 78,4% do total das entrevistadas relacionaram a presença desses homens com o aumento do consumo de drogas. E em Gaibu, 89,4% das entrevistadas confirmaram essa relação. Ainda em Gaibu, 95,2% dessas jovens disseram que à época de aplicação dos questionários o uso de drogas aumentou.

Relação do aumento do consumo de drogas com a chegada dos trabalhadores de SUAPE			
	SIM	Não	Não Sabe
Maracaípe	78,8%	15,2%	6,1%
Porto de Galinhas	75,4%	20,3%	4,3%
N. Senhora do Ó	89,6%	6,6%	3,8%
Gaibu	89,4%	5,8%	4,8%
Ponte dos Carvalhos	57,7%	34,6%	7,7%
TOTAL	78,4%	16,3%	5,3%

Fonte: dados da pesquisa

Como a maior oferta de emprego foi um dos fatores apontado como resultado do CPS é importante observar como esse fenômeno se faz presente na vida dessas jovens. Das jovens que tinham um relacionamento afetivo (namoro ou casamento), 25,9% disseram que o seu parceiro trabalhava em SUAPE. Tendo com referência o universo particular de Gaibu esse percentual representa 40,7%. Chama a atenção que 39,2% das jovens entrevistadas nos quatros locais, que estavam se relacionando com um trabalhador de SUAPE, residem em Gaibu.

Em relação ao local de moradia dos parceiros, a maioria, de acordo com as informações dos questionários, é natural do estado de Pernambuco. Em Gaibu, por exemplo, 44,2% residem na praia. Contudo, o percentual dos parceiros das jovens oriundo de outros estados é maior em Gaibu do que nos outros locais. Na praia, 28,6% das jovens tinham um relacionamento com homens de outro estado, já no universo total, 10,4% representa essa categoria.

Jovens que se relacionavam com trabalhadores de SUAPE		
	Universo Particular	Universo Total
Maracaípe	12,5%	3,8%
Porto de Galinhas	12,8%	7,6%
N. Senhora do Ó	26,9%	26,6%
Gaibu	40,8%	39,2%
Ponte dos Carvalhos	22,5%	22,8%

Fonte: dados da pesquisa

Seguindo essas constatações quantitativas é possível observar que a presença do CPS fica mais evidenciada no cotidiano de Gaibu, como consequência se faz mais presente na

vida das jovens que residem neste local. Dando relevância à praia de Gaibu, procurarei dar ênfase nas *percepções* que essas jovens tiveram sobre a relação direta entre a presença dos homens oriundos de outros estados e trabalhadores de SUAPE e as mudanças que afetaram diretamente o cotidiano dessas jovens. As informações trazidas por esses números tornam-se interessantes para o meu argumento na medida em que elas expõem 1) como as mulheres jovens de Gaibu percebem as mudanças no espaço de convivência pública; 2) como é possível relacionar essas mudanças com o CPS; 3) evidencia que a população de Gaibu, por está diretamente inserida no processo dinâmico do polo de desenvolvimento CPS, ressignificou o seu espaço de convivência pública e que nesse processo as mulheres tiveram a sua condição de gênero afetada. Neste sentido, busco aqui compreender qual *representação* é formada sobre *homens de fora* (trabalhadores de SUAPE) e *homens de Gaibu*.

A dicotomia *homens de fora* e *homens de Gaibu* tem uma pequena variação no discurso das jovens. Quando se referem aos *homens de fora* algumas optam por “peão”, “homem de firma”, “trabalhador”, “bairianos”, “homem safado”. Já sobre a categoria *homens de Gaibu* ouvi expressões como: “homem daqui”, “não gostava de trabalhar”, “era vagabundo”, “homem de Gaibu”. Analisando essa pequena variação, compreendi que *homens de fora* e *homens de Gaibu* contemplavam os sentidos atribuídos pelas jovens.

É interessante observar que a presença do CPS indica alguma mudança no significado de homem de Gaibu, pois, de acordo com as jovens, eles tiveram a possibilidade de ser um homem trabalhador. O que faz entender que até mesmo os homens que eram vistos como pessoas ociosas, que “não gostavam de trabalhar” e eram “vagabundos” tornaram-se homens trabalhadores.

Teve muito emprego pra muita gente aqui, bastante, cada gente que era vagabundo que não gostava de trabalhar que eu vejo ai tá tudo trabalhando, agora mudou bastante aqui Gaibu visse, por uma parte é bom pelo emprego, mas por outra é ruim porque veio muita gente de fora, Gaibu não é a mesma coisa, só é bom pela parte do emprego mesmo porque o resto, tem muita gente diferente, ficou mal Gaibu.
(Anita).

Essa percepção de que há trabalho para “todo mundo” apareceu em alguns relatos nas entrevistas e isso era apontado como um benefício trazido pelo CPS. Contudo, nem sempre as pessoas de Gaibu são privilegiadas: “eu acho também que o porto de SAUPE dá mais, assim, [oportunidade] de trabalho para quem é de fora” foi o que disse Leila, uma das jovens entrevistadas. Inferindo disso, o que demarca a dicotomia *homens de fora* e *homens de Gaibu* não é o “trabalhar em SUAPE”. Essa última categorização, quando associada aos homens do local implica em um sentido positivo, pois esse homem que trabalha no CPS é um trabalhador

que não faz “corpo mole” tem disposição e passa a ser reconhecido pela sua qualidade de trabalhador. Com relação aos *homens de fora*, por já terem chegado em Gaibu como trabalhadores do CPS essa categorização não significa necessariamente atribuir-lhes qualificações. Para que um homem de fora seja deslocado dessa categoria negativa (homem de fora) ele tem que demonstrar suas qualidades por outros meios. Logo, ser *homem de fora* é estar atribuído de significados negativos, porque a sua chegada veio carregada de impactos classificados como ruins para Gaibu e por serem privilegiados para ocuparem as oportunidades oferecidas, que deveria ser ocupadas pelas pessoas de Gaibu. Ainda tendo em vista aquele posicionamento crítica de Leila, fica nítido que a sua acusação não é para os *homens de fora*, mas sim para o “Porto de SUAPE”. Identifico nisso uma possível contra hegemonia sobre a ideia da “vocação” que o discurso formador do polo de desenvolvimento do CPS construiu sobre as potencialidades que as pessoas do local teriam para participarem na construção do CPS. Quando perguntada se as pessoas de Gaibu não trabalhavam no CPS, ela falou que sim, “mas quem vem de fora, eles pegam mais. Tá entendendo? Esse pessoal da Bahia, do Rio”.

Tendo em vista o convívio no espaço público, ao analisar os discursos das jovens sobre isso, percebi uma escolha por parte delas de evitar circular pelas ruas de Gaibu quando os *homens de fora* estavam em seus horários de folga. Esses horários são aos domingos, feriados e à noite durante a semana. Foi nesse âmbito de convivência que as jovens evidenciaram as tensões entre as pessoas desconhecidas *de fora* e, ao manifestarem esse posicionamento crítico sobre a presença dessas pessoas, elas falam de elementos não normativos. Ao compreender este espaço como uma unidade estrutural comum, que, de acordo com Elias (1994,1994b), é uma “configuração”, é possível analisar as relações de poder que vão definir a posição dos sujeitos de acordo com as suas identidades sociais. Neste sentido, uma das jovens fala com incomodo da presença desses *homens de fora*.

Gaibú tem casas mais caras, não tem moradia pra ninguém porque os homens de fora alugaram tudo, então tudo agora sai mais caro pra a gente, eu não vejo mais benefício de nada, porque agente agora não pode sair pra se divertir porque tem vários homens da rua que eles não respeitam você, por isso que eu nem fico aqui, não saio. (Eleonor)

Outros relatos apresentam as mesmas queixas sobre os *homens de fora* e confirmando, assim, mudanças na unidade estrutural que redefine a “configuração” e, por consequência, redefine ou, apresenta um novo campo de possibilidade para essas jovens.

A pessoa sai é um monte de homem, fica agarrando, pega no cabelo, eu odeio quem pega no meu cabelo, pega no cabelo, fica... não gosto, não gosto, não gosto. (Aleida)

São muito enxeridos, bastante, solta gracinha, isso aquilo outro, ai faz medo. O que foi ruim sobre esse negócio [CPS] foi isso, esses homens que veio de fora muito (Anita).

Eu não gosto não, eles são muito abusados ...É, a pessoa não pode passar, não pode pegar um ônibus que eles ficam em cima, é um horror . (Hildita)

Já morreu muita gente, já aconteceu roubo, essas coisas porque veio muita gente de fora, Bahia, essas coisas e um tempo desse aconteceu que morreu, mataram três baianos na praia, e eles... e eles são o tipo de pessoa que não pode ver uma mulher, foram da em cima da mulher de um comerciante daqui de Gaibu. Ai foi... teve a briga tudinho, mataram o comerciante e os três e ficou muito perigoso assim... por conta disso, a vinda de outras pessoas pra cá, entendeu? (Chiquinha)

Nos relatos reconheço alguns pontos de tensão que são direcionados à ação e a presença desses *homens de fora*. O primeiro ponto de tensão que fica evidente é uma opressão de gênero exercida em forma de assédio sobre o corpo dessas jovens. Associada a isso está o medo de circular nos mesmos locais desses homens. O outro ponto de tensão é a compressão das pessoas locais, pois essas deixaram de ser beneficiadas e obrigadas a cederem os seus espaços para as pessoas que chegaram de fora, como relatou Eleonor. Então, a opressão de gênero e a compressão dos espaços das pessoas locais são pontos de tensão que aparecem no discurso dessas jovens que apontam como a proximidade com um polo de desenvolvimento obrigou-as a ressignificarem alguns espaços nas suas vidas. Como uma “configuração” é centralizada em um equilíbrio instável de poder, com as tensões que lhe são inerentes, nos casos que analiso vejo essa oposição a partir da identidade de gênero. Seguindo essa lógica, então, ficou nítido que a circulação das jovens estava condicionada à sua posição de gênero e isso foi fruto da experiência de um estado de anomia na relação de gênero em Gaibu. A distinção entre anomia e os elementos normativos é um dos pontos centrais na dinamicidade das relações de sociabilidade, assim como descrito por Elias e Scotson (1994). E essa distinção é uma comprovação da constante estrutural (Elias & Scotson, 1994) que mantém qualquer configuração em processo de redefinição histórica. De acordo com esse sentido, é interessante observar que para as jovens entrevistadas a desconfiança sobre aquelas pessoas que não estão no seu convívio pode ser compreendida como o reconhecimento de que a presença dos *homens de fora* está atrelada a uma situação anômica. Por esse caminho acho possível apontar uma percepção das jovens sobre as mudanças no seu cotidiano atreladas ao

CPS. Assim entendo, porque, a identificação e oposição entre a presença dos *homens de fora* e os benefícios trazidos pelo CPS aponta uma tensão na disputa por espaço.

Em um fragmento de entrevista realizada com uma das jovens, é possível identificar elementos cuja ausência de normas sociais historicamente reconhecidas localiza-os como anômicos. Neste caso, identifico a jovem como uma pessoa em consonância com a natureza das relações entre ela e as outras pessoas identificadas como normativas (Elias, 1994b: 27) e os *homens de fora* como uma unidade estrutural nova e, por isso, anômica.

Antes a gente saía, curtia chegava em casa de três horas da manhã. Já vim, eu mesmo, de três horas da manhã, quatro horas da manhã sozinha da avenida pra casa, e nunca tive medo, nunca corri o risco de alguém vim me assaltar, de alguém querer fazer alguma coisa. Já hoje eu não confio, porque tem muito homem de fora, você não sabe qual a capacidade dele, entendeu? (Anita)

Vejo, por conseguinte, uma nítida distinção discursiva construtora de uma dicotomia normal/anômico num dado contexto: o *normal*, quando ela diz que se sentia segura quando circulava a qualquer hora pelas ruas e o *anômico*, presente na desconfiança dos *homens de fora*. Fica nítido também que a confiança é um dos princípios que condiciona a ação de Anita e o fato de desconfiar das pessoas implicou em uma desconfiança no espaço que antes era seguro.

Por isso, entendo que a definição de *homens de fora*, a partir do discurso das jovens, pode ser classificada como minoria anômica porque são, estes, os atores das práticas não estabelecidas e não reconhecidas socialmente pelos atores normativos da relação de sociabilidade *configurada* no lugar. Neste sentido, pode-se identificar elementos normativos naquela situação em que as jovens relataram a autonomia de estarem no espaço público de convivência sem desconfiar do espaço ou das pessoas “conhecidas”. Apoiado em Elias (1994), consigo compreender, portanto, a atribuição de características pejorativas ao conjunto dos *homens de fora*, pois o fato de serem a minoria anômica facilita a estigmatização. Mas essa estigmatização sobre os *homens de fora* não chega a constituir-se como uma norma, porque um grupo só consegue estigmatizar outro com eficácia quando está bem instalado em posições de poder das quais o grupo estigmatizado é excluído (Elias & Scotson, 1994: 23). Na conjuntura do contexto que analiso, por consequência, os *homens de fora* e as mulheres jovens não são dois grupos coesos. Neste caso, o que quero mostrar aqui é que aqueles são uma representação fruto da síntese de percepção das jovens, pois a presença desses *homens* condicionou a ação das jovens e esteve diretamente relacionado à experiência de opressão de gênero e compressão vida por essas jovens.

Para demonstrar como a estigmatização sobre os *homens de fora* não é totalmente autorizada e não pode ser generalizada, há outra representação de gênero percebida pelas

jovens entrevistadas que identifica as “meninas” que gostam dos *homens de fora*. Essa distinção aparece na fala de Aleida “*não é porque tem muito homem e tem muita mulher que se dá, que eles têm que desrespeitar todo mundo*”. Henriqueta também enfatiza essa distinção.

Quando vê homem parece que endoida o cabeça delas, sei lá, mudou muito. Há a prostituição também de muitas delas, de muitas novas, muitas meninas novas se prostituem aí por causa desses homens (Henriqueta).

É interessante observar essa distinção no discurso de Aleida porque ela teve dois filhos com um *homem de fora*. Mas ela coloca a sua experiência como uma exceção, como um acaso positivo, pois o *homem de fora* que ela se relacionou manteve as responsabilidades ao assumir financeiramente os dois filhos. Como consequência, ele foi deslocado da categoria negativa por deixar de ser um desconhecido para Aleida. Porém, esse *homem de fora* não estará necessariamente desassociado da definição negativa, pois a prática de associação não é dele. O seu sotaque é parte do seu *habitus* incorporado que de partida localizá-lo no espaço de desconfiança criado em Gaibu. Ser *homem de fora* é, então, ser desconhecido, é ser desconfiado é estar estigmatizado.

Eu vejo menininhas que... acho que não tem nem 14 anos fica doida pelos homens, homens já... porque elas botam na cabeça que é de firma. O que é que tem que é de firma? Ganha um salário normal, tem mulher em casa, tem filho, não é dono de empresa, não é nada. Muitas vão ficar com esses homens por causa de dinheiro, só que eles não são donos de firma porque são assalariados. É uma ilusão. Muitas “não... eu vou casar com ele”, não sei o que, os homens fala que vai viajar, fala que vai viajar e fica logo lá, deixa elas. Eu não... eu não me iludo com isso não. Conheci sim, o pai deles de firma, não foi procurando homem de firma, ele trabalhava aqui na... na Brasfonte, não foi procurando homem de firma. Conheci porque tinha que acontecer, tanto é que tenho dois filhos dele. Não foi uma coisa passageira, uma coisa que foi só pra ficar por ser de firma e hoje ele manda o dinheiro dos filhos, tudinho, não é um irresponsável, mas eu sair de casa pra procurar homem de firma, que vem com doença, que pega doença por aí e sai botando nas mulheres e tudo. Tem uma colega minha que tá com AIDS que pegou de um rapaz de firma, de um baiano. Que se iludem, que é bonitinho, porque não sei o que, porque é não sei o que, pensa que mostra no rosto o que a pessoa tem ou não.

Com uma experiência parecida com a de Aleida, Eleonor falou que o fato de ter conhecido e se tornado amiga primeiro do pai do namorado foi importante para que um laço de confiança fosse criado com um *homem de fora*. No caso dela, a *representação homem de fora* passa pela posição geracional que esse homem está. Em nenhum momento ela se referiu

ao homem mais velho (o pai do namorado) como um *homem de fora*. Já o namorado, foi aceito como um “homem normal” na medida em que ela foi convivendo e confiando nele.

Antes de eu namorar com ele, o pai dele já gostava de mim, me tratava bem, de Minas pra cá ele liga pra mim, o pai dele. Ai a gente (ela e o namorado) se tornou amigo e depois tamos namorando agora, ai ele vai pra Minas e eu vou com ele, ele assim é um namoro e num tem esse negocio ah mais se ele for embora? Se ele casar? E mas só conviver e o tempo fez com que eu visse ele como se ele fosse daqui, como se ele fosse normal, ele não é anormal, mas ele é de fora!(Eleonor)

Gostaria de analisar outra coisa no relato de Aleida. O fato de não gostar de *homens de fora* aparece como um importante significado de amadurecimento, de *ser cabeça*. A expressão “menininha” usada por Aleida é para identificar aquelas jovens “ingênuas” que podem ser facilmente enganadas por algum *homem de fora*. É neste mesmo sentido que Eleonor se define, assim como às suas amigas, como pessoas “cabeça”.

Pelo menos as minhas amigas odeiam peão! Odeiam peão! Porque as minhas amigas são que nem eu, eu fui a única que teve filho, mas é tudo muito cabeça, não quer saber de pião, não ficam com todo mundo. Elas se privam em relação aos meninos, mas não que elas não fiquem nem nada, cada uma tem seu namorado(Eleonor).

Voltando a falar da experiência de Eleonor como um *homem de fora*, foi a confiança desenvolvida com o tempo e a convivência que deslocou a identificação do namorado da situação *homem de fora*, mas como ela mesmo deixou claro é “como se ele fosse daqui”, mas ele continua sendo “de fora”. Como visto, a categoria nativa *homem de fora* é carregada de definições pejorativas e isso faz com que estejam em situação de anomia, assim como descrito a cima. É por estar situado como anômicos que os *homens de fora* compõem uma unidade estrutural que produz efeitos nas mudanças de sociabilidades do local. Partindo disso, gostaria de lembrar que há a relação de interdependência entre a os processos de *formação subjetiva* e o processo de desenvolvimento das *relações sociais* (Elias, 1994). E ambos são aquilo que Elias chamou de “psicogênese”, ou seja, o processo que definem a origem (gênese) dos sentidos atribuídos aos controles individuais e o modelos de ideias e de comportamentos e normais (sociogênese). Esses processos são ininterruptos (evolutivos), particulares (historicamente localizados) e indissociáveis.

Essa reconfiguração do espaço de convivência pública experienciadas por essas jovens, a partir das exigências de uma *nova configuração de sociabilidade* entre elas e os *homens de fora*, define novos espaços de convivência que compreendo como “pedaços”

(Magnani,1998). Lembrando que “pedaços” são aqueles espaços de sociabilidade constituídos por pessoas que constituíram uma relação de identificação entre si mais forte do que as outras pessoas localizadas na “rua”. Nos “pedaços” dessas jovens, assim como relatado em algumas entrevistas, é possível identificar as amigas, que são diferentes das “menininhas” ingênuas e os *homens de Gaibu*, que são diferentes dos *homens de fora*, pois aqueles são conhecidos da vizinhança. Os *homens de Gaibu* fazem parte do um ambiente socialmente reconhecido, que antes englobava toda a vizinhança em Gaibu, já que nesse espaço “todo mundo se conhecia, andava pela rua, oi fulano, oi sicrano, hoje em dia da até medo de você sair”, relata uma das jovens.

Localizados nos “pedaços” dessas jovens, os *homens de Gaibu* foram beneficiados pela presença do CPS, como relata uma delas.

Eu me admiro até com um amigo meu que o pai... o pai dele tem restaurante, filhinho de papai mesmo, só roupinha de marca, só... Não precisava trabalhar não. Veio pra mim essa semana, disse que tava trabalhando porque não queria depender mais do pai, entendeu? Queria ter o próprio dinheiro dele, ai tão, tão trabalhando agora. Eu acho... achei bonito isso, entendeu? (Chiquinha).

Mas esse discurso é sempre dicotomizado pelos benefícios e os malefícios atrelados à presença do CPS. No mesmo sentido dicotômico, Leila, que é casada com um *homem de Gaibu* trabalhador de SUAPE, diz:

Teve, tem muita gente de fora, né, para trabalhar no porto. Assim, foi muito ruim essas pessoas todas de fora vim trabalhar aqui, porque teve um que tá até estuprando²³ crianças da escola que não é daqui. É de fora, que trabalha no porto de SUAPE. Mas, assim, eu acho também que o porto de SAUPE dá mais, assim, sugestão de trabalho para quem é de fora.

ENTREVISTADOR: tu acha que as pessoas daqui não trabalham lá?

LEILA: Trabalham, entendeu. Mas quem vem de fora, eles pegam mais. Tá entendendo? Esse pessoal da Bahia, do Rio.

Ao analisar as associações promovidas por essas jovens no que se refere aos impactos do CPS no cotidiano de Gaibu, identifiquei que a percepção dessas jovens sobre esses fenômenos está diretamente relacionada a uma assimetria de poder sobre os seus corpos. É sobre essa opressão que as jovens criaram a representação dos *homens de fora* como elementos negativos trazidos pelo CPS. Como reflexo, elas se viram obrigadas a negociar as suas circulações entre o espaço público de convivência e o privado, o que demonstra o surgimento de “pedaços” no espaço urbano de Gaibu. Nesses espaços de confiança estabelecidos nas relações com os conhecidos os *homens de fora* não são inseridos. O que

²³ Busquei mais informações sobre esse crime de estupro, mas a identidade desse homem não foi confirmada. À época da minha pesquisa de campo o caso foi bastante destacado na mídia e deixou a população de Gaibu apreensiva.

autoriza a participação de um desses desconhecidos no âmbito do “pedaço” é o “tempo de convívio” e a desconstrução da desconfiança, como relatou uma das jovens. Quando esse laço é estabelecido o *homem de fora* sai da classificação de uma generalização estigmatizada e passa a ser considerado. Tem suas qualidades individuais reconhecidas. Compreendo que a desconfiança direcionada para os estranhos está fixada na opressão de gênero praticada sobre os corpos das jovens entrevistadas. E isso pode ter despertado um posicionamento crítico em relação a esse tipo de opressão, pois as jovens identificaram elementos não normativos no seu cotidiano e uma situação de anomia tenciona as relações estabelecidas. Tudo isso pode ser compreendido como um processo de mudança social tendo em vista que encontramos uma inter-relação entre «sociogênese» dos processos sociais e «psicogênese» dos processos individuais, ou seja, as definições particulares de um estão associadas às definições particulares do outro. Isso quer dizer que, o mesmo aparato dinâmico que produz resultados estruturais na sociedade produz resultados comportamentais no humano. E nos casos analisados, os resultados produzidos nesse “processo civilizacional” destacou-se a assimetria na relação de gênero que tencionou a mulher ao privado e não beneficiadas do CPS.

3.2 Trabalho, Projetos de vida e expectativas influenciadas pelo CPS e interferidas pela gravidez

Neste tópico a minha intenção é analisar como/se a presença do CPS manifesta alguma mudança nos projetos de vida das jovens mulheres entrevistadas. Como veremos, a experiência da gravidez tem uma grande presença no discurso dessas jovens, seja como justificativa para ter um meio de sustentar o filho, seja como um elemento de dificuldade para dar fomento à vida profissional. A maneira como as jovens se reportaram à importância do trabalho e dos estudos nas suas vidas, que estar fortemente ligada ao sustento do filho e a busca de independência, é bastante inspirador para compreender como a situação de gênero em relação à vida profissional é percebida por essas jovens. Aspectos importantes podem ser analisados a partir dos elementos que são - ou não são - uma *reprodução* de gênero. Neste sentido, buscarei, aqui, relacionar circunstâncias de gênero e geração em um contexto que apresenta um horizonte com novos campos de atuações profissionais para os jovens. Levando em consideração o contexto de mudanças, como as jovens perceberam essas novas possibilidades de atuações profissionais que as mulheres de gerações anteriores não tiveram? Contudo, a presença da maternidade entre os 16 aos 18 anos surgiu como uma *reprodução geracional* que pode ter resultado em uma *reprodução de gênero*. É por isto que começo analisando a posição profissional das jovens entrevistadas e a situação laboral das mães delas a partir de dados quantitativos.

Inicialmente, analiso o nível educacional das jovens. Sobre isso, observa-se que 49% representou a maior concentração para o ensino médio completo, já 26,9% tinham o

ensino médio incompleto, 17,3% das jovens estava no fundamental incompleto e 2,9% fundamental completo. Sobre o acesso ao ensino superior, apenas 3,1% tinha esse nível incompleto e 0,7% já concluiu algum curso superior. É interessante frisar que 14,4% dessas jovens tinham 16 anos, idade escolar referente ao fundamental.

Comparando esses percentuais com os referentes ao grau de escolaridade das mães dessas jovens, o destaque foi para os 48,5% que definiu o nível educacional das mães como fundamental incompleto. Partindo disso, é possível identificar uma *não reprodução* do nível de escolaridade entre essas duas gerações de mulheres. Tentando ampliar a análise, para refletir sobre a *reprodução de gênero e geração* a partir do nível educacional, na tabela a seguir trago essa comparação entre as informações específicas das jovens com as informações do seu pai e a sua mãe.

Grau de escolaridade comparado por geração							
	Analfabeta	Fundamental incompleto	Fundamental completo	Ensino Médio Incompleto	Ensino Médio Completo	Superior Incompleto	Superior Completo
Mãe	8,7%	48,5%	7,8%	5,8%	27,2%	0	1,9%
Jovem	0	17,3%	2,9%	26,9%	49%	3,8%	0
Pai	12,4% %	40,4%	12,4% %	10,1%	23,6%	1,1%	0

Fonte: Dados da pesquisa.

O destaque da tabela é que referente ao pai há uma concentração nos níveis mais baixos do nível educacional. A maior concentração de analfabetos, por exemplo, está na linha referente ao pai. Inferido dessas informações, aponto como indício que 1) em Gaibu o grau de escolaridade das mulheres, na geração antecedente à geração das jovens, pode ser maior do que os homens; 2) a geração das jovens tem um grau de escolaridade mais alto do que a das mães de dos pais. Com isso, *não* identifique indícios de uma *reprodução de gênero e geração* no que se refere ao grau de escolaridade. Esse aumento do nível educacional em Gaibu acompanha o crescimento nacional. Segundo dados do IBGE, a origem desse processo está na década de 90 com a expansão no número de crianças e jovens que passaram a frequentar escolas²⁴.

Essas informações são importantes para analisar as *expectativas de futuro profissional* que as jovens mulheres de Gaibu têm quando levando em consideração o contexto do CPS, já que 55% das entrevistadas responderam que para trabalhar em SUAPE precisa estudar muito.

²⁴ <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=580>

Observando as informações sobre a presença dessas jovens e das suas mães no mercado de trabalho, das jovens 72,1% responderam que não estavam trabalhando. Considerando apenas as que responderam que estavam trabalhando, 70% disseram que trabalhavam em Gaibu, e apenas 6,6% trabalhavam no CPS. Quando perguntadas se a mãe além de trabalhar em casa trabalha/va para ganhar dinheiro, 59% responderam que sim. Dessas, 56,5% situaram que a mãe trabalhava em Gaibu e 1,6% no CPS. Sobre o tipo de trabalho das mães, 54,1% das jovens entrevistadas citaram uma profissão relacionada à prestação de serviços²⁵, já 16,6% das profissões das mães estavam relacionadas ao comércio e atividades auxiliares²⁶ (outras profissões foram citadas²⁷).

Ainda com relação à qualidade da profissão em que as jovens se viam exercendo, poucas responderam que pretendiam trabalhar em profissões que se enquadram na categoria “prestação de serviços”. Como exemplos disso, apenas 1,9% respondeu que trabalhariam como empregada doméstica, 8,7% disse que trabalhariam como zeladora e 7,7% como cozinheira²⁸. Em relação às escolhas profissionais das jovens, vejo indícios de que *não* há uma *reprodução de geração*, já que grande parte das mães dessas jovens tem uma profissão localizada na categoria “prestação de serviços”, como visto a cima.

Realizando uma associação entre essas escolhas profissionais e as ofertas de trabalho apresentadas por intermédio da presença do CPS, alguns números ganham destaque. A exemplo disso, 38,5% das jovens disse que trabalhariam como soldadora, 50% como engenheira e 52,9% disse que gostariam de trabalhar como recepcionista, contudo, apenas 1% seria pedreira²⁹.

A categoria de maior frequência foi “dona de loja” com 71,2% de respostas afirmativas. Isso pode indicar a importância que a dinâmica local tem para os projetos de vida profissional dessas jovens, pois se 70% das jovens que trabalhavam, disseram que o local do trabalho era em Gaibu e a maior oferta de trabalho para mulheres nesse local está concentrada no comércio local, logo, *o projeto de vida* das jovens mulheres de Gaibu pode estar diretamente relacionado com o lugar.

²⁵ Seguindo as classificações do IBGE relativas às categorias ocupacionais, esse grupo representa uma síntese das seguintes profissões que foram citadas pelas jovens que responderam o questionário: Arrumadeira, Babá, Doméstica, Faxineira, Lavadeira, Zeladora, Merendeira, Serviços gerais, Cozinheira, Camareira, Agricultora, trabalhadora rural.

²⁶ Seguindo as classificações do IBGE relativas às categorias ocupacionais, esse grupo representa uma síntese das seguintes profissões que foram citadas pelas jovens que responderam o questionário: Balconista, Barraqueira, Comerciante, Manicure, Manicure e babá, Vendedora.

²⁷ As outras profissões que foram citadas são: auxiliar pedagógica, costureira, fiscal do INSS, fotógrafa, limpeza urbana, agente ambiental e enfermeira.

²⁸ Olhar tabela em anexo para mais profissões.

²⁹ Olhar tabela em anexo para mais profissões.

Local do trabalho			
	Gaibu	CPS	Outro lugar
Mãe	56,5%	1,6%	41,9%
Jovem	70%	6,6%	20%

Fonte: Dados da pesquisa.

O elevado índice de mulheres que estão fora do mercado de trabalho ganha notoriedade nesses números. Outro destaque é referente ao local do trabalho, sendo a maioria localizada em Gaibu. Se levarmos em consideração que em Gaibu a maior parte dos empregos ofertados são referentes àquelas duas categorias a cima citadas (prestação de serviços e comércio e atividades auxiliares), então, percebe-se uma *reprodução de gênero* em relação às atividades laborais. Mais uma informação bastante relevante sobre o perfil das jovens mulheres de Gaibu em relação ao *trabalho e reprodução de gênero* é que 77% das jovens que já são mãe não trabalham. Tendo isso em vista, entendo por *reprodução de gênero* a manutenção de elementos normativos que são reproduzidos e não percebidos na prática de maneira crítica. Por isso, procuro identificar aqui se há pontos de tensão que apontem situações anômicas para evidenciar mudanças de caráter “civilizacional” principalmente aquelas atreladas ao CPS, como no caso do tópico anterior em que a presença dos *homens de fora* foi identificada como elemento anômico.

A partir dessas análises quantitativas apresentei alguns indicadores que ajudaram a compreender a construção da *representação de trabalho* na vida das jovens entrevistadas. Tendo foco nessa representação, tenho interesse em compreender como as jovens relacionaram as suas experiências de maternidade e maternagem com os seus projetos de vidas, e mais: como elas construíram, mudaram e se adequaram ao *campo de possibilidade* profissional apresentado pela presença do CPS e em que medida essa realidade se adéqua aos horizontes e desejos dessas jovens. Este ultimo fenômeno pode implicar em mudanças na situação de gênero, pois se apresenta como uma novidade no que se refere à oferta de trabalho para as mulheres. Em que essas novas *possibilidades* atuaram na confirmação ou na não confirmação da *reprodução de gênero e geração*? É uma questão a ser respondida.

Um das estratégias criadas pelas jovens mulheres para se inserirem no mercado de trabalho são os cursos profissionalizantes, como relata Aleida “faço curso de petróleo e gás, outro de segurança do trabalho e vou começar outro de ensaio visual de solda”, todos esses cursos estão diretamente associados às ofertas do CPS. De acesso para a população jovem de Gaibu existem algumas possibilidades de cursos, tais como: curso de soldadora, cursos de

idiomas, de logística, teleatendimento, recepcionista, camareira etc. Muitos desses cursos são oferecidos na unidade do SENAC, que fica no município do Cabo de Santo Agostinho e em algumas escolas técnicas particulares. Durante a minha pesquisa de campo em Gaibu descobri, por acaso, que lá estava acontecendo um curso profissionalizante voltado para mulheres jovens. Como foi uma descoberta ao acaso, o único momento que presenciei desse curso foi a festa de encerramento, mas observei elementos importantes para a minha análise sobre a representação de trabalho a inclusão dessas jovens nas “vocações realizadas”.

Foi por conta de uma tentativa frustrada de acompanhar uma reunião noturna dos Alcoólicos Anônimos de Gaibu na Associação dos moradores que descobri a Associação dos Funcionários de SUAPE - ASFSUP. É um espaço novo e bem estruturado. Esse espaço fica ao lado da associação dos moradores de Gaibu, mas nunca consegui informações sobre o que era, porque ele sempre estava vazio e as pessoas que passavam pela rua não sabia dizer do que se tratava. É um tipo de clube com piscina, um salão grande e algumas salas de aulas. Neste dia, percebia que estava acontecendo alguma coisa ali, pois tinha uma turma de mulheres reunidas. Ao me aproximar do lugar vi um senhor parado, me apresentei e perguntei o que estava acontecendo ali. O senhor era um fiscal que estava trabalhando para o deputado Betinho Gomes. Ele falou que estava ali para ver se as professoras estavam mesmo trabalhando. Esse senhor explicou que aquilo era um curso para recepcionistas e camareiras. Interessado, perguntei se eu poderia ficar um pouco ali observando. Ele não colocou empecilhos e ainda se ofereceu para mostrar as outras salas, onde estavam outras mulheres assistindo aulas.

Como já dito, os cursos eram para camareira e recepcionistas. Depois que conheci o lugar fui conversar com uma das professoras. Ela mesma definiu a sua função no curso de orientar as meninas sobre a profissão de recepcionista. Andréia, a orientadora, explicou o projeto. Esse projeto faz parte da política de desenvolvimento de mão-de-obra para a Copa de 2014. Tem subsidio do ministério do turismo e está sendo realizado por uma ONG chamada IDESP. Mas quando questionei sobre a importância imediata dos cursos para aquele momento de expansão da região situada no entorno do CPS, a professora falou que grande parte das alunas estava interessada nos cursos por conta desse impacto. Ela falou ainda que há uma demanda para o tipo de mão-de-obra que os cursos oferecem formação, principalmente porque a região é um ponto tradicional de turismo do estado de Pernambuco.

Esses cursos oferecidos em Gaibu são municipais e exclusivos para mulheres. As únicas exigências são: ter no mínimo 16 anos e ser moradora do município do Cabo de Santo Agostinho. Além do município do Cabo, em outros municípios já tinham sido realizados esses mesmos cursos e, à época, ainda seriam realizados em mais alguns locais. Esses cursos têm

um número limitado de 20 vagas por turma, são gratuitos e as jovens não tinham ajuda de custo, mas as meninas tinham direito a um conjunto de um material (pasta, lápis e caneta). Além disso, é servido um lanche. Sobre a divulgação dos cursos, Andreia falou que a divulgação começou 30 dias antes do início do curso. Como as atividades desse dia já estavam encerradas e as alunas já não estavam mais no local, não tive a oportunidade de observar mais detalhes. Porém fui convidado pela professora Andreia para a festa de encerramento que seria no dia seguinte.

No dia seguinte, às 19 horas, eu estava na ASFSUP. A primeira pessoa que vi foi o senhor Manuel (o fiscal) que veio em minha direção com entusiasmo: “olha ele ai!!” Esta recepção foi bastante importante para que eu ficasse mais a vontade e seguro da minha presença naquele espaço. É importante sentir que “as portas estão abertas” quando se está em campo.

Depois dos cumprimentos, fui observar o espaço com mais cuidado do que na primeira vez. Conhecendo melhor a ASFSUP, assim que se entra o primeiro espaço é um grande salão com um palco, mais ao fundo, um pouco isolado dos outros espaços, ficam quatro salas de aulas e alguns banheiros. Em outra parte do espaço tem uma grande piscina servida de um bar.

Naquela noite, o grande salão estava ocupado com cadeiras de plástico alinhadas em forma de plateia. O lugar estava ornamentado com balões de ar coloridos na cor vermelha, uma mesa grande decorada com frutas e outra com alguns pacotes de presentes. Os convidados e familiares das alunas aos poucos chegavam a ocupavam as cadeiras. Tudo isso estava ambientado por músicas evangélicas. Quando avistei a professora Andréia, fui novamente recebido com entusiasmos, trocamos as formalidades e em seguida escolhi uma cadeira no meio do salão para sentar.

Nesse dia foram formadas duas turmas, uma das recepcionistas e outra das camareiras. Em cada uma desses grupos tinha 20 jovens, um orientado pela professora Andréia e a outro orientado pela professora Auridia, que foi responsável pela formação das futuras camareiras. Cada uma dessas turmas fez uma comemoração em particular. O espaço que fiquei observando foi o que tinha o palco. Nele estavam as alunas da turma de Andreia em forma de círculo. A professora leu alguma mensagem. Em seguida fizeram algumas dinâmicas para trocas de presentes.

Ainda não tinha terminado as dinâmicas quando o coordenador dos cursos chegou. A presença dele já tinha sido anunciada e com isso as duas turmas se juntaram formando uma plateia para ouvir o que Marcos, o coordenador, iria falar. Marcos está ligado à prefeitura do Cabo e foi responsável por articular o curso no município. A sua fala foi politicamente orientada para a integração daquelas jovens no projeto do polo de desenvolvimento do CPS.

Entre os temas abordados por ele, ficou enfática a questão do futuro de SUAPE, as oportunidades que o complexo estava abrindo, empregos, a promessa de mais cursos. Falou ainda que a qualificação era importante para a juventude. Depois pediu a atenção da plateia por mais alguns minutos, pois o seu companheiro de partido e presidente do PMDB do município do Cabo ira falar.

O nome do presidente é Cristiano. Seguindo a mesma linha do discurso político, seguiu a fala de Marcos. Começou de maneira implacável: “Pernambuco é a locomotiva do crescimento do Brasil”. E atribuiu isso aos oito anos do governo do presidente Lula. Retomou a questão do emprego para juventude e falou do possível crescimento do setor hoteleiro, partindo disso, foi retórico ao inserir aquelas jovens no discurso das “vocações realizadas”.

Por volta das 21h começaram as apresentações culturais. A primeira foi um grupo de quatro jovens que dançaram frevo. Depois outros grupos se alternaram entre pagode, brega, calypso. E cada grupo tinha um nome que ajuda a identificá-lo. No caso do “Moderna é Show” era um grupo de jovens de Gaibu que fazia coreografias das músicas de cantoras como Britney Spears e Beyonce (cantoras americanas com estilo pop) e a banda brasileira Calypso (banda do estado do Pará que tem como principal influência o ritmo carimbó). Já o grupo “Arte do suingue” tinha suas coreografias baseadas em músicas de bandas baianas. Foi muito interessante perceber a articulação dos jovens pautada pela dança. Principalmente porque um dos grupos era de jovens baianos. Depois falei com dois rapazes. Neto é nativo de Gaibu. Perguntei onde eles ensaiavam, se fazia apresentações. Ele falou que ensaiava na casa do primo e que se apresentavam sim, normalmente em festa de escolas. Aproveitei para saber qual o tipo de relação eles tinha com os jovens baianos. Neto falou que era boa e que tinha se conhecido no colégio. O segundo jovem que conversei foi Daniel. Daniel é baiano e mora em Gaibu a três anos. Veio para Gaibu porque seu pai trabalha lá. O pai de Daniel é encarregado de carpintaria. Depois das apresentações, foram servidas comidas para todos os presentes.

Mesmo que os projetos dos cursos tivessem como foco a formação dessas jovens para a Copa de 2014, a atenção maior daquele curso era o CPS. E isso ficou muito claro no discurso de Marcos e Cristiano, que reforça a ideia das potencialidades que o lugar tem. É em busca dessas potencialidades que as jovens entrevistadas investem e criam os seus projetos de vida. Esse relato ajuda também a evidenciar como a presença do CPS se apresenta em várias situações do cotidiano de Gaibu. Outro ponto de manifestação dessa presença é que a todo o momento o discurso de fomento do polo de desenvolvimento que identifica as potencialidades do local está sempre sendo reforçado e através disso as jovens procuram se agregar a este projeto.

Arelado às estratégias de estudo para aperfeiçoamento profissional os cursos de profissionalização foram apontados pelas jovens como uma forma de desenvolvimento

profissional e busca de independência. Outra estratégia desenvolvida por algumas jovens, quando falam da importância de um curso de profissionalização, é sobre a *não reprodução de gênero* em relação à vida profissional. E as escolhas profissionais, que possibilitem uma expansão para além do âmbito da *internalização feminina*, sofrem influências da presença do CPS. Seguindo isso, a fala de Eleonor é emblemática.

(...)eu quero viver minha vida, mas eu to estudando, tava querendo fazer um curso de solda, pra começar na solda e depois fazer inspeção de solda. (...)vou tentar terminar, tentar estudar até o final do ano que vem, e eu quero fazer esse curso ainda esse ano, e logo, por que eu tenho a intenção não de trabalhar em cozinha não.
(Eleonor)

O ramo da soldagem é onde está concentra grande oferta de trabalho para as mulheres. Uma das justificativas para isso é que as “mulheres têm mais jeito com atividade que exigem mais atenção” como é caso da solda. E a maior concentração dessas mulheres que trabalham com soldagem está no *Estaleiro Atlântico Sul*, lá é onde as mulheres têm oportunidade de trabalhar no CPS. Chiquinha, uma das jovens entrevistadas, tentou se inserir nessa grande demanda para mulheres no âmbito da soldagem, mas não se identificou e preferiu investir no seu sonho de ser administradora.

Eu já entreguei vários currículos porque eu tenho curso como garçone de hotel. Ai passei um tempo no hotel e saí agora, aí já to esperando o outro ligar, pra começar no outro hotel. E assim, uma vontade que eu tinha muito de fazer, era um curso de administração. Eu foi assim... comecei a fazer um curso de soldagem, só que não era muito o que eu queria sabe? Aí agora eu to pretendendo fazer o curso de administração.(Chiquinha)

A presença do CPS ampliou o *campo de possibilidade* profissional e, de acordo algumas jovens entrevistadas, estratégias são criadas para se inserirem nessas *vocações realizadas*. Contudo, no discurso de alguma dessas jovens a inserção na *vocação realizada* é a custo de algumas frustrações. Eleonor, por exemplo, trabalha como auxiliar de cozinha em um hotel, mas pretende ser soldadora porque o namorado é soldador. Contudo, o sonho era ser enfermeira. Mas esse projeto tem que ser adiado, porque, como ela mesma conclui “precisa de muito tempo e dinheiro, e eu não tenho nem um minuto! Agora não, acho que depois que eu tiver mais estabilizada em minha vida eu posso até fazer (o curso de enfermeira), eu sou nova se eu quiser e se me esforçar...”.

Vejo nesses casos uma reprodução de *gênero e geração*, mas uma reprodução que está associada às poucas condições materiais (Heilborn et al, 2002). Assim entendo, porque a grande urgência de Eleonor e Chiquinha é a manutenção financeira dela e dos seus filhos e

filhas. E ao manifestarem essa preocupação, reproduzem a lógica de gênero em detrimento das obrigações domésticas e isso reforça a situação da *internalidade feminina*, já que estar fora do universo escolar e de trabalho é desfavorecido em detrimento do cuidado da casa e dos filhos. Situação esta bastante reforçada quando há uma gravidez na história de vida de mulheres jovens de classe popular (Scott et al., 2002; Heilborn et al, 2002).

Eu tenho uma responsabilidade maior. Eu tenho medo de depender dele de novo, já dependi de marido, já dependi de pai e isso não foi muito bom pra mim não! Por que quando eu precisei eles não tavam lá, eu não quero mais depender de ninguém! (Eleonor)

Estudava, eu parei de estudar quando eu engravidei dela, no caso vê, desde dos meus 16 anos que eu to no primeiro ano, não saí ainda vê, isso é um absurdo né, relaxamento, Mainha ía dá tanto na gente por causa disso. Já era pra ter terminado, até hoje eu me arrependo por que hoje em dia eu não to trabalhando por conta disso, por que já apareceu emprego e eu não fui porque tem que ter os estudos completo. Fica mais difícil ainda (de trabalhar), então eu pretendo fazer isso, mais na frente quando ele crescer mais um pouquinho trabalhar. (Anita)

Na vida de Henriqueta a busca por independência e os cuidados com o filho foi o que despertou nela o interesse por trabalhar. Trabalhar no CPS não parece ser uma das suas prioridades. De acordo com ela até poderia ser uma condição, mas fala que tem outro sonho. De qualquer maneira, ela consegue identificar as possibilidades de atuação que há para ela nas oportunidades oferecidas pelo polo de desenvolvimento. Contudo, ela expos de maneira muito mais concreta a possibilidade de trabalhar no comércio local.

Rapaz, na minha vida eu pretendo muito trabalhar, manter o meu filho. Meu casamento não deu muito certo com o pai dele, por mim eu estava até com ele, mas não deu certo. Eu pretendo trabalhar, ter a minha vida. Eu mesmo não queria casar mais não (Risos), mas essa daí (a mãe) empurra tanto, mas...

Entrevistador: Tu queria trabalhar com o que?

Henriqueta: Lojas essas negócios assim, poderia até ser no Porto e tal como segurança, como o povo diz? Na secretaria, computador, esses negócios, como segurança, tem muitos, não é? Que as mulheres estão entrando(...) Eu curto muito esses negócios de, de enfermeira, gosto muito, muito, muito mesmo, mas se fosse para mim fazer mesmo um curso, fazer, eu fazia de enfermeira. (Henriqueta)

Para Chiquinha o seu *projeto de vida* é quase um sonho frustrado, apontado como algo muito distante da realidade. Diferente de Eleonor, que com 19 anos se sentia nova e, por isso, colocava o seu sonho com algo realizável, Chiquinha, que à época da entrevista estava 22

anos e era mãe de dois filhos e não tinha tempo nem condições materiais para investir nesse sonho.

Rapaz eu assim... o pessoal diz assim que eu sonho muito alto né? Mas não paga né? Pra sonhar. Eu sempre tive assim, o sonho de... sempre sonhei assim de trabalhar de farda, de salto alto, que eu gosto muito dessas coisas assim.... e não é ser rica assim... queria ter um bom emprego pra, assim, sustentar a mim e a meu filho, viver bem, entendeu? Esse é meu sonho.

Seguindo essas análises, o que se evidencia são as *vocações* que atingiram a vida dessas jovens mulheres. Para algumas, o novo *campo de possibilidade* aberto pela presença do CPS é concretizado de maneira positiva nas suas histórias de vida, como é o caso de Aleida, que conseguiu se realizar nessas novas possibilidades. Segundo relatou, “porque assim... eu... eu sei de tudo um pouquinho. Ai eu sou muito curiosa, eu mexo com encanação, eu to querendo fazer encanação industrial também, que eu adoro mexer com cano”. Já para outras, fazer um curso e investir nos estudos para adquirir uma profissão que estivesse atenda às ofertas trazidas com a presença do CPS é um sacrifício necessário, porque as condições materiais existentes e as exigências financeiras para sustentar os filhos não lhe permitiram investir nos seus sonhos.

Ainda nesse sentido, seguindo aquelas referências sobre a *reprodução da posição de gênero* com relação ao cuidado exemplificada pela *internalidade feminina*, pretendo mostrar que no contexto analisado as questões referentes às trajetórias escolares e de trabalho apresentam um estreito horizonte de oportunidades, que restringem a possibilidade de planejamentos futuros para as mulheres. As situações apresentadas por Heilborn et al. (2002) e Scott et al. (2002) que compararam as posições contrárias entre a *internalidade feminina* e a *externalidade masculina* em relação à casa, são inspiradoras nesse sentido para analisar como as jovens entrevistadas agenciaram o cuidado dos filhos e os *projetos de vida*. Refletindo sobre isso, em detrimento às obrigações domésticas, estar fora do universo escolar e de trabalho constitui o sintoma da *internalidade feminina* e configura uma *reprodução de gênero* em Gaibu. Em consonância com isso, Anita diz:

Com relação a trabalho, família, eu pretendo deixar meu filho crescer mais um pouquinho, entendeu, pra futuramente arrumar um emprego. Porque tem que trabalhar né, porque é difícil, com um é difícil, imagine com dois. Fica mais difícil ainda, então eu pretendo fazer isso, mais na frente quando ele crescer mais um pouquinho trabalhar.
(Anita)

Seguindo o relato Alzira, cujo companheiro trabalha no CPS, é possível identificar como a maternagem reforça a assimetria de gênero em relação às posições *internalidade feminina e externalidade masculina*.

Eu penso que não só vou viver dele, né? tenho que trabalhar também. E pra que isso aconteça, vou ter que esperar mais um pouco pela minha filha, pra que ela fique mais um pouco maiorzinha, pra ela ir pra escola e pagar a minha irmã, né? pra tomar conta dela, né? e aí começar a trabalhar. (Alzira)

Partindo das análises do presente tópico, identifico que em Gaibu a representação de *trabalho* construída pelas jovens mulheres entrevistadas aponta para uma *reprodução de gênero*. Essa reprodução ficou ainda mais reforçada pela experiência da gravidez, já que o cuidado dos filhos não é algo compartilhado com os pais dessas crianças. Mesmo que para algumas as expectativas de futuro estivesse estimulada pela presença do CPS, as informações mostraram que as oportunidades oferecidas pelo complexo não foram realizadas na vida dessas jovens.

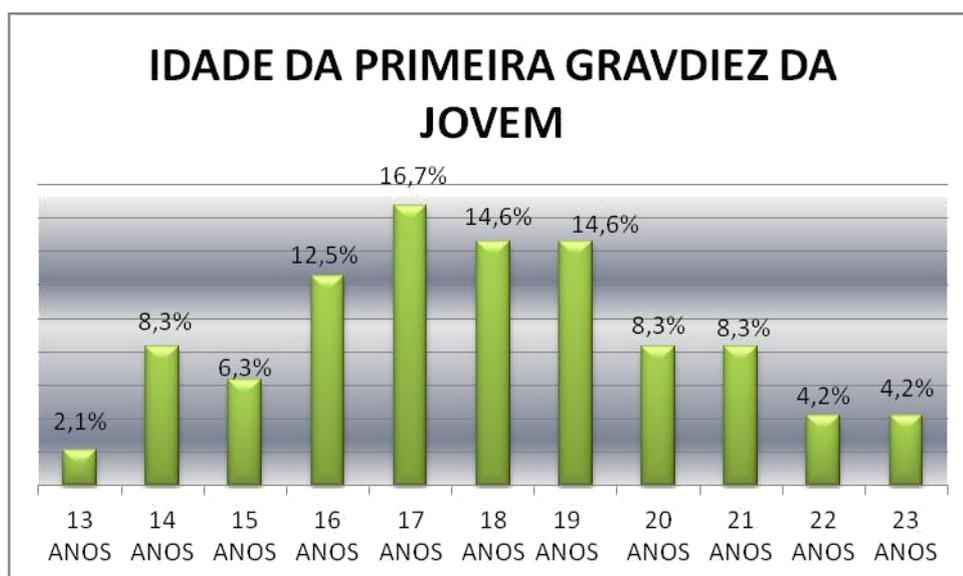
Com relação às mudanças geracionais, no que se refere à vida laboral, foi possível concluir que as jovens buscaram ampliar as suas possibilidades profissionais investindo nos estudos. E isso ficou evidente na diferença entre o nível educacional das duas gerações analisadas e a procura por especificações profissionais através dos cursos profissionalizantes. E grande parte desse estímulo veio da presença do CPS, que apresentou um novo campo de atuação profissional, porém muito direcionado às especificidades do projeto, que não se adéqua aos sonhos de algumas jovens entrevistadas. De qualquer maneira, mesmo essas que não se viram realizadas pelas ofertas do CPS buscaram se inserir nessa *vocação* para tentar solucionar os problemas relacionados às condições materiais delas e dos filhos. Por tudo isso, no meu ponto de vista, a gravidez na vida dessas jovens *reproduziu* a assimetria de gênero. E, mesmo que o CPS não proporcione uma igualdade de gênero com relação às ofertas de inserção no mercado de emprego, a partir da ampliação do *campo de possibilidade* profissional para as mulheres, o que constituiu uma significativa mudança *geracional*, a representação *trabalho* fruto dessas novas experiências, despertou nessas jovens mulheres um novo âmbito de atuação.

4. Percebendo o que é *Ser mãe adolescente pelo corpo no lugar*

No presente capítulo, farei a análise a partir das referências feitas pelas jovens entrevistadas aos seus corpos alusivas às suas experiências sexuais e da/das gravidez/es. Busco nessas referências os significados das mudanças somáticas atribuídos à gravidez. Associado a isto, discutirei a incorporação do *habitus ser mãe* e as implicações dessa para um

possível deslocamento geracional. Como veremos, o hiato de tempo entre a descoberta da gravidez e os primeiros anos de vida da criança resulta em uma representação de prejuízo do ser jovem. Outro ponto de notoriedade é concernente à influência da gravidez na maneira como o corpo da jovem passa a ser situado por ela mesma. Neste sentido, as pressões contraditórias decorrentes de influências divergentes entre o *ser jovem* e o *ser mãe* expressam-se de forma privilegiada no modo como as adolescentes experimentam sua sexualidade e colocam o seu status de mãe em comparação com outras jovens que não têm a “responsabilidade” de *ser mãe*.

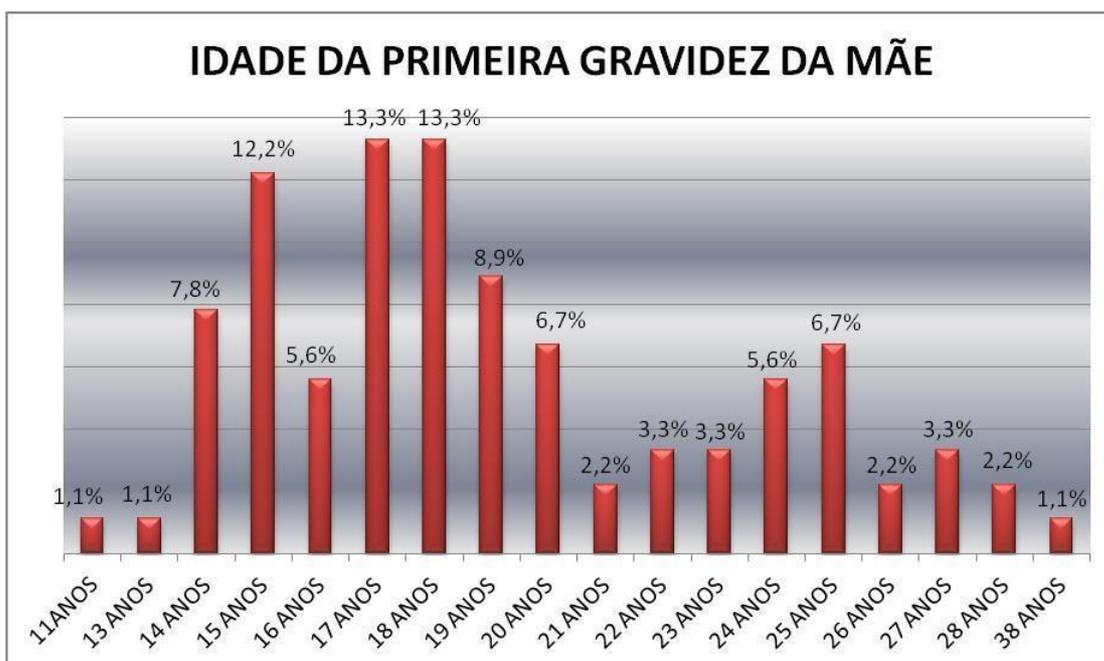
Seguindo esses caminhos de análise, de acordo com informações extraídas dos questionários, 18% das jovens entrevistadas nunca tiveram relações sexuais. Considerando apenas as que já tiveram relações sexuais, 88% disse que teve a primeira relação sexual entre 13 e 18 anos de idade. Observando as idades separadamente, evidencia-se que as idades de maior percentual foram 16 e 17 anos cuja frequência é de 16,5% para cada uma dessas idades. Sobre a experiência de gravidez, 45,7% das jovens de Gaibu que responderam ao questionário já passaram pela experiência de uma ou mais gravidez(es). Levando em consideração a idade que experienciaram a primeira gravidez, 58,3% dessas jovens relataram que passaram por essa experiência entre 16 e 19 anos. A idade que teve a maior concentração de casos de gravidez foi 17 anos com os respectivos 16,7%. Como é possível observar, não há muita divergência entre a idade da iniciação sexual e a idade da experiência com a primeira gravidez. Ainda sobre a idade da primeira gestação, é interessante comparar essa experiência entre as jovens e as suas mães.



Fontes: dados da pesquisa.

Se para as jovens o intervalo de maior concentração foi entre 16 e 19 anos, para as mães foi entre 15 e 18 anos com uma concentração de 44,4% dos casos. É válido a ressalva

que a variação de idade da primeira gravidez entre as mães é maior do que entre as jovens. Se para as jovens o intervalo está entre 13 a 23 anos, para as mães esse intervalo varia de 11 a 38 anos. (É importante lembrar também que os questionários foram respondidos por mulheres jovens com idade entre 16 e 24 anos.) Referente à idade da primeira gravidez das mães, 15 anos teve o percentual de 10,5% dos casos, sendo essa idade a mais frequente.



Fontes: dados da pesquisa.

Cruzando algumas informações do questionário é possível visualizar como a maternidade se constitui como realidade para as jovens entrevistadas. Sobre a quantidade de filhos que considera ideal, 71,2% das jovens responderam que dois filhos seria o ideal. Isso coincide com a história reprodutiva das mães, já que 46,2%³⁰ dessas tiveram dois filhos. Voltando a falar das jovens, 20,2% considera um filho a quantidade ideal. E apenas 1,9% julga ideal não ter filhos. Observando apenas as jovens que já são mãe, 62,5% dessas disseram que o ideal é ter apenas dois filhos. E 27% considera ideal ter um filho. Apenas 4% das jovens mães consideraram que a quantidade ideal de filhos são quatro. Com relação a essa quantidade filhos, 9,6% das mães dessas jovens tiveram quatro filhos. Partindo dessas comparações numéricas é possível perceber uma relação entre as representações sobre o número ideal de filhos a representação de maternidade que as jovens mulheres criaram sobre a gravidez com a história de vida das suas mães. Poucas diferenças são localizadas entre essas duas gerações quando comparados os números relacionados à quantidade de filhos e idade da primeira gravidez. E isso sinaliza que não houve mudanças substanciais em relação ao

³⁰ Tabela em anexo.

planejamento familiar e que a maternidade está inserida no projeto de vida das mulheres de Gaibu.



Fontes: dados da pesquisa.

Como veremos, a partir das análises das entrevistas, essa *reprodução geracional* da idade em que a primeira gravidez foi realizada, de acordo com algumas jovens, resulta em controle sobre a sua sexualidade. Em alguns relatos é possível perceber que o anúncio da gravidez é seguido de reprovação e desconfiança principalmente por parte das mães das jovens com relação à capacidade dessas de exercer a maternagem. Já o controle da sexualidade atuava como uma medida preventiva sobre essa gravidez, que não era desejada, principalmente pela mãe da jovem. Compreendendo tanto essas cobranças como a história de vida das suas mães como parte do *campo perceptivo* e as *representações conceituais*, sobre esse horizonte, as jovens decidem as suas possibilidades de ação a partir das possibilidades oferecidas. Em outras palavras, as ações que as jovens manifestam tem correspondência com as suas percepções das solicitações do seu contexto.

É por meio desse procedimento que vejo a incorporação do *habitus ser mãe* dessas jovens, pois o conceito de *habitus* que abordo compreende a incorporação como uma agencia do controle das emoções mediante o que lhes é apresentado como valores sociais (Elias, 1994a). É importante saber que esse autocontrole é parte de uma estrutura desenvolvida dentro de um processo de mudanças, seja mediante a aquisição de um novo *habitus* ou mudanças sociais que apresentam novas solicitações aos indivíduos. Mas a isso gostaria de demonstrar que a incorporação de um *habitus* passa por um processo de solicitações somáticas que é consequência *também* de um *recalque* (Merleau-Ponty, 1999), lembrando que o recalque é o que coloca o individual diante de representações do corpo e evidência a sua

condição espacial e temporal que nós, sujeitos encarnados, temos no nosso mundo cultural. E o recálque, no caso das jovens que passaram pela experiência da gravidez, foi o autocontrole das experiências corporais promovido pelos projetos de subjetivação da incorporação do *habitus ser mãe*. Mas essa ação é também uma reprodução da dominação exercida a partir do controle sobre o corpo feminino. Na narrativa das jovens, esse controle aparece no discurso dos pais como forma de mediar e guiar a sexualidade delas. Seguido da gravidez, o controle ganha roupagem nas respostas delas sobre as solicitações do *ser mãe*, que é um corpo vigiado, principalmente no âmbito da sexualidade.

4.1 Negociando emoções: sensibilidade, prática e motivação que podem explicar a gravidez

Prosseguindo, queria dedicar um espaço para abordar algumas temáticas que se destacaram na história de vida de algumas jovens entrevistadas. Nesses aspectos que ganharam destaque, há relações com o que venho analisando aqui e tentar encontrar esse fio condutor pode ser bastante relevante para ampliar a compreensão da diversidade sobre os temas trabalhados. As temáticas trabalho, percepção das mudanças no corpo e a importância e ausência de cuidado se cruzam e assumem marcas bastante evidentes nas subjetividades dessas jovens.

Chiquinha, à época da entrevista, estava com 22 anos e engravidou aos 16, foi mãe aos 17 anos e teve o segundo filho com outro homem aos 19 anos. O segundo filho dela mora com a avó paterna. De acordo com Chiquinha, isso fez parte de uma negociação porque ela trabalhava, e estava difícil para ela cuidar de duas crianças. Contudo, desde o início do nascimento desse segundo filho, devido a um quadro de depressão da avó paterna dessa criança, Chiquinha sofreu um pouco de pressão para deixar a criança sobre os cuidados da avó paterna. É como a própria Chiquinha relata:

Teve uma briga entre a minha mãe e a minha sogra porque (a mãe) queria que eu passasse o resguardo na casa da minha mãe e a outra queria que eu ficasse lá (na casa da sogra), entendeu? Por conta, assim, porque até era o primeiro neto dela e mainha já tinha Kaue, aí não aceitava de jeito nenhum, aí eu fui pra casa de mainha.

Esse segundo filho, de acordo com os relatos de Chiquinha, proporcionou uma reorganização na vida emotiva da avó paterna: “hoje em dia, ela me pede obrigado pelo neto que eu dei a ela, entendeu? Que chama ela de mãe”. Aqui, o cuidado é o que entre nessa negociação, mas uma negociação entre mulheres, já que cabe a essas a responsabilidade do cuidar o que legitima inclusive uma disputa para saber quem vai cuidar. E no caso da avó, o cuidado foi um evento de realização e uma possível ressignificação na sua vida. Já para

Chiquinha, isso é determinante na sua preferência entre os dois filhos: “... eu amo meus dois filhos, só que Kaue, ele é uma pessoa que eu mais me apeguei, entendeu? Eu mais me apeguei até por conta da “mamãe”, ele é muito carinhoso, muito carinhoso, muito, muito, muito”.

Chama à atenção nesse relato a importância de ser reconhecida como mãe pelo filho e isso confirma a maior proximidade que ela tem com esse filho, já que o outro chama a avó de mãe e não ela. Mas ela tem como projeto de vida conseguir cuidar e manter os dois filhos

Eu quero ter meus filhos juntos, são irmãos e, assim, eu sempre digo que eu quero ter um bom emprego, pra sustentar, pra chegar o momento dele dizer: “eu quero isso”, mesmo se eu não puder, eu tenho que dar um jeito, no meu lugar de mãe, eu tenho que dar um jeito pra dá o que ele quer.

Para realizar esse projeto Chiquinha estava procurando emprego na área que tinha experiência. Ela tinha um curso de garçonne e tinha trabalhado em um hotel, mas não estava empregada. Procurando se inserir nas demandas oferecidas pelo CPS, começou a fazer um curso de soldadora. Ser soldadora não era o seu grande sonho, mas por estímulo dos amigos começou a fazer esse curso, mas desistiu porque não se identificou. O sonho profissional de Chiquinha é trabalhar em escritórios, como ela mesma define: “trabalhar de farda, de salto alto, que eu gosto muito dessas coisas”. Apesar disso, ela fala desse projeto muito mais como um sonho localizado em um horizonte muito distante da sua realizada: “o pessoal diz assim que eu sonho muito alto, né? Mas não paga, né? Pra sonhar”. Sonhos a parte, Chiquinha planejava sustentar os seus filhos da forma que era possível, trabalhando no que aparece: “eu já entreguei vários currículos porque eu tenho curso como garçonne de hotel. Ai passei um tempo no hotel e saí agora, aí já to esperando o outro ligar pra começar no outro hotel”. Além de ter como projeto de vida ser uma mãe que atende aos desejos dos filhos, Chiquinha também se demonstra preocupada em entender como a sua vida afetiva e sexual atinge a vida dos filhos.

Eu tenho medo, assim, de... dos meus relacionamentos, assim, eu não quero envolver mais meu filho porque eu sei que ele vai sofrer, entendeu? Vai dizer, poxa quem é meu pai. Eu penso assim, até a mãe dele (do ex-companheiro) me perguntou quando eu fui visitar meu menino: tu queria casar de novo? Eu fiz: não, por que ? Eu disse: não porque assim... eu não vou querer expor o meu filho ao ridículo, entendeu? Que o meu filho, ele se apega muito, ele adora esse meu namorado, também tudo... tudo que o meu filho pede assim... que ele quer, ele (o namorado) faz.

Outro medo de Chiquinha é a rejeição que o seu atual status de *ser mãe* pode causar e

isso ela vê como um prejuízo para a sua vida afetiva.

Eu fiquei assim... com medo assim... que... ninguém ia me querer porque eu tinha filho. Logo que cheguei pra morar aqui eu conheci um rapaz aí ele foi perguntar as minhas amigas se eu tinha filho. As minhas amigas disse que tinha, aí elas fizeram: porque?. Aí, assim, sempre tem o receio né? Até assim... quando eu vou assim conhecer pessoas novas, eu digo porque eu não vou renegar meus filhos, entendeu?

Esses são alguns dos aspectos que Chiquinha relacionou em sua vida à sua experiência de ser mãe. É importante perceber a ênfase que há na sua vida sexual e afetiva associada a sua condição de ser mãe e como isso está próximo à lógica do cuidado. Ainda atrelado aos resultados da gravidez, às mudanças apresentadas no corpo após essa experiência ganha destaque na vida de Chiquinha e mais uma vez conotado à sua vida afetiva e sexual. Sobre isso, Chiquinha revela algumas insatisfações.

As grandes mudanças foi primeiro veio as estrias na barriga, né? Que eu sou uma pessoa muito vaidosa porque eu tenho dois filhos. Não parece né? Não aparenta que eu tenho dois filhos. E dias antes de eu ter Kaue, passou uma mulher vendendo uns produtos pra estria, aí eu: mas eu não tenho estria não, fui irônica, entendeu? E ela disse: não, mas depois você vai ficar. Vou ficar não, que eu não tenho. Menina, sei que quando Kaue nasceu, que a barriga foi murchando assim... que foi desinchando, apareceu as estrias e mais nunca, nunca fui a mesma. Nem a galera: menina, fica bem clarinha as estrias. Mesmo assim, eu tenho aquele preconceito, aquela vergonha. Logo quando eu conheci esse menino, que eu to namorando, tinha uma vergonha danada, uma vergonha que ele me visse, mas mesmo passando a mão sente, né? Depois de dois meses, ele: ou menina por que tu tem vergonha de amostrar essa barriga heim? Aí eu: nada não, ele: é por que tu tem estria é? Ouxi, da pra sentir é? ele: dá, claro, tocando dá pra sentir. Sempre tive vergonha desse dia, mas dos meus filhos, eu nunca tive vergonha.

Interessante perceber essa última justificativa de Chiquinha para não associar a sua insatisfação sobre o seu corpo a sua condição de *ser mãe*. A gravidez na vida de Chiquinha trouxe também experiências bastante doídas e traumáticas. A seguir apresento na íntegra o relato dela sobre o seu primeiro parto.

Foi muito complicado, visse? Porque, assim, uma noite antes eu sentia dor, já vinha sentindo dores já, já tava com 9 meses e 10 dias e nada de Kaue nascer. Aí ligava pro meu pai, meu pai subia. Ia me buscar, era como daqui pra Suape a casa do meu pai, chegava de carro e me levava pra maternidade. Mas ela (enfermeira) fez o toque, disse que tava sentindo contrações, só que não tava na hora ainda. Aí, ao invés dela botar só um remédio que bota pra dar as dores do parto, ela botou pra passar, entendeu? Aí eu fui pra casa, tudinho e as

dores, a noite todinha com dor. Quando foi de manhã, eu fui no banheiro ai, no final, saiu o sinal quando eu vi, ai eu: mainha!, ai mainha, ai meu Deus. Sangue! Coagulou! Sangue! Chamou meu pai e a gente foi pro IMIP. Eu fiz o meu pré-natal lá, foi uns 03 meses. eu parei porque eu comecei a inchar muito e eu sou magra, eu era mais magra ainda, entendeu? E eu fiquei com um barrigão muito grande, Kaue nasceu com 5 quilos, entendeu? Pro meu corpo eu não conseguia nem andar, os pés começou a inchar, as pernas, entendeu? Ai a gente foi, ai ela (a enfermeira): você ta com 4 centímetros de dilatação, não ta na hora ainda não. As dores foram aumentando, aumentando, aumentando desde manhã. Quando foi 4 horas da tarde, a doutora fez o toque de novo, aí já tava com 6. Ai disse: olhe, aqui não pode ficar não, que aqui só fica de alto risco. Ai ta bom, ai foi pegou uma ambulância pra levar pra Paulista. Eu morrendo de dor, né? As contrações cada vez mais aumentando, quando chegou no meio do caminho, ai esqueceu um documento, ai teve que voltar pro IMIP, pra buscar o documento. Ai foi e voltou tudo de novo e aquilo, eu morrendo de dor e mainha preocupada, tudinho. Ai quando chegou lá... me levaram pra sala, ai não pode... não podia entrar ninguém até porque era pra ter sido liberado assim... o acompanhante porque eu era de menor³¹. Não pode. Me deixaram na sala sozinha, sofrendo a noite todinha. Isso com preguiça, entendeu? De fazer o parto, ai chegou a enfermeira e disse assim: você quer que eu faça o toque ou o... o doutor?, ai eu fiz: por que?. Ai ela: porque o doutor é o cover de Tim Maia, olha a grossura do dedo dele. Vê só, eu morrendo de dor, a pessoa ainda vem fazer uma brincadeira dessa, ai eu fiz: não doutora, eu quero que a senhora faça. Ai fez o toque, escutou o coração dele e a barriga já tava dura, dura mesmo assim, não tinha mais espaço, entendeu? Ai quando foi de madrugada o doutor chegou pra fazer o toque, não teve jeito, eu não escapei de jeito nenhum, entendeu? Ai foi, fez o toque, quando ele fez o toque, eu passei a madrugada todinha sangrando, entendeu? E com a dor, morrendo de dor. Quando foi de manhã, ele chegou e disse: lá pras 10 horas você tem seu filho. E tinha acabado o plantão dele, quando o outro doutor entrou, ele fez: meu Deus do céu, era pra você ter tido esse menino desde ontem. Ai ele foi botou o sorinho, botou a injeção pra dar as contrações, foi num instante. Ai tive Kaue, que foi uma emoção muito grande, comecei a chorar, entendeu? eu tive ele de 10 horas. Só fui ver ele de 2 horas da tarde. Assim... até pra eu me ajeitar, tudinho, tomar banho e teve um momento que eu tava com vontade de ir no banheiro, de urinar, entendeu? Ai eu chamei a enfermeira, a enfermeira: mas não pode se levantar agora não. Ai a enfermeira botou a aparadeira e eu não tava conseguindo fazer, entendeu? Ai eu fui e fiz só que eu senti um negocio escorrendo pelas minhas pernas, ai ela foi chegou, quando olhou... ai ficou olhando pra aparadeira. Ai eu perguntei a ela o que era, ai ela falou que era sangue. Resumindo, o medico não tinha tirado a placenta toda, eu já tava com agonia... tendo agonia porque da infecção né? O resto da placenta. Ai veio a enfermeira chefe, o médico que fez a minha operação e o diretor do

³¹ Desde 2005 existe a “Lei do acompanhante”, que é a lei Federal nº 11.108, de 7 de abril de 2005. Esta lei garante à mulher, sem discriminação de idade, o direito de ter um acompanhante durante trabalho de parto, parto e pós-parto. As legislações que embasam o direito do acompanhante podem ser acessadas nesse site http://www.partodoprincipio.com.br/conteudo.php?src=lei_introducao&ext=html.

hospital. Ai me levaram de volta pra sala de cirurgia, retiraram os pontos e apertaram assim, que era pra sair o resto da placenta, saiu tudo de novo. Ai quando foi pra pontear, não queria mais assim, pegar a anestesia, teve que fazer sem anestesia. Sei que eu sofri um bocado, viu? E eu fiquei com alergia ao iodo, que é pra não inflamar né? Tudo por conta da cama, do parto, o iodo escorreu assim... ai pegou assim nas minhas costas queimou, ficou em carne viva. Não podia me deitar de jeito nenhum, nem me encostar, só de lado. Sei que foi muito complicada assim... por conta da pressão, entendeu? Quando pressão baixa, eu ficava desmaiando constantemente, depois do parto dele.

Na vida de Chiquinha é possível observar como a incorporação do *habitus ser mãe* esteve presente nas suas decisões profissionais, afetivas e envolveu uma rede de cuidados feminina. As vivências físicas em seu corpo resultaram em uma experiência de ausência de autonomia sobre as decisões que envolveram bastante sofrimento físico e emocional. Mas, não só as dores e as marcas da gravidez expuseram essa heteronomia, as responsabilidades sobre o cuidado também naturalizaram as cobranças sobre o seu corpo, que atua como elemento normativo sobre o *habitus ser mãe*. E a maternidade na compreensão dela, também, condicionou a sua juventude ao estabelecer sobre o seu corpo o possível estigma de que corpo de mãe não é desejável. Alguns desses elementos aparecem com bastante semelhança na vida de Aleida, que estava com 24 anos quando foi entrevistada, teve a primeira gravidez aos 15 anos, a segunda aos 19, a terceira aos 21 e a quarta aos 24 anos. A ausência de cuidado e a rejeição dos pais na vida dela possivelmente foi o que despertou nela o desejo de ser mãe.

A mãe de Aleida não é mais viva, mas ela relatou uma relação bastante conturbada. De acordo com Aleida, a sua mãe proibia que saísse de casa para se divertir: “ai toda vez que saia com ele (namorado), que chegava em casa, minha mãe batia em mim. Toda vez que saia”. Depois desse episódio ela foi morar com esse namorado, que foi o pai do seu primeiro filho. Contudo, voltou a morar com a mãe porque ela tinha câncer e estava morrendo. Mesmo assim, “primeiro ela me botou pra fora de casa, falou que não me queria em casa, que não sei o que, ai falei pra ela: “deixa eu dormir aqui pelo menos hoje”. Ela falou: “você vai dormir na rua, mas não vai dormir em casa”. Ela só conseguiu cuidar da mãe depois que o padrasto interveio e falou: “ a única filha que é boa pra você é ela, então porque você não quer ela dentro da sua casa, ela tem casa, ela não vai morar com ninguém não.”

Sobre a relação com o pai, Aleida falou de muitas magoas e histórias de abandonos. “Ele abandonou a gente quando era criança, depois voltou cego por causa da solda, ele era caldeireiro e eu ajudei muito ele, fiz tudo por ele”, mas, segundo Aleida, ele nunca reconheceu esse cuidado.

Ele abandonou a gente quando era criança, depois voltou cego por causa da solda, ele era caldeireiro e eu ajudei muito ele, fiz tudo por ele, eu viajava pra alagoas direto, quase todo mês pra ele se aposentar e tudo. Depois que ele se aposentou, ele me abandonou outra vez, ai depois a mulher dele não tava mais aguentando ele, trouxe ele pra morar comigo, chegou aqui aprontou de novo. Três vezes que ele mora comigo, as três vezes ele apronta, da ultima vez, ele levou a televisão dos meus filhos, me deixou sem fogão, sem geladeira, tudo meu ele levou tudo pra morar com essa mulher do Cabo. Eu não vou na casa dele, eu falo com ele e tudo mais.(...) E meu pai não é porque ele ta doente que ele passou a ser bom, ele sempre foi ruim... ta doente? Claro, precisa de cuidado medico, eu faço o que eu puder de longe, porque ele tá doente agora que eu vou dizer que é o melhor homem do mundo, não sou falsa. Aí é só eu mesmo, minhas irmãs moram no Cabo, outra mora em Barra de Jangada. Meu irmão mora no Cabo, é que eu sou mais próxima a ele, sou madrinha da filha dele, mas eu e meus filhos.

Tendo em vista essas narrativas de Aleida, a relação com os seus pais foi de abandono e negação de cuidado. Cuidar foi algo que ela sempre buscou na sua vida, seja para cuidar ou ser cuidada. Talvez esse desejo estivesse transferido na sua grande vontade de ser mãe: “eu queria ser mãe, não importava quando, mas eu queria ser mãe. Não importava se era com 15 ou com 19 ou 20. Se foi com 15, foi bom que foi logo”. Diante tantas decepções sobre as ausências de cuidados, Aleida tem como projeto de vida a sua independência emotiva e financeira. Para isso, ela que nunca trabalhou, deseja no futuro dar “tudo que não teve para os filhos”. Foi de acordo esse anseio que ela definiu o seu futuro: “de terminar meus cursos, trabalhar e não depender mais dele (o pai dos filhos) pra nada a não ser todo mês o que ele manda, sem pedir”. Sobre o que deseja para os filhos, ela continua: “dar tudo, tudo, tudo que eu não tive, dar pros meus filhos. Penso logo nos meus filhos, depois em mim”. Seguindo isso, vejo que na história de vida de Aleida ela sempre esteve em busca de alguém para cuidar, mas também essa busca foi por alguém que cuidasse dela. Contudo, ao que parece, isso ainda é uma ausência na vida dela e que ela não espera nem dos filhos: “*depois que eles (os filhos) crescerem, eu vou cuidar só de mim e eles que trabalhem pra cuidar deles*”.

Sobre as experiências de gravidez Aleida as associa ao seu amadurecimento pessoal: “cada gravidez eu me achava mais responsável. Eu parecia que ia crescendo mais, amadurecendo mais”. E a essas experiências, também está relacionada à sua vontade de trabalhar, já que o fato de ter filhos aumentou o seu desejo de trabalhar: “sempre sonhei em trabalhar, em fazer curso, em estudar e agora é a mesma coisa, só que com mais vontade por ter filhos”.

Quando Aleida falou sobre a sua vida sexual e reprodutiva, a sua relação com a mãe apareceu como muita evidência nos seus relatos. O seu primeiro namorado, por exemplo, ela

disse que começou para desafiar a mãe e demonstrar o descontentamento sobre as constantes desconfianças e proibições.

Eu comecei a namorar com ele meio que por pirraça, porque eu não namorava com ele, ele tinha namorada e eu tinha uma prima que ela queria muito que eu namorasse com um amigo dela, mas eu namoro com quem eu quero. Eu nem pensava em namorar porque eu adoro estudar, escrever, escrevo muito, ler. Ai ela falava pra minha mãe que tava namorando com esse. Ai toda vez que saía com ele, que chegava em casa, minha mãe batia em mim. Toda vez que saía. Ai uma vez eu olhei pra minha mãe e falei: “oh... eu vou sair, não vou ficar com ele, se eu chegar e apanhar, a senhora pode... quando eu sair de novo pode bater com vontade porque se eu apanhar quando voltar da rua, vou ficar com ele mesmo...” e ela não acreditou que eu não tava com ele. Ai quando eu cheguei, ela bateu em mim. “Pois agora eu vou ficar com ele, se a senhora não me quiser dentro de casa, eu saio. Só não vou ficar apanhando sem motivos, sem fazer nada”. Eu nem namorava, eu tinha 12 anos. Ai eu peguei... ai ela: “você não disse que ele tem namorada, não sei o que...”, “mas isso é o mínimo”. Ai fiz ele acabar o namoro, fiquei com ele, com 15 anos, engravidei. Já fui mulher com 15 anos e engravidei logo.

Ao falar sobre a maneira como ela percebia as diferenças entre a sua geração e a geração da mãe, mais uma vez, ela relaciona a sua vida sexual e reprodutiva com a complicada relação que teve com a mãe.

Eu acho que porque... no tempo da minha mãe era tudo mais assim, os pais tava em cima, tava sempre... oh... com minha mãe, não é que minha mãe conversava comigo o que podia e o que não podia, eu acho que por isso, também, que eu queria muito saber de tudo, queria muito namorar. No começo eu não queria namorar, mas depois do primeiro namorado, ai eu já queria sair de casa, que era pra sair mais. Em casa não saía, em casa era sempre aquela coisa que... tudo a gente era culpado, tudo a gente fazia, sem ter feito. A gente namorava, sem ta namorando. Ai eu queria muito sair de casa. Minha mãe conversar comigo? Era assim... não tratava sobre nada, sobre nada, nada, nada. Quando eu menstruei não sabia nem o que era, que ela não conversava comigo. Depois... ai fiquei com vergonha de dizer a ela, nem ó... acho que quase um ano depois que eu... quando mostrou que eu tinha uma dor de cabeça... minha descobriu porque não tinha isso de conversar. Tinha muita, muita vergonha dela, nunca tomei banho na frente da minha mãe.

Ao falar de possíveis diferenças geracionais ela, inicialmente, aponta a questão do controle sobre o corpo feminino, mas logo vai perceber que a sua situação esteve muito próximo daquilo que ela julgaria como a diferença entre a geração dela e da mãe. No final, para Aleida, falar sobre o que a mãe viveu direcionou as suas próprias experiências.

Aleida é uma jovem que nunca trabalhou, com 24 tinha 4 filhos e buscava sua

autonomia fazendo cursos para não depender mais de ninguém e para poder realizar os desejos dos filhos. E uma das suas concepções sobre o que é *ser mãe* é definida nessa frase: “*tenho 4 filhos, eu vou ta com um e com outro? Eu não quero ser vergonha pra eles (filhos), eu quero ser um exemplo né? Então, vai eu trocar de namorado direto, pro meu filho falar “cadê aquele tio mãe? Já é outro tio?”*”. Assim como Chiquinha, Aleida remete ao seu corpo de *ser mãe* como um corpo que está sempre em evidência e que deve estar disciplinado. E isso corrobora com aquelas ações de controle sobre seus corpos ainda à época das descobertas sexuais e assim elas reproduzem esse controle.

Vejam agora alguns eventos na vida de Eleonor que dialogam com as outras duas narrativas, mas apresentam particularidades. Eleonor estava com 18 anos quando foi entrevistada, engravidou com 14, foi casada e mesmo estando separada, ainda morou um tempo com a sogra, porque não queria morar com o pai dela. Passou um tempo morando no Rio de Janeiro cuidando de uma idosa. Em sua história de vida, ela evidencia alguns traumas. Desses, a rejeição é aquilo que ela aponta como maior medo: “(.) eu tenho medo num é de ser traída é da rejeição, eu fui tão rejeitada que eu fiquei meio traumatizada em relação a isso”. Nos relatos dela o que ela narra como a primeira rejeição foi a da mãe, que teve depressão e “deixou os 4 filhos para o pai cuidar”. Outra rejeição marcante na vida de Eleonor foi a reação do pai quando soube que ela estava grávida: “eu tava grávida ele me botou pra fora de casa eu acabei me sentindo só, mesmo o pai da minha filha me apoiando, mas eu me sentia só, era como se eu não tivesse família, mas tava na família de outro!”. Antes, porém, de falar para o pai que estava grávida o controle sobre a sua sexualidade já tinha motivado Eleonor a querer “liberdade” sobre essa dominação que o pai exercia sobre o seu corpo. E isso inicialmente resultou em um desejo de engravidar.

Quando eu me perdi eu contei pra ele (o pai) que tinha perdido a virgindade com meu namorado, ele ficou meio assim mais confiou em mim, ai depois começaram a dizer que eu tava grávida, ai ele meio que começou a jogar a responsabilidade sobre mim e o meu namorado, “já que já se perderam tem que cuidar dela” isso e aquilo, dizer assim como se ele tivesse uma responsabilidade sobre mim, como se fosse meu pai ou até meu marido. E ai eu fui enchendo daquilo e enchendo e eu queria sair da minha casa, ai ele (o namorado) falava assim: “mas pra tu sair tu tem que me ajudar isso e aquilo...”, ai eu falava assim, ah mais eu não quero não! Eu não queria! Até que ele de tanto insistir, ta então vamos ver no que é que vai dar, ai eu deixei rolar, ai pensei que tava grávida mais não tava! Foi só pensando por que duas crianças sem experiência sem saber de nada ai fui deixando, ai quando eu descobri que não tava que ela veio normal, ai sem querer, e comecei a: não, não quero mais! ai sem querer engravidei. Ai quando eu não quis mais que veio já tava normal, ai foi que eu engravidei, por que foi assim: eu fui deixei,mas a minha menstruação veio, ai ah então ela veio! ai eu não queria

mais, daí eu engravidei e não sabia, aí passei cinco meses jurando que eu num tava e tava com cinco meses!

Interessante que mesmo se definindo como uma “criança sem experiência”, Eleonor se culpa pela “burrada” de ter engravidado. E essa culpa é devotada para si porque, segundo narrou, ela teve acesso à experiência da irmã, que também tinha engravidado sem planejar.

Minha irmã (mais velha) engravidou cedo, eu vi o exemplo dela e fiz a mesma burrada, e minha irmã (mais nova) teve meu exemplo e o dela (a mais velha), por que minha irmã quando engravidou o pai da menina dela não assumiu, foi meio que uma ficada, um namoro assim rápido e o menino não queria assumir, então eu achei que por eu ter namorado ia ser mais fácil, por meio que ta com a pessoa, então cometi a burrada! E vi que não era isso, e minha irmã (mais nova) teve o exemplo dos dois e mesmo assim foi fazer essa burrada !

Talvez a gravidez seja considerada uma “burrada” porque privou a juventude de Eleonor, mas, ao mesmo tempo, ela assumiu uma posição crítica ao cobrar do pai da filha que ele assumisse também as responsabilidades do cuidado.

Minha menina ia ficar com o pai, agente reveza os finais de semana, tenta! Por que a maioria das vezes sou eu que fico por que ele não quer, “ah! Vou ficar não esse fim de semana não que minha namorada ta vindo!” Ai eu abri o olho dele, esse final de semana agora é dia dos namorados, ai eu: fica com ela? Ai ele foi e ficou com a menina na semana, e no final de semana ela não pegou, então eu fui e tive que ficar com ela quer dizer pagar a menina pra ficar com ela pra poder eu ir trabalhar, ai eu fui segunda feira lá e chorei no dele, que eu queria ir no shopping assistir filme, e falei: ó, fica com ela que eu vou sair! Ai ele foi e ficou por que era segunda, ai eu: porque você não ficou o final de semana? “ah! Por que eu tava com minha namorada!”, “porra é responsabilidade minha e sua! Se a gente combinou era pra você cumprir com sua palavra, eu num to nem aí pra namorada! Eu tenho namorado, mas em primeiro lugar tá minha filha! Se ele não aceitar minha filha, se ele não me aceitar do jeito que eu sou, então ele não gosta de mim não!” Então eu acho que ele deveria ter a mesma cabeça! Ai eu : ó, fala com ela, com tua namorada que uma semana é dela e uma semana é de sua filha! Por que comigo é assim um paquera vai e marca comigo, ai eu tá então vamos, chegar na hora se não tiver ninguém pra cuidar da minha filha, eu desmarco na hora! Ou fica aqui ou é não. Eu fui chamada pra um show de maracá, semana passada... Semana retrasada parece, ai, ia com meu namorado, a gente ia junto, ele ia largar do trabalho e passar aqui pra me pegar e eu ia com ele, chegou aqui aí eu tava com minha filha, ai não teve como a gente ir, por que ele tem uma moto e na moto não tem como levar, ai não deu pra ir por causa disso, e ele ficou comigo aqui! Passeou em Gaibú eu ele e ela, mas ficou aqui, eu falo com ele pra ele ficar com minha filha pra eu poder ir (o ex-marido) e ele: ah não vou pra Recife, ele falou, tô indo pra Recife, por que ela mora no Recife a namorada dele, ai quando eu saio na rua, ele tava na rua com ela, com a namorada, ta vendo que vacilo! Ai ele:

ah não! E eu: pô toda vez vai ser isso? Eu brigo com ele por que ele tem que se orientar! Mas sei lá eu vou vivendo, eu vou viver... Curtindo do jeito que dá, ai na avó dela às vezes eu dou o pitu de vez em quando, ai ele fala, tem vezes que me chama de irresponsável, mas assim eu sou nova! Eu deixo ela com a avó e vou pro colégio, ai do colégio eu saio já vou pra outro canto, ele chega pára a moto lá me chama, ai vamos pro shopping? Ou vamos comer um hambúrguer lá... lá num sei aonde, e eu vamos simhora!

Outros aspectos apontados como negativos em relação à gravidez, Eleonor, evidenciou quando foi convidada por um professor para falar sobre a sua experiência para as suas colegas de turma na escola. No relato que segue, chama a atenção que as mudanças no corpo, o prejuízo sobre os futuros relacionamentos e associação entre filhos e casamento foram questões negativas trazidas pela gravidez.

Eu falei que o corpo muda, disse pra meninas que se elas gostam do corpo, não tenham filho agora, por que a gente não tem uma liberdade como tem sem ter filho, vocês pensam que casa de pai e mãe e ruim? Não é, pior é morar com marido! Falei que até pra arrumar um namorado depois que tem filho é difícil, por que, assim, não é todo homem que aceita. Graças a Deus, assim, eu acho que sou tão cabeça sobre isso, que eu não me relacionei com qualquer um, então, os que eu me relaciono são bem maduros, assim, são novos mas são maduros e tem a cabeça aberta, então aceita minha filha, e me aceita do jeito que eu sou. Eu tenho vergonha, eu disse a elas, eu tenho vergonha dos meus seios, por que não era assim não! Era pequeno, agora tão flácidos tem estria, tem gente que diz ai tu é linda ! eu não acho, por que meu corpo mudou muito, eu era magrinha, apesar de que eu não me acho feia, mas mudou a aparência, eu tenho vergonha de ficar de biquíni, apesar que eu num tenho estria na barriga, eu tenho vergonha de ficar nua na frente de um homem... ai eu falando isso pra elas, e ate os meninos tavam curiosos perguntando: “ e ai? E o pai da menina?”falava sobre ele, me perguntava sobre ele, e todo mundo me conhece e conhece o pai da minha filha, ai todo mundo meio que: “ai! E tu passasses por isso?” é eu tive problema na gravidez, falei na outra sala, na minha sala também, são muito curiosos sobre isso e não tem ninguém pra falar .

Nesse fragmento, é possível perceber elementos que estiveram presentes nas três narrativas e que foram apontados como negativos sobre a experiência de *ser mãe*. Percebo que todos esses estão relacionados ao controle exercido sobre os corpos dessas jovens, quais sejam: o medo de ter o corpo sexualmente não atraente para os homens, a necessidade de afirmar um corpo disciplinado e que é diferente do corpo promiscuo das outras jovens. Todos esses resultados da gravidez fazem parte das solicitações desse corpo que às vezes aparecem como não habituais. Isso aponta uma contradição entre o lugar que os corpos dessas jovens estão normatizados e as suas resistências e referências ao corpo “amputado”. Nessa

contradição é interessante observar a relação do corpo *ser mãe* codificado culturalmente, a relação do corpo consigo próprio e a consciência de uma unidade corporal que ela tem de si. Tudo isso passa por uma reestruturação do organismo expostas nas marcas e invasões médicas, mas também não podemos esquecer da reestruturação do esquema corporal, que envolveu “traumas” nas jovens. Como visto na história dessas três jovens, a “atualização” do seu corpo passou pela consciência das marcas deixadas pela gravidez e do controle da sexualidade. A este respeito, a comparação entre as outras jovens que não são mãe surge como referência de um exemplo que não pode ser seguido:

Elas (as meninas de Gaibu) só querem ficar e pronto. Eu não gosto de ficar, eu gosto de namorar. Eu não gosto de ficar com um rapaz um mês, outro dois meses, eu não gosto, eu prefiro ta so, se é pra ta assim. Eu tenho 24 anos, tenho 4 filhos, eu vou ta com um e com outro? Eu não quero ser vergonha pra eles, eu quero ser um exemplo ne? (Aleida).

Apenas Aleida apontou o crescimento pessoal como aspectos positivos referente às quatro experiências de gravidez que teve. Já sobre os projetos profissionais, na vida dessas três jovens, a presença do CPS não teve força. Como mudança associada a essa presença, o impacto mais forte na história delas foi em suas relações afetivas. Aleida, por exemplo, teve dois filhos com homem trabalhador do CPS que é do estado de São Paulo. E Eleonor, à época, estava namorando com um trabalhador do CPS que é do estado de Minas Gerais. Já em relação à vida profissional, apenas Aleida tem como projeto de vida trabalhar no CPS. Mesmo assim, os aspectos negativos sobre os *homens de fora* foram bastante enfáticos corroborando com o que foi dito no capítulo anterior. Logo, como será analisado nesse capítulo, os impactos de um polo de desenvolvimento na vida das mulheres não representou inovações profissionais. Já a experiência da gravidez implica em uma contradição entre o *ser jovem* e o *ser mãe*, cujas solicitações sobre o corpo, mesmo que compreendida de maneira negativa, não possibilitou as jovens uma abertura crítica sobre a *reprodução de gênero*.

4.2 Intersubjetividades em jogo

Ainda sobre as histórias de vida de algumas dessas jovens e a minha relação com algumas delas, confesso que a grande necessidade que elas tinham de falar sobre suas vidas me provocava muita inquietação, pois sentia essa ânsia atribuir-me da responsabilidade de ser “psicólogo”. A minha aflição surgiu da associação que me foi feita pelo fato de estar pesquisando gravidez na adolescência. Quando conheci o marido de Rosa, por exemplo, ele achou bom o fato de eu conversar com a mulher dele, porque, segundo ele, ela parecia uma criança e ainda disse que “às vezes parece que tem três crianças em casa”. Por conta disso, comentou que seria importante uma pessoa como um “psicólogo” falar como ela, para tentar

mudar a postura dela de dona de casa. Essa era a esperança dele. Prometi que iria na casa dele, mas não prometi tentar converter a mulher dele em uma boa dona de casa. Já em outra ocasião, em uma conversa com a mãe de Alzira, ela disse que seria importante para a filha conversar com alguém para ouvir alguns “conselhos” e mais uma vez fui responsabilizado pela função de “psicólogo”.

Em alguns momentos da pesquisa eu ficava envolvido na tensão entre a subjetividade e a objetividade, já que eu tinha um dilema de se eu estava realmente fazendo antropologia, e ao mesmo tempo me sentia cobrado pelas minhas interlocutoras sobre um suporte que eu não tinha segurança e colocava limites sobre a minha atuação. Não pretendo questionar a objetividade em si, na verdade não quero questionar a cientificidade e os limites da objetividade e dos métodos, quero apenas concordar com Clifford (2002) ao afirmar que o dilema subjetividade e objetividade dentro das ciências humanas deve ser levado bastante a sério.

Para ajudar a resolver tal dilema Clifford afirma que: “como meio de produzir conhecimento a partir de um intenso envolvimento intersubjetivo, a prática da etnografia mantém certo status exemplar” (2002: 20). Equivalente a isto podemos falar de um jogo de emoções já muitas vezes referido em etnografias contemporâneas. Exemplos podem ilustrar o processo. Favret-Saad (originalmente 1977) quando se propôs a quebrar com a “grande divisão entre ‘eles’ e nós”, pretendia desfalecer a ideia de que o etnógrafo precisa de “proteção” contra o seu objeto (2005). De acordo com a autora, é necessário que o pesquisador se deixe “afetar” pelas emoções e especificações do campo, pois “quando se está em tal lugar, é-se bombardeado por intensidades específicas (...) esses lugares e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é única maneira de aproximá-los” (2005: 159).

O que me “afetava” era a atribuição de “psicólogo” com responsabilidades das quais eu não tinha capacidades técnicas. Contudo, as conversas com as jovens tinham um fio que conduzia a assuntos de extrema complexidade para a vida daquelas pessoas, expunham traumas e essas situações eram sempre muito tensas para mim. Etnografar uma história de vida, faz portanto, impreterível passar por um processo de relação intersubjetiva e a aproximação exige conquistas e a permissividade para as emoções no presenciamento etnográfico. A minha primeira preocupação foi ganhar a confiança das jovens e, principalmente, a simpatia delas. Não saberia como me portar diante das situações particulares de cada uma das entrevistadas, mas tudo isto de fato exigiu um verdadeiro “jogo de cintura” que tive que ter. Sem nenhum controle do campo, restava negociar as minhas emoções através

da troca em algumas situações me senti estabelecendo essa troca quando me colocava disposto a ouvi-las.

Elisa, uma das jovens com quem conversei, ao terminar a entrevista reclamou que a conversa com ela foi mais rápida do que a com Leila - amiga que fora entrevistada no mesmo dia - e falou: “logo agora que ia falar da minha relação com meu pai”. Desse reclame, falei que poderíamos continuar a conversa e assim fiz, liguei o gravador e começamos a falar sobre a relação de Elisa com o pai. Quando ela começou a falar sobre o assunto contou que resolveu sair de casa e ir morar com a sogra porque o pai batia nela e na mãe. Ela falou que a violência acontecia sempre quando o pai bebia, ou seja, todos os finais de semana. Como resultado dessa situação, a mãe se separou e ela saiu de casa para morar com o marido. É por isso que Elisa em alguns momentos relaciona a gravidez ao fator positivo de poder sair de casa, mesmo que não tenha sido de maneira ideal. São assuntos delicados como esse que, na posição de pesquisador, procurava relações naquela narrativa que se assemelha a tantas outras histórias de mulheres vítimas de violência. Por outro lado, tinha também um compromisso ético de conceder algum suporte para aquela jovem que necessitava falar sobre o assunto. Mas essa postura não é fácil, não é fácil buscar soluções para as aflições do outro, principalmente porque a cada pergunta a situação ficava mais delicada assim com a postura de Elisa, que se desconfigurava em lágrimas e lamentações pelo fato de o pai ser daquele jeito. E esse ponto as nossas contradições se chocavam as minhas aflições e as dela, já que para ela o envolvimento emocional com o pai impedia de criminalizá-lo, já a minha aflição era para culpá-lo pelo crime da violência contra a mulher.

Uma situação parecida é a Hildita, pois, assim como aconteceu com Elisa, me senti tensionado a partir dos relatos dessas duas e a minha insegurança de avançar em alguns temas que fugissem a minha alçada profissional. Eu temia invadir alguns traumas dessas jovens e não ter suporte profissional para ajudá-la. Contudo, o *feedback* delas em alguns momentos trazem-me segurança em perceber que de alguma maneira para elas era muito importante que alguém ouvisse aqueles desabafos inéditos sobre as suas vidas. Foi bastante delicado, por exemplo, o momento em que Hildita, falava da relação com a sua filha. Já lá pelo final da entrevista perguntei a Hildita como ela percebia a filha, já que em muitas passagens ele respondeu que às vezes a “ficha ainda não tinha caído” sobre essa nova condição de ser mãe. Mas dessa vez Hildita foi mais além e falou que algumas vezes percebi a filha como filha, mas outras vezes como irmã. Essa fala de Hildita tinha uma atmosfera angustiante, porque ela já tinha comentado que não queria que a filha sofresse aquilo que ela própria tinha sofrido com a ausência da mãe, pois ela fora criada pela avó. Mas na vida dela a história se repetia. E isso ficou muito claro quando presenciei a seguinte cena: a avó de Hildita dava de “mamar” a

bisneta com uma mamadeira do leite tirado dos seios de Hildita, enquanto essa estava ao computador “curtindo a internet”. Essa cena estava em completa coerência com o que disse Dona Nélia (avó de Hildita) sobre a neta e a bisneta quando as definiu como “apenas duas crianças”. E as responsabilidades de cuidado sobre essas crianças Dona Nélia já assumira quando disse para a neta que não deixaria ela perder a juventude, pois do bebe ela tomaria conta.

A minha tentativa de ser fiel ao relatar aqui o que aconteceu entre as minhas agonias e as aflições das jovens e a necessidade de explicitá-las poderia ser apontada na minha preocupação em saber se eu não estava atrapalhando em alguma coisa na vida daquelas pessoas. E de fato esta era a minha principal preocupação. Mas logo percebi que de alguma maneira poderia ser importante para aquelas jovens mulheres articular algumas coisas das suas vidas e que, por algum meio, a minha pesquisa estava atingindo uma dos objetivos de despertar uma reflexão sobre a condição de gênero. Mas eu mesmo ainda não estava convencido disto, pensava o quanto seria difícil expor os meus interesses enquanto presenciasse aquelas jovens que em alguns momentos expunham fragilidades e aflição de viver em tais condições, das quais não lhes foram dadas outras oportunidades de escolhas. Em meio a preocupação de seguir os objetivos da pesquisa e o meu autocontrole emocional e as aflições que já me contagiava, me permiti a intersubjetividade etnográfica.

4.3 Incorporando os recalques de *Ser mãe*

Passo agora para algumas narrativas de eventos relacionados à sexualidade e o início da vida reprodutiva das jovens mulheres. A partir desses relatos é possível observar como as jovens percebem o *campo do possível* e atuam em conformidade com os seus *campos perceptivos*. Neste sentido, gostaria de analisar inicialmente em que medida o recalque pode operar na incorporação de *habitus*. Nesse primeiro momento é interessante localizar a figura materna no âmbito do controle da sexualidade.

Tava tendo uma palestra sobre camisinha, essas coisas na escola, aí ela (a mãe) achou uma camisinha na minha bolsa e disse que eu estava me prostituindo. Eu tinha uns 10, 11 anos. Ela me expulsou de casa. E realmente eu não tinha nem como, só porque eu ganhei da escola. Eu disse para ela que eu ganhei da escola, mas ela ficou dizendo que eu estava me prostituindo. (Rosa)

Ela (a mãe) achou bom porque como eu perdi a virgindade cedo e como foi minha irmã que tinha contado a ela, não eu, ela ficou meia chateada, né? E aí, com isso, com medo pra que eu não ficasse aprontando, não saísse pra rua e ficasse mantendo caso com um e com outro porque tem muitos que faz isso... aí ela deixou. Ela disse: melhor ela casada e em casa do que no meio da rua fazendo as coisas erradas. (Alzira)

No começo eu não queria namorar, mas depois do primeiro namorado, ai eu já queria sair de casa, que era pra sair mais. Em casa não saia, em casa era sempre aquela coisa que... tudo a gente era culpado, tudo a gente fazia, sem ter feito. A gente namorava, sem ta namorando. Ai eu queria muito sair de casa. Minha mãe conversar comigo? Era assim... não tratava sobre nada, sobre nada, nada, nada.(...) Toda vez que saia com ele (o namorado), que chegava em casa, minha mãe batia em mim. Toda vez que saia. Ai uma vez eu olhei pra minha mãe e falei: “oh... eu vou sair, não vou ficar com ele, se eu chegar e apanhar, a senhora pode... quando eu sair de novo pode bater com vontade porque se eu apanhar quando voltar da rua, vou ficar com ele mesmo...” e ela não acreditou que eu não tava com ele. Ai quando eu cheguei, ela bateu em mim. “Pois agora eu vou ficar com ele, se a senhora não me quiser dentro de casa, eu saio. Só não vou ficar apanhando sem motivos, sem fazer nada.” eu não... nem namorava, eu tinha 12 anos. Ai eu peguei... ai ela: “você não disse que ele tem namorada, não sei o que...”, “mas isso é o mínimo”. Ai fiz ele (o namorado) acabar o namoro (com outra jovem), fiquei com ele, com 15 anos, engravidei. Já fui mulher com 15 anos e engravidei logo. (Aleida)

Depois que ela (a mãe) ficou sabendo que eu me perdi com ele, ai, meu Deus, ela virou umaAssim, ela não gostou porque eu não neguei, mas não falei para ela porque eu ficava com medo da reação dela. Ela foi percebendo o meu jeito e não sei o que. Falam que mãe percebe, né. Ai foi quando ela perguntou eu falei que era. Ai ela se arretou porque eu não falei logo no momento para ela.. Ai se arretou na hora ai disse (para o namorado) “já que é sua, então leve!” (Leila)

O que se revela nesses relatos, inicialmente, é que a descoberta da sexualidade passa por uma prática de enfrentamento do tabu e da autoridade das mães. Para as jovens, esse processo de abertura para o mundo, essa revelação do seu eu, do seu corpo, faz surgir campos de possíveis e novos hábitos são incorporados ao movimento delas no mundo. Tendo isso em vista, o “se perder” revela um movimento desafiador, é um enfrentamento de um medo, como relatado por algumas jovens, um rompimento de um tabu. E nisso a dominação é posta em questão, pois ir “para o mundo e se perder” desautoriza a autoridade dos pais. Aqui é possível perceber um conflito geracional, pois essa autonomia frente à família expõe a jovem ao discurso contraditória dos seus pares (Heilborn et al., 2002). E mesmo que a sexualidade seja tabu em casa, na rua, com outros jovens, ela é exercida e codificada dentro de outras normas. Neste sentido, eventuais pressões contraditórias decorrentes de influências geracionais divergentes expressam-se de forma privilegiada no modo como as adolescentes experimentam sua sexualidade. Antes de discorrer mais sobre os conflitos geracionais entre as jovens e suas mães, gostaria de pontuar algumas coisas sobre o controle da sexualidade das jovens.

Como é possível notar, foi comum a menção a experiência do controle da mãe sobre a sexualidade das filhas. Sobre isso, observo que a iniciação sexual, ainda que revelada às mães, não autoriza as jovens a exercerem autonomia sobre os seus corpos, pois, mesmo depois de ter “se perdido” alguém tem que ser responsabilizado pelo controle da sexualidade delas. Nos casos de Alzira e de Leila, essa troca do exercício de dominação fica bem evidente: “já que é sua, então leve” ou “melhor ela casada e em casa do que no meio da rua”. Ainda sobre os relatos das jovens, é possível compreender que esse poder sobre o corpo não é passível de negociação, isso está fortemente atrelado ao fato de temas relacionados à sexualidade e vida reprodutiva se apresentarem como tabus, que foram desafiados por elas através do movimento corporal de abertura para o mundo sendo isso uma possibilidade própria de conhecer o mundo. Contudo, essa margem de escolha individual é limitada pelas prescrições sociais, pois “se perder” denota uma relação com o exercício do controle sobre o corpo das filhas contra os perigos do espaço do público. Pensando que “estar guardada” seria um possível contrário ao “estar perdida”, neste sentido há uma relação entre troca de responsabilidades sobre a sexualidade dessas jovens. “Estar guardada” sobre os poderes da mãe no privado da casa é o que autoriza o controle sobre a sexualidade da filha e tem também uma associação com o cuidado sobre o que é seu, neste caso a filha. Ainda sobre o cuidado, ser uma boa mãe é zelar pela sua filha e guardá-la. Na rua ela se perde e uma vez perdida, não cabe mais a mãe a autoridade do cuidado. Essa conclusão é similar a de Scott et al. (2002) quando diz que, mesmo diante o surgimento de novos comportamentos, a pureza da jovem é ainda considerada capital simbólico, símbolo de honra familiar.

Essa heteronomia dos corpos das jovens, que é marcada pela ausência de diálogos entre elas e as mães sobre temas relacionados à sexualidade e a intimidade do corpo, impedem o conhecimento do mesmo o que reforça a falta de autonomia nas decisões relacionadas à vida sexual e reprodutiva. Isso compromete os seus projetos de vida, pois o tabu sobre esses assuntos pode resultar em acontecimentos não planejados, como é o caso de uma gravidez. O anúncio da menarca, por exemplo, uma marca biológica sobre um processo de amadurecimento de entrada na vida reprodutiva, é experienciado através do silêncio de um assunto proibido. Nos relatos a seguir é possível identificar como o desconhecimento sobre essas passagens anunciadas pelo corpo também pode ser um elemento importante para compreender o recalque na constituição do *habitus de ser mãe*.

Só para tu ter noção, a minha mãe quando menstruei da primeira vez ela riu da minha cara. Eu estava muito nervosa, pensando que eu estava com alguma coisa, que eu estava morrendo e ela ficou rindo da minha cara. E ela mandou eu ir para a casa da minha irmã, eu lembro até hoje, foi muito humilhante para mim. Foi muito estranho,

até hoje eu acho que tenho um certo trauma disso. Foi até em uma tarde. Eu fui no banheiro, no que eu fui no banheiro, aí eu senti um negócio doendo aqui no pé da barriga, doendo. Aí do nada saiu sangue. Aí eu “Mainha, o que tá acontecendo?”. E saindo sangue. Aí ela “vai tomar banho”. Aí eu “eu tô morrendo! Eu tô morrendo”. Comecei a me desesperar. Aí ela botou para ri. Aí ela disse “Toma, bota isso na calcinha”, era o absorvente, “Eu vou botar isso para o que? Mainha, me explique o que está acontecendo”. E ela rindo da minha cara. “Ao, toma a tua passagem e vai para a casa da tua irmã”. “Dá para a senhora me dizer, eu vou desse jeito assim é para a casa da minha irmã? – Você vai, vai lá e conversa com ela. (Rosa)

Quando eu menstruei não sabia nem o que era, que ela não conversava comigo. Depois... aí fiquei com vergonha de dizer a ela, nem ó... acho que quase um ano depois que eu... quando mostrou que eu tinha uma dor de cabeça... mainha descobriu porque não tinha isso de conversar. Tinha muita, muita vergonha dela, nunca tomei banho na frente da minha mãe. (Aleida)

Ao acompanhar essa relação entre mulheres de gerações diferentes, que é marcada pela inacessibilidade a fatores que são determinantes na vida sexual e reprodutiva das jovens mulheres, percebe-se indícios da compreensão sobre elementos de *reprodução de gênero*. O que marca também esse conflito entre as gerações é o medo e a dificuldade em falar sobre assuntos relacionados ao corpo feminino. No relato de Rosa, por exemplo, a mãe dela se esquivou para apresentar a filha aqueles sintomas da menstruação, até então desconhecido por Rosa. Já Aleida descobriu de outras formas e falar com a mãe sobre o assunto nunca foi natural. Chiquinha, por exemplo, compreende que a tentativa da mãe e da avó de prevenir a sua primeira gravidez foi “prendendo-a” em casa, embora esse recurso tenha falhado.

Ela (a mãe) nunca foi de conversar comigo, assim... essas coisas (de sexualidade), sabe? A gente se dá super bem, mas assim... esse negócio assim... de conversar, a gente foi assim, nunca. E eu assim, na minha infância assim... eu fui muito presa dentro de casa, entendeu? Acho que o medo foi tanto, dela e da minha avó, que quando eu fui... eu fui pro mundo, eu engravidei logo, entendeu? Aí foi muito cedo. (Chiquinha)

No discurso de Chiquinha, a percepção dela sobre a idade que engravidou está representada pela precocidade porque ela teve uma experiência que lhe permitiu constituir esse significado corporal. Ir “para o mundo” e conhecer a sua sexualidade trouxe para a vida de Chiquinha consequências imprevistas, pois isso partiu de um enfrentamento normativo cuja proibição nunca fora argumentada, apenas proibida. Talvez o medo da avó e da mãe tenha uma justificativa, pois, de acordo com Chiquinha, a mãe “engravidou mais nova do que eu, foi com 14 ou foi com 15. Teve muito nova, jovem também”. Poderíamos perguntar por que, então, Chiquinha cometeu o mesmo “erro” que a sua mãe cometeu ao engravidar “muito

cedo”? Essa pergunta, aliás, é comumente referida às jovens que passaram pela experiência de uma “gravidez precoce”. Tal inquirição transparece um pouco de injustiça com essas jovens, já que se julga terem elas conhecimento suficiente sobre seus corpos e suas vidas sexuais para decidirem se querem e quando querem ser mãe. Retomando o caso de Chiquinha, ela tinha uma representação de uma gravidez precoce ao citar a experiência da sua mãe, mas essa representação conceitual não pode ser compreendida como um condicionante para a sua ação, pois ela criou essa representação depois da sua própria experiência. Como vimos, Chiquinha não percebeu simplesmente o fato objetivo da sua mãe ter engravidado cedo. O que ela percebeu estava em correspondência com os significados das suas necessidades mais urgentes, que era ser “livre” e assim ela decidiu romper com a autoridade exercida sobre o seu corpo. Mas, quando foi “para o mundo” Chiquinha encontrou contingências que lhe solicitaram uma reflexão sobre questão que sempre foram tabu. Foi a partir dessa experiência corporal que ela elaborou a representação sobre o medo da mãe e da avó que tentava prevenir que ela cometesse o mesmo erro.

Na vida de Alzira e de Hildita há também episódios bastante inquietantes que gostaria de refletir para buscar compreender a *reprodução* e o agenciamento na incorporação desses *habitus* reproduzido. Para isso, gostaria de localizar nos relatos a seguir a relação entre a *representação conceitual* e as *percepções solicitadas* para analisar como as jovens atuam sobre a descoberta do seu corpo. Narrando como foi que a sua iniciação na vida sexual, Alzira diz:

Aí a gente foi pra rua, tudinho... aí quando chegou em casa, ele começou a me beijar, tudinho... aí eu nem sei como foi que rolou, porque normalmente quando a pessoa perde a virgindade, muitas diz que sentem dor, mas eu não senti dor, não senti nada. Não senti nem penetrando. Depois eu só vi o sangue mesmo (Alzira).

Já Hildita fala nesse fragmento porque transava sem camisinha com o namorado.

Porque a gente, tipo, a prima dele ia (transar) direto sem camisinha, aí eu pensei se ela não engravida, eu também não vou engravidar não, mas aí aconteceu (Hildita).

E Chiquinha fala dos seus medos e incertezas sobre a primeira experiência sexual.

Eu sempre ficava pensando: “Meu Deus como é que eu vou fazer? assim... como é que vai acontecer a minha primeira vez e no outro dia eu ficar com vergonha?” entendeu? Assim, foi. (Chiquinha)

Na vida dessas jovens existia uma representação de algo antes da experiência corporal. Então, a “dor”, o “sangramento”, o “medo”, a “impossibilidade da gravidez” foram representações conceituais anteriores, através das quais foram constituídos significados do corpo. Nas

experiências narradas, houve um resgate da *representação* a partir do exercício motor. Isso, portanto, constitui uma síntese perceptiva corporal. Se a sexualidade e vida reprodutiva das mulheres são um tabu, logo essas *representações* foram refletidas na prática, pois as solicitações da realidade não estavam claramente estabelecidas nas *representações*. É só então quando as *representações* ganham um significado corporal através da experiência dessas jovens, que elas aprendem sobre os seus corpos.

A imersão dessas jovens na vida sexual e reprodutiva se deu a partir da percepção das *representações* de tabu sobre seus corpos, que guiou as suas decisões recalcadas em correspondência às normas culturais incorporadas. Contudo, essas jovens não perceberam simplesmente esses elementos culturais e objetivos do seu ambiente, elas perceberam nos termos do significado das suas ações atuando, decidindo, escolhendo e enfrentando o desconhecido. Mas a isso estavam atreladas as consequências dessa ação que não eram previstas e, por isso, a gravidez acontece como uma experiência não planejada, mas bastante mobilizadora.

Gostaria agora de analisar como as exigências da gravidez foram significativas para o processo de incorporação do *habitus ser mãe*. No discurso sobre as vivências associadas ao corpo atribuídas à gravidez das jovens mulheres expuseram como essa novidade na vida delas já apresenta solicitações do processo de incorporação do *habitus ser mãe*. Chama a atenção, também, nos fragmentos a seguir, como as manifestações do corpo *não* são naturalmente reconhecidas como sintoma de gravidez reforçando a ideia de que o papel social de gênero é um desenvolvimento social, tal qual o *habitus ser mãe*, e que por isso é apreendido através das experiências de autocontrole.

A minha mãe que me levou para o médico, falando que porque eu comecei logo com enjoos, ai ela falou “ tas bem grávida, né?” ai eu disse que não, que era verme. Ai ela disse “então vamos para o médico”. Ai eu fiz o exame, o beta, ai deu positivo. Tava com 6 semanas quando eu descobri.(...)eu não desconfiava não. Até porque eu não sabia os sintomas da gravidez. Eu não sabia, pensei que fosse verme (Leila).

Já tava com 5 meses e não sabia, comecei passando mal, passando mal (...) e o pior é que eu nunca liguei muito para esse negócio de menstruação, nunca liguei. (...) Ai de repente, eu passando mal ai ele (o marido) “ o que é que tu tem, vamos no médico.” Tava passando mal mesmo, como se a minha pressão estivesse baixa, eu sentia um negócio assim, sugando. Uma coisa que eu acho engraçado até hoje é que mexia, mas eu não sabia, eu pensava que eram as minhas lombrigas. Eu ia fazer 5 meses, a barriga já tava grandinha, mexia e eu pensava que tinha lombriga na minha barriga (risos). Pergunta a ele (o marido) a minha barriga era dessa finura. A minha barriga estava como se tivesse acabado de almoçar, pronto, a minha barriga

ficava daquele jeito. Mas depois que eu descobri que estava grávida pá! A minha barriga cresceu muito e comecei a ficar gorda. Ai do nada eu comecei comer, fiquei gulosa, estressada do nada. (Rosa)

Assim como Leila e Rosa, Henriqueta e Aleida também não reconheceram os sintomas da gravidez, mas essas advertem sobre as complicações futuras em relação às suas condições de ser mulher e jovem.

Como eu descobri, rapaz, eu nem acreditava para falar a verdade. Eu descobri, eu fiz o exame, quando eu soube todos esses exames eu nem sabia. Eu estava suspeitando, eu disse a ele, ele ficou na dele né? Ele (o companheiro) fez; eu acho que você está mesmo e tal, não sei o que. Ai todo aquele medo porque filho homem nem tanto, mas mais a mulher, eu tinha medo de dizer a mainha e tal. Mas tranquilo eu disse; se eu tiver eu vou assumir, jamais eu ia tirar, nunca, nunca, nunca...(Henriqueta).

Quando eu descobri que tava grávida (do primeiro filho) foi assim... eu já desconfiava, quando eu tava com quase 4 meses, ai depois eu fiquei com medo por causa da minha mãe e do meu irmão. Mesmo sem morar aqui, eu fiquei com medo. Ai depois minha tia me levou pra fazer o exame, ai eu tava grávida (Aleida).

São as expressões de incômodos no interior dos seus corpos, que ao se projetarem para fora, serão codificadas culturalmente como um importante deslocamento social para o status de grávida. Isso vai representar um intenso processo de mudança na personalidade dessas jovens e na sua identidade com a configuração que estão em constante relação de interdependência. Identifico aqui uma “psicogênese”, pois inicia-se na vida dessas jovens o desenvolvimento de um novo *habitus*. Elas passaram, assim, a cultivar uma nova relação com a estrutura e serão exigidas de outras formas. Isso significa que elas precisaram manter, assim, uma relação fundamental com uma forma de visibilidade que obriga a viver o drama de suportar e manifestar em seu próprio corpo uma referência ao dilema de *ser mãe* e *ser jovem*.

Ao falar sobre a experiência da maternagem, é comum no discurso das jovens referências ao deslocamento do deixar de *estar jovem* por conta do *ser mãe*. Parte desse prejuízo aparece relacionado às mudanças no corpo que caracteriza uma experiência com o “não habitual”. Há também o autocontrole sobre seus corpos que as jovens manifestam como solicitação sobre o *ser mãe*. É neste sentido que gostaria de refletir sobre a identidade da juventude, que passa a se reconhecer como identidade quando inscreve-se a atribuição das diferenças que marcam as rupturas geracionais. Os conflitos intergeracionais, motivados pelos comportamentos transgressores e contra-normativos, passam a exercer e efetivar aspectos de mudanças sociais historicamente reconhecidos. Nos corpos juvenis, de certa forma, tem-se o

veículo desse contestar. A partir deste ponto de vista, a justificativa de Hildita sobre o afastamento dos seus amigos depois que ela engravidou é emblemático.

Eu acho que sim, porque, não sei, às vezes eu acho que é coisa da minha cabeça. Porque eu acho que às vezes eles acham que eu não sou... que eles pensam que eu sou uma pessoa velha já, porque eu tenho um filho aí eu sou uma pessoa velha, não sou mais aquela menina feito criança (Hildita).

A gravidez traz nesse sentido uma mobilidade rumo a adultez, contudo a contradição localizada no discurso das jovens sobre o desejo de ainda *ser jovem* e a responsabilidade de *ser mãe* expõe um descontentamento sobre isso. Essa contradição entre a “moral a zelar” e a “perdição de ser jovem” apareceu também em uma conversa que tive com Elisa e Leila. A relação com a religião surgiu como um fenômeno de bastante relevância na vida dessas meninas. Em vários momentos elas comentavam que depois que tinha “entrado para igreja” não saiam mais para se divertir. Foi bem interessante quando eu estava combinando um horário com Elisa para uma entrevista e uma das possibilidades seria na sexta, já que nesse dia ela não teria aula, mas aí uma das amigas lembrou-a que na sexta ela não poderia porque tinha ensaio, daí eu perguntei se era ensaio da quadrilha e todos sorriram e responderam em reprovação “crente não pode dançar não, é ensaio das músicas da igreja, do coral”.

Entrar para a igreja, como elas dizem, configura com um investimento em um futuro melhor. Durante a entrevista com Elisa, por exemplo, quando perguntei quais as expectativas para o filho dela, ela respondeu que queria criá-lo nos ensinamentos da igreja. Perguntei porque, e ela respondeu que é diferenciado e vai orientá-lo para o caminho “correto da vida”. Mas ao mesmo tempo as obrigações quando se é “da igreja” exigem sacrifícios, como usar vestido, que é “roupa de velho”. Elas foram unânimes quanto a isto principalmente Leila e Elisa, porque, além de precisar usar os vestidos na igreja usaram durante a gravidez. Elisa também fez essa associação sobre as roupas adequadas para a gravidez, quando perguntei se ela não gostava de vestido, ela respondeu que gostava daqueles vestidos “curtinhos e bonitinhos”. O corpo “materno e sagrado” deve restringir o corpo como objeto de desejo quando o corpo das meninas passam pela experiência da gravidez elas não se permitem usar biquines ou, por exemplo, ir à praia de biquini quando se está com a filha, segundo relatou Leila. Ela falou que foi apenas uma vez para praia de biquini depois que teve a filha, mas nesse dia ela estava sem a filha. “Eu não gosto não de ficar de biquini depois que eu tive filho, não sei porque. (...) Só quando eu vou sem filho, agora com ela não. Quando eu vou com ela eu fico de short na praia”. Esse auto-controle sobre o corpo como parte de incorporação do *ser mãe*. Foi comum em outras narrativas.

As minhas roupas sempre foram pretas, eu vim parar mais de usar roupa preta quando (a primeira filha) tava com um ano, um ano e dois meses, porque mainha dizia que eu parecia uma maloqueira. A menina bonitinha de rosa e eu de preto. Eu já mãe de família não podia mais fazer isso. Realmente eu caí na real e comecei a usar roupa diferente. Eu não gostei muito dessa mudança não, mas eu tive que fazer isso. (Rosa)

Usar as roupas que descaracterizam a sua identidade de jovem é um recalque que corresponde às necessidades da *pureza* do *ser mãe*. O corpo marcado pela maternidade não pode expor o *perigo* (Douglas, 1991) da juventude nem da sexualidade. É também uma experiência visual, mas não habitual de si que passa a ser vivida por essas jovens.

A galera não olha você como mulher, olha você como buchuda. Meu irmão, ontem tinha uma delicia (um homem bonito) na parada de ônibus, chega eu passei me achando. O cara: “ a senhora não sei o que”. Já mudou tudo! (risos) É foda! O buchú atrapalhou o babado (...) Eu acho. Não adianta, um homem não vai olhar como uma mulher. (Rosa)

Também fica nítido nessa experiência de Rosa que a codificação do *habitus ser mãe* além de ser um corpo que não manifesta desejo é também um corpo que foi deslocado da geração. Ao meu entender, o tratamento “senhora” exposto no fragmento narrado por Rosa a posicionou em uma geração diferente da que ela se identifica. A própria Rosa associa a sua condição de *ser mãe* a outras mudanças que aconteceram na sua vida e que exigiram esse deslocamento geracional. “*Depois que eu fui mãe, eu mudei muita coisa. (...) Minha rotina, o meu jeito de falar. Meu jeito de se vestir não é mais o mesmo*”.

Usa “roupa de velha” durante a gravidez e durante o exercício da maternidade é um demarcado que localiza o engravidar como “coisa de velha”, ou seja, há nesse discurso um estranhamento sobre a situação de estar grávida sendo jovem e a necessidade de adequar o corpo aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos onde as jovens se identificam. (LOURO, 2007; FOUCAULT, 2011). No caso das jovens, esse investimento no corpo são efeitos da ação de representação e identificação com o lugar social que se deseja ser reconhecido. Na medida em que as jovens reconhecem a necessidade de serem identificadas como mãe, ao usarem roupas de “velha” por exemplo, tornam-se conscientes de seus corpos. Porém, a resistência e não identificação com esses *habitus* questionam esse investimento disciplinar sobre eles. Isso demonstra que a incorporação não é simplesmente uma reprodução silenciosa. Quando o poder é exercido sobre nosso corpo, “emerge inevitavelmente a reivindicação do próprio corpo contra o poder” (FOUCAULT, 2011). Buscamos, todos, formas de resposta, de resistência, de transformação ou de subversão para as imposições e os investimentos disciplinares feitos sobre nossos corpos (FOUCAULT, 2011).

Outro conflito enfrentado por algumas jovens, atrelado à experiência da gravidez sobre seus corpos, está nas mudanças que marcam uma fragmentação desses. No corpo atual as insatisfações estão localizadas em partes que são precedidas com insatisfação. Ao narrarem sua experiência como o novo corpo, grande parte das jovens descreve essas mudanças falando das estrias deixadas na barriga ou a flacidez dos seios. A gravidez surge, então, como uma solicitação da recomposição da unidade corporal e a elaboração desse novo corpo que tem partes indesejadas.

Eu tenho vergonha dos meus seios, por que não era assim não! Era pequeno, agora tão flácidos tem estria, tem gente que diz ai tu é linda ! eu não acho, por que meu corpo mudou muito, eu era magrinha, apesar de que eu não me acho feia, mas mudou a aparência, eu tenho vergonha de ficar de biquíni, apesar que eu num tenho estria na barriga, eu tenho vergonha de ficar nua na frente de um homem.
(Eleonor)

A barriga foi murchando assim... que foi desinchando, apareceu as estrias e mais nunca, nunca fui a mesma. Nem a galera: “menina, fica bem clarinha as estrias.” Mesmo assim, eu tenho aquele preconceito, aquela vergonha. Logo quando eu conheci esse menino, que eu to namorando, tinha uma vergonha danada, uma vergonha que ele me visse, mas mesmo passando a mão sente ne? depois de dois meses, ele “ou menina por que tu tem vergonha de mostrar essa barriga heim?”. Ai eu: “nada não”, ele: “é por que tu tem estria é?”, “ouxi da pra sentir é?”, ele “da, claro, tocando da pra sentir.” Sempre tive vergonha desse dia, mas dos meus filhos, eu nunca tive vergonha.
(Chiquinha)

Eu acredito que sim, porque acho que eu me acabei mais (depois da gravidez), porque eu passei a me preocupar com casa de aluguel, com marido, com filho, com essas coisas todinha. Isso acaba com a pessoa. É, porque casa de aluguel tem que se preocupar com aquela data. Filho ficar doente. (Leila)

Essas marcas também passam a fazer parte do conteúdo da experiência vivida. Essas experiências vividas por meio de aspectos da corporeidade que evidencia mudanças estéticas promove uma nova percepção dessas jovens sobre si mesma. Neste sentido, compreendo que uma dimensão “não-habitual” se manifesta e, por isso, as ações dessas jovens no cotidiano passam a fazer parte das orientações que as guiam em determinadas direções. Ou seja, a presença de elementos não habituais influencia os novos modos de perceber, os sentidos e significados do contato delas com o seu corpo e, por consequências, com as solicitações do meio.

Por meio da revelação de desconforto sobre essas novas marcas evidentes em seus corpos, é possível analisar como parte da incorporação do *ser mãe* e demonstração da

reorganização do corpo se dar através da aquisição de um “hábito” (Merleau-Ponty, 1999). Neste sentido, é pertinente lembrar que “o hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo ou de mudar de existência anexando a nós novos instrumentos” (Merleau-Ponty, 1999 p: 199). Na compreensão dessas jovens, o desfazer-se do *ser jovem* envolve a adequação do corpo que ainda não é habitual. Novos investimentos técnicos serão necessários até que esse corpo atual torne-se habitual. A incorporação do *habitus ser mãe* de acordo com as experiências dessas jovens, exige que muitas ações sejam recalçadas para a manutenção das normas sociais.

Minhas irmãs quando namoravam mudavam o jeito de se vestir, o jeito de falar. Mudavam assim, eu não sei te explicar, ela não ficavam mais “puta”, como diz a história, elas não ficavam mais “puta”. Então eu não poderia ser mais “puta” (Rosa).

Eu acredito que sim, porque acho que eu me acabei mais, porque eu passei a me preocupar com casa de aluguel, com marido, com filho, com essas coisas todinha. Isso acaba com a pessoa. É, porque casa de aluguel tem que se preocupar com aquela data. Filho ficar doente (Leila).

As mudanças que ocorreram tem muitas né, porque se agente sai, depois que tem filho agente não sai mais, se sai tem que carregar o bebê né, não saio. Antes eu saía, gostava muito de sai, tu não tinha noção, eu gostava de sai, quem gostava de sai era eu, a noite, passava a noite curtindo vinha pra casa de manhã, hoje em dia não faço mais isso né, hoje em dia só cuidar mesmo de casa, almoço, botar os meninos pra escola, fazer janta, fazer café, e assim vai, só isso, minha vida é essa: dentro de casa só fazendo as coisas, vivendo pros filhos né, porque depois que agente tem filhos a pessoa vive pra eles. (Anita)

Ser mãe é estar sempre vigiada e atuar conforme esse disciplinamento que as faz ter consciência do que é *ser mãe* a partir desse investimento disciplinar sobre seus corpos. Essa é a medida do *recalque* que condiciona o autocontrole para incorporação do *habitus* desassociado do *ser jovem*. E uma das cobranças sobre esse *corpo de mãe* é a manutenção da “pureza” deste corpo em detrimento ao “perigo” de desviar da norma (Douglas, 1991). São essas exigências de manutenção de um padrão de valores, para manter o que se compreende como responsabilidade das jovens mães, é a exigência de um padrão marcado por gênero e geração de reprodução da responsabilidade da mulher-mãe e a rede de cuidados como uma exclusividade feminina. Com relação a essas atribuições e compartilhamento sobre o cuidado das crianças nos primeiros anos de vida, é relevante uma observação sobre os dados do questionário. Quando perguntadas sobre quem ajudou a cuidar do bebe, 64,9% das jovens

responderam que a sua mãe colaborou. As outras cuidadoras foram a sogra que representou 8,1% e a avó 2,7%.

Seguindo isso, algumas questões despertam, pois depois das suas experiências, desse saber do corpo, algumas jovens entrevistada colocaram a gravidez como um prejuízo.

Não ficou a mesma coisa do que antes não, acho que tudo virou um problema. Já começou, começou logo com a escola, que eu estudava no Eritáfio escola de referência do Cabo... E eu sempre quis estudar, desde pequena eu queria estudar no Eritáfio, aí eu peguei, lutei, estudei, estudei para passar na prova. Passei, aí estudava lá, aí teve que sair de lá, porque estudava o dia todo e, por eu vomitar muito e enjoar muito, não tinha como passar o dia todo na escola. Já começou daí. Aí eu me afastei dos meus amigos. (Hildita)

Por uma parte foi bom visse, não me arrependo de ter meu filho, mas se eu pensasse se pudesse voltar atrás, assim eu não teria não, hoje em dia eu estava com meus estudos completo trabalhando entendeu? Primeiro se estruturava pra primeiro pensar em ter filho, se conseguisse voltar atrás assim eu não queria não, queria era outra vida. (Anita)

Identifico esse descontentamento com a maternidade como uma tensão entre o *ser mãe* e o *ser jovem*. Isso fica muito claro na situação em que diante essa experiência, elas disseram que se uma jovem com a mesma idade que elas quisesse ser mãe deveria...

Para mim, assim, uma pessoa se fosse adolescente e quisesse engravidar agora e daria conselhos para ela terminar os estudos dela, que planejasse o futuro primeiro, trabalho, emprego. Depois um casamento e ter suas coisas, tudinho, para depois, pensar em planejar. O que eu aconselho a ela é: criança é bom é uma coisa que faz a gente feliz, mas engravidar agora ? Nãoo, e como é que vai ser essa criança ? O futuro dela, se ela não tem nada, não trabalha, uma estrutura ... Agora, na minha mente, eu acho assim por que procurar uma gravidez na adolescência ? A pessoa adolescente não entende realmente o que é ser mãe, como cuidar de uma criança, os métodos direito de cuidar de uma criança. Aí eu imagino assim, né, pra quê engravidar na adolescência se pode passar por uma necessidade (...) poderia deixar para mais tarde, mais madura pra saber lher dar com a situação, com a criança e assim por diante, ter mais estrutura (Alzira).

Eu diria que agora não, que ela aproveitasse um pouco, porque mesmo com a minha mãe cuidando dela (da filha) para eu sair eu acho que não é a mesma liberdade de antes, porque fica aquela obrigação de ter que dá de mamar de ajudar também, né, porque você não vai jogar para a sua mãe e dizer: “cuida” e sair, entendeu (Hildita).

Eu diria que foi a pior besteira que ela fez, não tivesse filho agora não, porque perdeu de curtir a vida, né. Porque a partir do momento

que a pessoa tem filha ela não é como antes. Deixa de sair para vários cantos. Eu mesmo se pudesse voltar atrás so teria filho com 20 anos em diante. Porque eu acho que já teria gozado bastante a vida (Leila).

Se fosse hoje eu acho que não queria não! Com a cabeça que tenho hoje acho que queria não! (...) porque, por que eu assim, tenho outros planos pra mim, e com um filho agora seria meio que impossível de realizar, mas mesmo assim eu gosto da minha filha! Ela é uma benção pra mim, mas se fosse com a cabeça que eu tenho hoje acho que não engravidaria não. (Eleonor)

Não posso deixar de reconhecer a capacidade de reelaboração dessas jovens a respeito da experiência de viverem algo não planejado, porém bastante mobilizador nas suas vidas, como ficou claro no capítulo anterior sobre as estratégias criadas para dar continuidade aos seus projetos. Contudo, o agenciamento dessas jovens confirmam a reprodução da estrutura de gênero com relação a vida sexual e reprodutiva ao incorporarem o *habitus ser mãe*. A exigência de um deslocamento geracional como consequência da gravidez resultou em espécie de “psicogênese”, que ao analisá-la foi possível identificar elementos de formação do *habitus ser mãe*. Mas evidenciou, também, uma tensão distância a maternidade da identidade de ser jovem.

Quando o corpo das jovens, que passaram pela experiência da gravidez, manifesta os códigos somáticos que as definiam socialmente por *ser mãe* essas marcas passam a fazer parte do conteúdo da experiência vivida. Identificar isso foi importante para compreender como o processo de mudança experienciado pela gravidez, através da presença de elementos não habituais, culminou em novos modos de perceber o meio. As solicitações do corpo *ser mãe*, por meio das *desconfiança* e *relocação* daquele corpo nos parâmetros culturais não foram aceitas passivamente pelas jovens, mas as suas atuação não extrapolou o âmbito do seu íntimo. Ou seja, as agências dessas jovens estiveram presentes no seu enfrentamento do desconhecido sobre o tabu que velava os seus corpos. Contudo, a realização da maternidade reforçou a posição de gênero e resultou em uma *reprodução*.

Considerações Finais

Neste trabalho procurei demonstrar como ocorreu o agenciamento da incorporação do *habitus ser mãe* em mulheres jovens. O objetivo da investigação quis, também, compreender como a gravidez interferiu na experiência geracional, por dois caminhos: projetos de vida e vida sexual e reprodutiva. Com base nas informações observadas em um contexto de intensas transformações sociais influenciadas pelos impactos de desenvolvimento econômico, procurei

analisar em que medida essas mulheres, sendo jovens, conseguiram se inserir na dinâmica do desenvolvimento econômico. Neste sentido, as principais pretensões deste trabalho foram: contribuir com uma agenda de gênero que busque compreender as possibilidades do empoderamento da mulher no âmbito do público e demonstrar como o comportamento de gêneros culturalmente situado atua com força sobre os corpos das mulheres, e isso contribuí para uma reprodução de gênero naturalizada através de simbolizações e percepções em torno do corpo e de especificações biológicas na sua transformação, como é o caso da gravidez. Na minha pesquisa, a inserção feminina foi analisada a partir da “realização de vocações” sugeridas pela implementação do CPS. Em meio a isso, surge a gravidez durante a juventude e ao analisar essa experiência, o controle sobre o corpo feminino culminou, também, em uma reprodução de gênero.

Seguindo isso, identifiquei que o CPS é um polo de desenvolvimento e, como tal, incorporou na população local a ideia de “vocações” ao associar a importância daquelas pessoas para a construção do projeto do CPS. Entendo que isso foi confirmado ao perceber no discurso das pessoas a possibilidade de empregos como benefício trazido por esse polo de desenvolvimento. Contudo, essa relação trouxe também grandes impactos sociais. De acordo com os depoimentos das mulheres que foram entrevistadas, o maior impacto social relatado foi a presença massiva de homens atraídos pelos empregos gerados. Sobre isso, identifiquei que essa política desenvolvimentista não beneficia as mulheres, já que, como narrado por elas, foram vítimas de uma opressão de gênero que limitou a circulação dessas no espaço público de convivência.

Como consequência desse fluxo migratório, o espaço de convivência pública de Gaibu passou por mudanças simbólicas marcadas pela relação de confiança. Disso, surgiu um “pedaço” como novo espaço de sociabilidade, que foi identificado como o lugar onde antes era o público - a “rua” em que as pessoas se conheciam e desenvolviam um laço de confiança. Nos “pedaços” dessas jovens, assim como relatado em algumas entrevistas, é possível identificar as amigas, que são diferentes das “menininhas” ingênuas e os *homens de Gaibu*, que são diferentes dos *homens de fora*, pois aqueles são conhecidos da vizinhança. Os *homens de Gaibu* fazem parte de um ambiente socialmente reconhecido, que antes englobava grandes partes da vizinhança em Gaibu, já que nesse espaço “todo mundo se conhecia, andava pela rua, oi fulano, oi sicrano, hoje em dia dá até medo de você sair”, relata uma das jovens.

Nesses espaços de confiança estabelecidos nas relações com os conhecidos os *homens de fora* não são inseridos. O que autoriza a participação de um desses desconhecidos no âmbito do “pedaço” é o “tempo de convívio” e a desconstrução da desconfiança, como relatou uma das jovens. Quando esse laço é estabelecido o *homem de fora* sai da classificação de uma

generalização estigmatizada e passa a ser “considerado”. Tem suas qualidades individuais reconhecidas. Compreendo que a desconfiança direcionada para os estranhos está fixada na opressão de gênero praticada por esses sobre os corpos das jovens entrevistadas. Tudo isso pode ser compreendido como um processo de mudança social tendo em vista que encontramos uma inter-relação entre «sociogênese» dos processos sociais e «psicogênese» dos processos individuais, ou seja, as definições particulares de um estão associadas às definições particulares do outro. Isso quer dizer que, o mesmo aparato dinâmico que produz resultados estruturais na sociedade produz resultados comportamentais no humano. E nos casos analisados, os resultados produzidos nesse “processo civilizacional” destacou-se a assimetria na relação de gênero que tencionou a mulher ao privado e não beneficiadas do CPS.

Já é exposto que a questão investigativa deste trabalho procurou compreender a constituição da pessoa a partir das solicitações do corpo em duas ambiguidades possíveis pelo fenômeno da gravidez na adolescência: mudança somática; mudança estrutural. Para isso, a fenomenologia do corpo apresentada por Merleau-Ponty permitiu compreender que a experiência da gravidez trouxe solicitações e um agenciamento sobre um corpo atual que não era habitual. E esse habituar-se ao “novo” corpo apareceu na percepção que essas jovens tiveram do que é ser mãe. Sobre a percepção dessas mudanças somáticas as jovens experienciaram também um deslocamento geracional. As análises dos discursos mostraram que ao se reconhecerem como mãe, as jovens expuseram uma contradição entre o *ser mãe* e o *ser jovem*.

Os resultados dessas reflexões foram bastante sugestivos para se empreender uma análise sobre o processo de mudança corporal, como efeito da gravidez, que em alguma medida intensificou os padrões de conflito intergeracional e implicou no processo de reconhecimento identitário sobre o *ser jovem*. Partindo disso, tive a intenção de resgatar o “ator” cultural sem evitar as questões de subjetividades. Para isso, sugeri que o corpo, fosse entendido como um espaço de manifestação das ações internas e externas ao sujeito.

Tendo em vista a presença do CPS nos projetos de vida das jovens, procurei compreender como se realiza, na vida das jovens, as “vocações” anunciadas pelo discurso criador do polo de desenvolvimento em questão. E nas narrativas dessas encontrei uma relevância sobre o surgimento de novas possibilidades de atuação profissional para as mulheres. Apesar disso, entre a prática de atuação nesse novo espaço e a dinâmica de vida dessas jovens mães, existem elementos que reforçam uma reprodução de gênero relacionada à sua condição de mãe e muitas vezes impõem a elas outros aspectos de cobrança que impossibilita o investimento em um projeto de vida profissional que exija mais tempo.

Com relação às mudanças geracionais, no que se refere à vida laboral, foi possível concluir que as jovens buscaram ampliar as suas possibilidades profissionais investindo nos estudos. E isso ficou evidente na diferença entre o nível educacional das duas gerações analisadas e a procura por especificações profissionais através dos cursos profissionalizantes. E grande parte desse estímulo veio da presença do CPS, que apresentou um novo campo de atuação profissional, porém muito direcionado às especificidades do projeto, que não se adéqua aos sonhos de algumas jovens entrevistadas. De qualquer maneira, mesmo essas que não se viram realizadas pelas ofertas do CPS buscaram se inserir nessa *vocação* para tentar solucionar os problemas relacionados às condições materiais delas e dos filhos. Por tudo isso, no meu ponto de vista, a gravidez na vida dessas jovens *reproduziu* a assimetria de gênero. E, mesmo que o CPS não proporcione uma igualdade de gênero com relação às ofertas de inserção no mercado de emprego, a partir da ampliação do *campo de possibilidade* profissional para as mulheres, o que constituiu uma significativa mudança *geracional*, a representação *trabalho* fruto dessas novas experiências, despertou nessas jovens mulheres um novo âmbito de atuação ainda não realizado, já que a presença de mulheres trabalhando no CPS ainda é muito pequena.

Voltando a falar da experiência corporal, dei foco às referências feitas pelas jovens entrevistadas aos seus corpos alusivas às suas experiências sexuais e da/das gravidez/es. O que pretendia encontrar eram os significados das mudanças somáticas atribuídos à gravidez e como isso manifestava a objetificação dos corpos femininos. Associado a isto, a discussão abordou a incorporação do *habitus ser mãe* e as implicações dessa para um possível deslocamento geracional. Foi possível ver, com isso, que o hiato de tempo entre a descoberta da gravidez e os primeiros anos de vida da criança resultou em uma representação de prejuízo do ser jovem.

Sobre a sexualidade, o que se revelou nos relatos é que a descoberta da sexualidade passa por uma prática de enfrentamento do tabu e da autoridade das mães. Para as jovens, esse processo de abertura para o mundo, essa revelação do seu eu, do seu corpo, faz surgir campos de possíveis e novos hábitos são incorporados ao movimento delas no mundo. Tendo isso em vista, o “se perder” revela um movimento desafiador, é um enfrentamento de um medo, como relatado por algumas jovens, um rompimento de um tabu. E nisso a dominação é posta em questão, pois ir “para o mundo e se perder” desautoriza a autoridade dos pais. Aqui é possível perceber também um conflito geracional, pois essa autonomia frente à família expõe a jovem ao discurso contraditória dos seus pares (Heilborn et al., 2002). E mesmo que a sexualidade seja tabu em casa, na rua, com outros jovens, ela é exercida e codificada dentro de outras normas. Neste sentido, eventuais pressões contraditórias decorrentes de influências

geracionais divergentes expressam-se de forma privilegiada no modo como as adolescentes experimentam sua sexualidade.

Essas análises permitiram perceber que a experiência do controle da mãe sobre a sexualidade das filhas foi bastante comum. Sobre isso, observo que a iniciação sexual, ainda que revelada às mães, não autoriza as jovens a exercerem autonomia sobre os seus corpos, pois, mesmo depois de ter “se perdido” alguém tem que ser responsabilizado pelo controle da sexualidade delas. Ainda sobre os relatos das jovens, foi possível compreender que esse poder sobre o corpo não é passível de negociação, isso está fortemente atrelado ao fato de temas relacionados à sexualidade e vida reprodutiva se apresentarem como tabus, que foram desafiados por elas através do movimento corporal de abertura para o mundo sendo isso uma possibilidade própria de conhecer o mundo. Contudo, essa margem de escolha individual é limitada pelas prescrições sociais, pois “se perder” denota uma relação com o exercício do controle sobre o corpo das filhas contra os perigos do espaço do público. Pensando que “estar guardada” seria um possível contrário ao “estar perdida”, neste sentido há uma relação entre troca de responsabilidades sobre a sexualidade dessas jovens. “Estar guardada” sobre os poderes da mãe no privado da casa é o que autoriza o controle sobre a sexualidade da filha e tem também uma associação com o cuidado sobre o que é seu, neste caso a filha. Ainda sobre o cuidado, ser uma boa mãe é zelar pela sua filha e guardá-la. Na rua ela se perde e uma vez perdida, não cabe mais a mãe a autoridade do cuidado.

Tudo isso evidência que falar sobre assuntos relacionados ao corpo da mulher constitui um tabu que dificulta o exercício da autonomia feminina, principalmente sobre o planejamento familiar. Como consequência disso, muitas vezes, surge a gravidez como um evento não planejado, mas bastante mobilizador. Por isso, é necessário pensar políticas públicas que promovam um pensar sobre o corpo que desassocie desse as vergonhas e as culpas. A prevenção, seja de DST ou gravidez, não deve ser construída através de um discurso moralizador que associa esses resultados à ineficiência da educação familiar. Levando em consideração o contexto analisado, é de extrema relevância que as questões de gênero não sejam inviabilizadas. Neste sentido, duas coisas se destacaram na minha pesquisa 1) as mulheres foram as principais vítimas da presença do CPS, pois sofrem uma opressão com a massiva chegada de homens no cotidiano dessas e isso reforça e naturaliza uma desigualdade de gênero; 2) as milhares de ofertas de empregos sugeridas pelo CPS não contempla o referencial profissional do horizonte feminino. Por tudo isso, ficou claro que o desenvolvimento concentrado não traz benefícios para as mulheres e não amplia a atuação profissional dessas.

Referências bibliográficas

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. 5ª ed. rev. e ampl. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ACIOLY, R. F. D. *Os imponderáveis de (não) ser o nativo: as implicações do deslocamento do pesquisador no método da etnografia*. Monografia, UFPE, Recife, 2011.

ALMEIDA, Marcos M. Araujo. *Ilha de Tatuoca: as pectos da influência de Suape sobre a vida e paisagem*. Monografia, UFRPE, Recife, 2010.

ALMEIDA, Miguel V. Corpo presente. In: _____(Org.). *Corpo presente: treze reflexões antropológicas sobre o corpo*. Oeiras: Celta Editora, 1996.

ALVES, Paulo César & RABELO, Miriam Cristina. “Repensando os estudos sobre representações e práticas em saúde/doença”. In: ALVES, Paulo César & RABELO, Miriam Cristina (Orgs). *Antropologia da Saúde: traçando identidades e explorando fronteiras*, pp107 - 121. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.

BARROS, Myriam L. “Gênero, cidades e geração: perspectivas femininas.” In: Barros, Myriam L (ed) *Família e Geração*, pp. 17-34. Rio de Janeiro : FGV Editora, 2006.

BERNARDO, Kátia J. C. “As relações intergeracionais e a violência familiar contra o idoso.” In: MOTTA, Alda B.; AZEVEDO, Eulália L. & GOMES, Maria Q. C. (eds) *Reparando a falta : dinâmicas de gênero em perspectiva geracional*. Salvador : UFBA, 2005.

BIRMAN, J. “Tatuando o Desamparo: a juventude na atualidade.” In: Brasília: UNESCO, 2006.

BRANDÃO, E. R.; HEILBORN, M. L.; AQUINO, E. M. L.; KNAUTH, D. R. & BOZON, M. Juventude e família: Reflexões preliminares sobre a gravidez na adolescência em camadas médias urbanas. *Intersecções: Revista de Estudos Interdisciplinares*, 3:159-180, 2001.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. “Conhecer desconhecendo: a etnografia do espiritismo e do carnaval carioca” in Velho & Kuschnir (orgs) *Pesquisas Urbanas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

CHARLOT, Bernard. *Da relação com o saber: elementos para uma teoria*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- CLIFFORD, James. *A Experiência Etnográfica*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- COURTINE, Jean-Jacques. “O corpo anormal: história e antropologia culturais da deformidade”. In: COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. (Orgs). *História do corpo: as mutações do olhar: século XX*, Petrópolis: Vozes, v.3, PP. 253 – 340, 2008.
- CSORDAS, Thomas. *Corpo/significado/cura*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2008.
- DEBERT, G. G. *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: EDUSP, 1999.
- DIAS, A. B., & Aquino, E. M. L. Maternidade e paternidade na adolescência: Algumas constatações em três cidades do Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, 22, 1447-1458, 2006.
- DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. Lisboa: Edições 70, 1991.
- ELIAS, Norbert. *O Processo Civilizador: Uma História dos Costumes*. Vol 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- _____. *O Processo civilizador*, 2 vols, Rio de Janeiro, Zahar, 1994b.
- _____. *A Sociedade dos Indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.
- ELIAS, N e SCOTSON, J. *Os estabelecidos e os outsiders*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- FAVRET-SAADA, J. Os Afetos, a etnografia. *Cadernos de Campos*, n.13, 2005.
- FERREIRA, J & SCRIBANO, A. Introdução. In:_____. *Corpos em concertos: diferenças, desigualdades e desconformidades*. Recife: Ed UFPE, 2011.
- FORACCHI, Marialice M. *A Juventude na Sociedade Moderna*. Livraria Pioneira, 1972.
- FOUCAULT, M. “Poder – corpo”. In: FOUCAULT, M., 2001. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal. PP: 145 – 152, 2011.
- FORACCHI, Marialice M. *A Juventude na Sociedade Moderna*. Livraria Pioneira, 1972.
- GONÇALVES, Helen; KNAUTH, Daniele. Aproveitar a vida, juventude e gravidez. *Revista de Antropologia*. São Paulo, v.8, n. 2, p. 625- 643, 2006.

- HEILBORN, M. L. Et Al. Aproximações socioantropológicas sobre a gravidez na adolescência. *Horizontes Antropológicos*, 8:13-45, 2002.
- JAGGAR, M. Alison. Amor e conhecimento: a emoção na epistemologia feminista. In _____ . *Gênero, Corpo, Conhecimento*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1988.
- LE BRETON, D. *A Sociologia do Corpo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2010.
- LOURO, Guacira L. Pedagogia da sexualidade. In: _____. (org) *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Belo horizonte, Autêntica, 2007. PP: 7 – 34, 2007.
- MAGNANI, J. Guilherme. *Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade*. 2. ed., São Paulo: Hucitec, 1998.
- MANNHEIM, Karl "O problema sociológico das gerações" [tradução: Cláudio Marcondes], In Marialice M. Foracchi (org), *Karl Mannheim: Sociologia*, São Paulo, Ática, pp. 67-95, 1982.
- MANZI, F. "Em torno do corpo próprio e sua imagem". Dissertação, USP, São Paulo, 2007.
- MATTA, Roberto. *A casa e a Rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- MAUSS, M. *sociologia e antropologia*. São Paulo, Cosac naify, 2003.
- MELO, R. "Da visibilidade dos corpos disformes: um estudo sobre cirurgias cosméticas mal sucedidas". Tese, UFPE, Recife, 2012.
- NOBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. *Estud. psicol. (Natal)*, Natal , v. 13, n. 2, Aug. 2008 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413294X2008000200006&lng=en&nrm=iso>. Access on 18 Aug. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-294X2008000200006>.
- OLIVEIRA, M. W. Gravidez na adolescência: Dimensões do problema. *Cadernos da CEDES*, 19(45), 48-70, 1998.
- PANTOJA, A., "Ser alguém na vida": uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. In: *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 19(Sup. 2): S335 – 344.
- PEIRANO, Mariza. "Os Antropólogos e suas Linhagens". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v.117. n.50. p.43-51, 1991.

PIRANI, Denise. 2001. *Do campo ao texto, do objeto ao sujeito*. ANPOCS, Caxambu, mimeo.

RIBEIRO, G. Empresas transnacionais. Um grande projeto por dentro. São Paulo/ Rio de Janeiro, barco Zero/ANPOCS, 1991.

_____. Bichos de Obra: fragmentação e construção de identidades. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 18, 1992, PP. 30-40. 1992.

RIOS, Luís Felipe et al . Rumo à adultez: oportunidades e barreiras para a saúde sexual dos jovens brasileiros. *Cad. CEDES, Campinas* , v. 22, n. 57, Aug. 2002 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010132622002000200004&lng=en

&nrm=iso>. access on 18 Aug. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-32622002000200004>. Rubin (1993)

ROMDENH-ROMLUC, Komarine. Thought in action. 2012. Consultado em 17/04/2012 <http://komromrom.files.wordpress.com/2012/02/final.pdf>.

SCAVONE, Lucila. *A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais*. *Cadernos Pagu*, (16) 2001: p. 137-150.

SCOTT, R. P. 2006. “Gerações, comunidades e o Programa Saúde da Família: reprodução, disciplina e a simplicidade administrativa.” *In*: Barros, Myriam L (ed) *Família e Geração*, pp. 17-34. Rio de Janeiro : FGV Editora.

SCOTT, R.; QUADROS, M.; LONGUI, M., 2002. Jovens populares urbanos e gênero na identificação de demandas de saúde reprodutiva. *Revista Brasileira de Estudos da População*, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 219-228.

SCOTT, R. P. ; QUADROS, Marion ; LONGHI, Márcia, 2003. Jovens populares urbanos e gênero na identificação de demandas de saúde reprodutiva. *Revista Brasileira de Estudos da População* . Campinas, v. 19, n. 1, p. 209-228.

SCOTT, R. P. . Quase adulta, quase velha: porque antecipar as fases do ciclo vital?. *In*: Maria Dulce Silva; Inez Sampaio Nery. (Org.). *Cenários e personagens plurais: estudo de gênero do 9º encontro da REDOR*. Teresina: NEPEM/UFPI, 2002, v. , p. 207-217.

SCOTT, R. P. ; FRANCH, M. . Jovens, moradia e reprodução social: processos domésticos e espaciais na aquisição de habilidades e conhecimentos. *Estudos de Sociologia (Recife)*, v. 7, p. 95-126, 2004.

SCOTT, R. P. ; ATHIAS, Renato Monteiro ; QUADROS, M. T. , 2007 . *Saúde, Sexualidade e Famílias Urbanas, Rurais e Indígenas*. Recife: Editora Universitária UFPE. v. 1. 187 p.

LOSS, M. A., & Sapiro, C. M. Processos psíquicos do engravidamento na adolescência em contexto de periferia: Impasses e possibilidades. *Psicologia USP*, 16(4), 69-98, 2005.

SILVA, Lucía; TONETE, Vera Lúcia Pamplona. A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. *Rev. Latino-Am. Enfermagem, Ribeirão Preto* , v. 14, n. 2, Apr. 2006 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692006000200008&lng=en&nrm=iso>. access on 18 Aug. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-11692006000200008>.)

SILVEIRA, F. A. Corpos enredados – germinados: a questão do corpo em Foucault e Merleau-Ponty. *Memorandum*, 13 , 73-87, 2007. Retirado em 10/07/2013, da World Wide Web <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a13/silveira01.pdf>

TORQUIST, Carmen Susana. “Vicissitudes da Subjetividade:auto-controle, auto-exorcismo e liminariedade na antropologia dos movimentos sociais” in Bonett& Soraya, *Entre saias justas e jogos de cintura*. Florianópolis. Editora Mulheres: Edumisc, 2007.

TAVARES, Maurício A. Caminhos cruzados, trajetórias entrelaçadas: vida social de jovens entre o campo e a cidade no Sertão de Pernambuco. Tese, UFPE, Recife, 2009.

INGOLD, T. Humanity and animality. In: INGOLD, T. (Ed.). *Companion encyclopedia of anthropology*. London: Routledge, 1994. p. 14-32.

VIEIRA, Sirley. PIÃO TRECHEIRO: trabalho, sexualidade e risco no cotidiano de homens em situação de alojamento em Suape (PE). Dissertação, UFPE, Recife, 2013.

WEEKS, Jeffrey. 2007. “O corpo e a sexualidade”. In: LOURO, Guacira L. (org) *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Belo Horizonte, Autêntica, 2001. pp. 35-82.

Anexos

1. Histórias de vida em resumo

Rosa

Na história de vida de Rosa, existem três experiências de gravidez, sendo que uma delas era à época da entrevista, ou seja, Rosa tinha uma filha de 4 anos, um filho com quase dois e estava grávida de 8 meses. À época, ela estava com 21 anos, ficou grávida pela primeira vez aos 17 e foi mãe com 18 anos. Morava com as duas crianças e com o companheiro, que é o pai dos três filhos. Com esse homem ela namora desde os 13 anos. Rosa é adotada e este fato vai ser determinante na sua vida, pois, como ela mesma define, “depois desse dia o meu mundo desabou”. A descoberta da adoção estabelece um grande marco na relação de Rosa com a sua mãe. Ela descobre que é adotada aos dez anos e diz que depois desse dia a sua vida mudou muito. Ela não faz uma relação direta entre esse evento com o fato de não sentir que a sua família era uma Família. Como a própria Rosa relata: “Eu nunca tive uma relação de filha, de mãe, de irmão... a única relação que eu tive foi com o meu irmão, assim, mas muito turbulenta. Nunca tive irmão para desabafar, para chamar de irmão. Nunca tive essa relação em família, Família”. Contudo, em muitas partes da narrativa de Rosa quando o evento da adoção era citado muitas culpas eram atribuídas à mãe. Já a relação de Rosa com pai é referendada de muita saudade, pois este já tinha falecido quando ela tinha 10 anos. “Meu pai me chamava de Cristalzinha (risos). Ai eu não queria que ninguém me chamasse assim,...) depois que ele faleceu, eu tinha 10 anos, ai eu não queria que ninguém me chamasse de Cristal.”

Anita

Anita estava casada e é mãe de dois filhos. À época o menino tinha 7 meses e a menina 7 anos. Diz que a mãe era com quem mais falava sobre sexualidade: “minha mãe é minha mãe e amiga”. Em um dos seus relacionamentos afetivo sofreu violência física por duas vezes: “na primeira ele pediu mil desculpas né ai eu desculpei, aí a segunda ai eu já esgotou né, eu disse não eu vou ta apanhando da minha mãe, que minha mãe não vive dando em mim, nunca levei uma tapa do meu pai, pra ta apanhando de um homem que eu nem sei de que buraco saiu”.

Alzira

Alzira à época da entrevista estava com 18 anos, morava com o companheiro, que é pai da única filha. Alzira engravidou aos 16 e foi mãe aos 17 anos. Como ela relata, a relação com a mãe foi mediada por muito controle e a mãe sempre foi muito “braba e ignorante”, por isso, falou que o casamento significou a sua liberdade. “Como eu era muito presa, eu agora depois que casei, fiquei assim... não é que eu goste de sair, mas tive mais privacidade, sabe? porque

minha mãe reclamava de tudo”. A história de vida da mãe de Alzira é narrada a partir de episódios trágicos, tais como a perda de um filho ainda bebê por doença e vários abandonos por conta da gravidez desse filho. De acordo com Alzira, a sua mãe saiu de casa com 12 anos, foi morar em São Paulo na casa de uma tia e engravidou. Depois que essa gravidez foi descoberta, a mãe de Alzira foi posta para fora de casa. De volta para Pernambuco, a mãe de Alzira foi expulsa da casa da mãe também por conta dessa gravidez. Foi uma tia dela que acolheu, ajudou a cuidar do filho e conseguiu um trabalho. Mas essa tia faleceu e, assim, diz Alzira, “a minha avó ficou tomando conta dele, aí foi no tempo em que ele adoeceu, teve uma pneumonia e veio a óbito”.

Chiquinha

Chiquinha tem 22 anos, engravidou aos 16, foi mãe aos 17 anos e teve o segundo filho aos 19 anos. O primeiro parto de Chiquinha foi bastante complicado. O segundo filho dela mora com a avó paterna. De acordo com Chiquinha, isso fez parte de uma negociação porque ela trabalhava, e estava difícil para ela cuidar de duas crianças. Contudo, desde o início do nascimento desse segundo filho, devido a um quadro de depressão da avó dessa criança, Chiquinha sofreu um pouco de pressão para deixar a criança sobre os cuidados da avó paterna. É como a própria Chiquinha relata: “teve uma briga entre a minha mãe e a minha sogra porque (a mãe) queria que eu passasse o resguardo na casa da minha mãe e a outra queria que eu ficasse lá (na casa da sogra), entendeu? Por conta assim, porque até era o primeiro neto dela e mainha já tinha Kaue, aí não aceitava de jeito nenhum, aí eu fui pra casa de mainha”. Esse segundo filho, de acordo com os relatos de Chiquinha, proporcionou uma reorganização na vida emotiva da avó paterna: “hoje em dia, ela me pede obrigado pelo neto que eu dei a ela, entendeu? Que chama ela de mãe.” E Chiquinha ainda faz questão de deixar claro a sua preferência entre os dois filhos: “... eu amo meus dois filhos, só que... assim...Kaue, ele... é uma pessoa que eu mais me apeguei, entendeu? Eu mais me apeguei assim...até por conta do mamãe, ele é muito carinhoso, muito carinhoso, muito, muito, muito”. A relação de Chiquinha com a mãe não teve muita proximidade sobre assuntos da vida sexual delas. Já com o pai foi diferente: “mas assim... jogo aberto com meu pai de que com a minha mãe, entendeu? Que eu tinha medo da reação dela, mas não tinha dele, entendeu? Sempre foi assim”.

Aleida

Aleida estava com 24 anos quando foi entrevistada, teve a primeira gravidez aos 15 anos, a segunda aos 19, a terceira aos 21 e a quarta aos 24 anos. A mãe de Aleida não é mais viva, mas ela relatou uma relação bastante conturbada. De acordo com os relatos de Aleida, a sua mãe proibia que saísse de casa para se divertir: “aí toda vez que saia com ele (namorado), que

chegava em casa, minha mãe batia em mim. Toda vez que saía”. Depois desse episódio ela foi morar com o pai do seu primeiro filho. Contudo, voltou a morar com a mãe porque ela tinha câncer e estava morrendo. Mesmo assim, “primeiro ela me botou pra fora de casa, falou que não me queria em casa, que não sei o que, aí falei pra ela: “deixa eu dormir aqui pelo menos hoje”. Ela falou: “você vai dormir na rua, mas não dormia em casa”. Ela só conseguiu cuidar da mãe depois que padrasto entrevistou e falou: “ a única filha que é boa pra você é ela, então porque você não quer ela dentro da sua... da sua casa, ela tem casa, ela não vai morar com ninguém não.” Sobre a relação com o pai, Aleida falou de muitas magos e histórias de abandono. “Ele abandonou a gente quando era criança, depois voltou cego por causa da solda, ele era caldeireiro e eu ajudei muito ele, fiz tudo por ele”, mas segundo Aleida ele nunca reconheceu esse cuidado.

Eleonor

Eleonor tinha 18 anos, engravidou com 14, foi casada e mesmo estando separada, ainda morou um tempo com a sogra, porque não queria morar com o pai dela. Passou um tempo morando no Rio de Janeiro cuidando de uma idosa. Em sua história de vida, ela evidencia dois traumas “(..) eu tenho medo num é de ser traída é da rejeição, eu fui tão rejeitada que eu fiquei meio traumatizada em relação a isso”. E o outro é em relação a sua sexualidade, “por que as experiências de sexo que eu tive foram muito horríveis, não que era ruim, mas a maioria dos caras não conseguia transar comigo! Eles brochavam!”. Sobre a relação com os seus pais, ela destaca que “ele (o pai) se separou da minha mãe, aí ela... aí somos em quatro meninos, quatro filhos, daí ela pegou e deu os quatro pro meu pai (cuidar)”. Esse “abandono” dos filhos, de acordo com Eleonor, foi porque a sua mãe teve depressão. O outro “abandono” foi durante a gravidez, quando o pai soube que “eu tava grávida ele me botou pra fora de casa eu acabei me sentindo só, mesmo o pai da minha filha me apoiando, mas eu me sentia só, era como se eu não tivesse família, tava na família de outro!”.

Henriqueta

Henriqueta tinha 18 anos quando foi entrevistada. Aos 17 anos foi mãe de um menino. Ela destaca na sua história de vida que sofreu muito durante o casamento com o pai do seu filho, porque ele era “desses homens mulherengo... ele saía me deixava em casa só, eu grávida, chegava tarde, bebia, mas nunca foi de me bater, nunca foi de estar gritando não”. Henriqueta relatou que em nenhum momento teve apoio do pai da criança e por isso, ela disse, “é muito difícil ser mãe solteira é uma barra, por mim eu nunca imaginei estar passando por isso que eu estou passando hoje, de ser mãe solteira, ter que morar com a minha mãe, querendo ou não passa na cara as coisas, está entendendo?”.

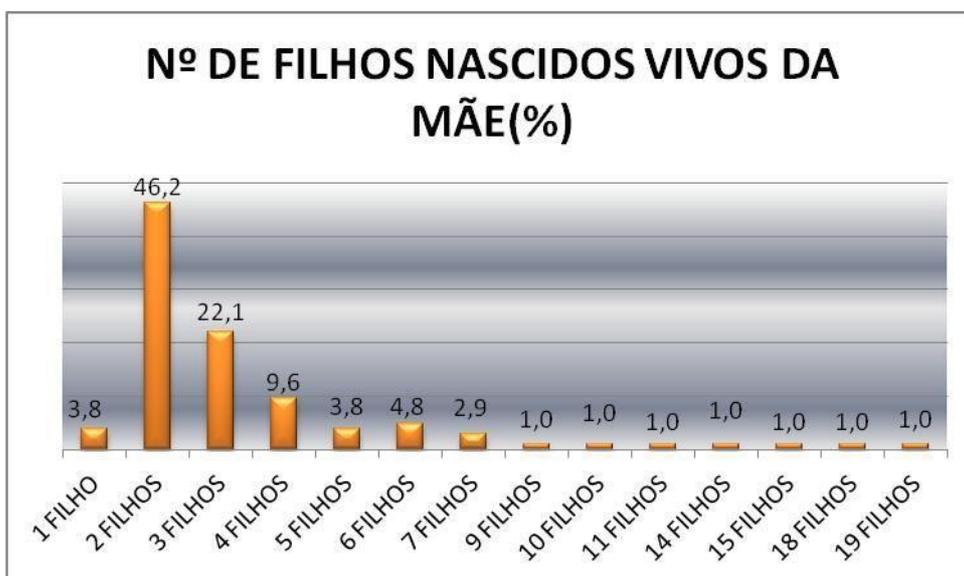
Hildita

Hildita foi a mais nova de todas as jovens entrevistadas. À época estava com 14 anos e com essa mesma idade foi mãe. Morava com a avó materna, a quem chamava de mãe. Essa avó ajudava a cuidar da filha. O namorado, que é pai da filha, passou a morar com Hildita para ajudar nos cuidados da criança. O destaque na história de vida de Hildita foi a sua relação com a mãe. Segundo os relatos, a mãe de Hildita não queria se ver como mãe nem avó, por isso tratava a neta como sobrinha. “Vou ser mais próxima dela (da filha), porque a minha mãe não foi muito próxima. Ela nunca..., por eu morara com a minha avó, ela devia fazer mais questão que eu fosse pra casa dela, ficar mais com ela, mas, não, ela nunca se interessou em chamar, sabe”. De acordo com a jovem, avó disse que “ia me ajudar a cuidar e que eu não ia parar de ir para os cantos que eu ia antes, porque ela ia ficar com o beber e eu tinha que curtir a minha juventude ainda, eu era muito nova e ela iria me ajudar”.

Leila

Leila estava com 18 anos quando foi entrevistada, engravidou aos 16. Morou com a avó até os 13 anos, depois voltou a morar com a mãe. Parou de estudar por conta da gravidez. À época da entrevista, Leila morava com o companheiro e a filha. Falou que a sua gravidez não foi planejada, mas depois que se tornou mãe ficou disse que “dedicaria a minha vida para ela (a filha). Hoje mesmo se o meu marido quiser sair, eu não to nem ai. Eu vou levar a minha filha, é o que importa na minha vida. Só a minha mãe e minha filha agora”. Essa reflexão está relacionada à história de vida da sua mãe, que foi abandonada pelo pai de Leila. Foi por isso, também, que Leila precisou ir morar com os avós, porque a mãe precisava trabalhar para se sustentar e não tinha como cuidar das filhas.

2. Tabela.



3. Preferência de trabalho

Preferências de trabalho	
Advogada 30,8%	Guarda municipal 12,5%
Agente ambiental 18,3%	Lavadeira de roupa 1,9%
Agente de Saúde 14,4%	Manicure 7,7%
Agente de viagem 26,0%	Marceneira 5,8%
Assistente social 25%	Médica 26%
Auxiliar de cozinha 5,8%	Pedreira 1%
Auxiliar de enfermagem 31,7%	Pescadora 1%
Balconista 24%	Garota de programa 5,8%
Cabeleireira 16,3%	Recepcionista 52,9%
Camareira 12,5%	Secretaria 62,5%
Cozinheira 7,7%	Policial 22,1%
dona de loja 71,2%	Professora 20,2%
empregada doméstica 2,9%	Soldadora 38,5%
Enfermeira 30,8%	Técnica em informática 51%
Engenheira 50%	Vendedora ambulante 11,5%
Garçonete 12,5%	Vendedora em loja 42,3%
Gerente 67,3%	Zeladora 8,7%